



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LITERATURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MARIA KAROLYNE REIS SANTANA

**A ESCRITA COMO RESISTÊNCIA CONTRA O APAGAMENTO LITERÁRIO E
SOCIAL NOS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E DINA SALÚSTIO**

FORTALEZA

2024

MARIA KAROLYNE REIS SANTANA

A ESCRITA COMO RESISTÊNCIA CONTRA O APAGAMENTO SOCIAL E
LITERÁRIO NOS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E DINA SALÚSTIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Literatura Comparada. Área de concentração: Literatura/s, Linguagens e Outras Poéticas.

Orientadora: Prof. Dra Cristina Maria da Silva.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Federal do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R311e Reis Santana, Maria Karolyne.

A ESCRITA COMO RESISTÊNCIA CONTRA O APAGAMENTO LITERÁRIO E SOCIAL
NOS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E DINA SALÚSTIO / Maria Karolyne Reis
Santana. – 2024.

136 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,
Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2024.

Orientação: Profa. Dra. Cristina Maria da Silva.

1. Apagamento social. 2. Escrevivências. 3. Literatura afro-brasileira. 4. Literatura
caboverdiana. 5. História. I. Título.

CDD 400

MARIA KAROLYNE REIS SANTANA

A ESCRITA COMO RESISTÊNCIA CONTRA O APAGAMENTO LITERÁRIO E
SOCIAL NOS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E DINA SALÚSTIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Literatura Comparada. Área de concentração: Literatura/s, Linguagens e Outras Poéticas.

Aprovada em: 06/02/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Cristina Maria da Silva (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Alessandra Corrêa de Souza
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Dr. Atílio Bergamini Júnior
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos meus ancestrais.

A mainha. Minha família

e as minhas amigas e amigos

que sempre estiveram comigo.

AGRADECIMENTOS

Inicio esses agradecimentos pedindo licença e reverenciando todos os ancestrais que me guiaram até aqui, sei que não estou sozinha e que o caminho trilhado por quem veio antes foi árduo e por isso não deve ser desperdiçado, e tenho certeza que estou orgulhando cada um deles.

Agradeço à Universidade Federal do Ceará, pelo apoio financeiro com a bolsa de auxílio e a CAPES pelo apoio financeiro durante parte do curso.

À Profa. Dra. Cristina Maria da Silva, pela excelente orientação amigável, leve, compreensiva e humana.

Aos professores participantes da banca examinadora Prof. Dra. Alessandra Corrêa de Souza e Prof. Dr. Atílio Bergamini Júnior pelo tempo, pelas contribuições e o olhar cuidadoso com meu trabalho.

Aos colegas da turma de mestrado pelas reflexões e contribuições tanto no período das aulas remotas, como no presencial.

Aos grupos de pesquisa Escrivivência de Mulheres Negras em Diáspora (UFS) e Rastros Urbanos (UFC) pelos encontros, leituras e reflexões que foram essenciais durante a minha formação.

À minha rede de afeto: Adriana Santos, Raiane Santos, Ranielle Souza e Valdilene Gama (medusa) que sempre caminharam comigo e acreditaram em mim quando nem eu mesma acreditava, me tornando resistência.

A todos os meus amigos e amigas de Sergipe e principalmente do Ceará (ou os que fiz aqui e são de outros estados) que me acolheram desde que cheguei. Me considero uma pessoa de sorte com a quantidade de amigos e amigas que tenho, são muitos nomes que não caberiam aqui, mas cada um sabe a importância em minha vida e o quanto eu sou grata a todos em suas peculiaridades.

À toda a minha família que sempre acredita em mim, e me apoia em todas as decisões.

As meninas da Residência Estudantil F03-UFS que me acolheram no final das minhas graduações e fizeram que eu me sentisse parte de uma grande família.

A todos os meus professores e professoras, os que acreditavam em mim e principalmente àqueles que descreditaram, dedico esses agradecimentos a todos vocês que me fizeram mais forte e com mais vontade de não parar pelo caminho.

Em primeiro lugar eu escrevo para existir, eu escrevo para mim. Eu existo no mundo e a minha existência repete-se nas outras pessoas. E neste caso é um livro, que depois será lido. (Paulina Chiziane).

RESUMO

Estudar sobre literatura também nos encaminha para pensá-la como um fenômeno atemporal que sempre está em evolução e, por este motivo, há obras que, mesmo fazendo parte do cânone literário, em algum momento, à medida que ocorrem modificações sociais, são apagadas e silenciadas desse espaço, como é o caso das obras escritas por pessoas negras. Neste trabalho, objetiva-se evidenciar, a partir dos contos de Conceição Evaristo e Dina Salústio, de que forma através das suas escritas elas, enquanto mulheres negras, reafirmam sua existência dentro do meio social e literário. Investigar como suas obras contribuem para protagonizar narrativas plurais nos possibilita entender suas escritas como forma de oportunizar sujeitos historicamente marginalizados, além de contribuir para o estudo de literaturas antirracistas e decoloniais. Pesquisar essas literaturas propõe uma outra dimensão, no sentido de compreender a sua magnitude para estudar as histórias dos povos africanos e os que compõem a diáspora, narrando vivências e problemáticas que fazem parte do contexto social contemporâneo. A metodologia utilizada se constrói a partir da leitura seletiva de textos teóricos como *Memórias da Plantação - episódios de racismo cotidiano* (2019) de Grada Kilomba, *Discurso Sobre o Colonialismo* (1978) de Aimé Césaire e *Dispositivo de Racialidade* (2023) de Sueli Carneiro, entre outros que são utilizados como fundamentação teórica dessa pesquisa para compreender o apagamento, o racismo estrutural, a violência e o silenciamento, que são termos estudados junto às análises dos contos escolhidos nas obras: *Olhos d'água* (2020), *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016) de Conceição Evaristo e *Mornas eram as noites* (2002) e *Filhos de Deus* (2018) de Dina Salústio. Esta pesquisa, de base bibliográfica, foi feita mediante a leitura sistemática de textos científicos e obras publicadas em meios virtuais e convencionais, além de contar também com a observação do cotidiano. Sendo assim, a pesquisa é norteada de forma qualitativa, pois compreende-se que tal modalidade tem como relevância a construção de dados e respostas a problemas reais e sociais.

Palavras-chave: apagamento social; escrevivências; literatura afro-brasileira; literatura cabo-verdiana; história.

ABSTRACT

Studying literature also leads us to reflect on it as a timeless phenomenon that is always evolving, for this reason there are books that even though they are part of the literary canon, at some point according to social changes they are excluded and silenced from these places, as is the case of books written by black people. The aim of this paper is to demonstrate, through the short stories of Conceição Evaristo and Dina Salústio, how they, as black women, reaffirm their existence within the social and literary environment. Investigating how their works contribute to plural narratives allows us to consider their writings as a means of making historically marginalized subjects more accessible and contributes to the study of anti-racist and decolonial literatures. Researching these literatures offers another dimension in understanding their significance for studying the histories of African peoples and those of the diaspora, narrating experiences and issues that are part of the contemporary social context. The methodology used is based on the selective reading of theoretical texts such as *Memórias da Plantação - episódios de racismo cotidiano* (2019) by Grada Kilomba, *Discurso Sobre o Colonialismo* (1978) by Aimé Césaire, and *Dispositivo de Racialidade* (2023) by Sueli Carneiro, among others. These texts provide the theoretical foundation for this research to understand exclusion, structural racism, violence, and silencing, which are studied along with the analysis of selected short stories from the works: *Olhos d'água* (2020) and *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016) by Conceição Evaristo, and *Mornas Eram as Noites* (2002) and *Filhos de Deus* (2018) by Dina Salústio. This bibliographical research was carried out by systematically reading scientific texts and works published in virtual and conventional media, as well as observing everyday life. Thus, the research is qualitative, as it is understood that qualitative research is relevant for constructing data and answers to real and social problems.

Keywords: Social exclusion; Escrivências; Afro-brazilian literature; Cabo Verde literature; History.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A ESCRITA FEMININA: LAÇOS LITERÁRIOS ENTRE BRASIL E CABO-VERDE	28
2.1 Entre a vida e morte: violências urbanas e domésticas	38
2.2 Dores narradas: quando a ficção se mistura com a realidade	49
2.3 Infâncias perdidas	55
3 RECONTAR A HISTÓRIA: ESCREVER PARA EXISTIR	71
3.1 Racismo: os vestígios do apagamento social e suas consequências na história dos povos negros	73
3.2 O continente africano e suas fontes de conhecimento	89
3.3 Estratégias coloniais: do silenciamento à exclusão das obras literárias negras	97
4 “DE QUE COR ERAM OS OLHOS DE MINHA MÃE?”	107
4.1 Literaturas esquecidas: afro-brasileira e cabo-verdiana	109
4.2 “O lugar de sempre: a minha alma.”	117
4.3 Literatura e memória	123
ENCAMINHAMENTOS FINAIS	128
REFERÊNCIAS	131

1 INTRODUÇÃO

As motivações iniciais para esse trabalho surgiram a partir de uma pesquisa de iniciação científica (PIBIC) ainda na graduação, intitulado como “Representações Identitárias na Literatura Afro-Brasileira - Parte 2”.¹

Ela tinha como objetivo estudar o conceito de literatura afro-brasileira e compreender como as representações identitárias, históricas e nacionalistas estavam presentes nos textos literários selecionados, refletindo sobre vozes e problemáticas que compõem narrativas esquecidas do âmbito acadêmico. Durante o projeto de PIBIC, analisei obras brasileiras que fazem parte de uma literatura que é excluída. O referencial teórico utilizado para compreender sobre as representações identitárias nesta pesquisa de iniciação científica foi *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006) de Stuart Hall. Quanto aos estudos sobre a construção histórica e pós-colonial contidas nas obras, utilizei as obras *Pele negra e máscaras brancas* (2008) de Frantz Fanon e *Teoria e crítica pós-colonialista; Crítica Feminista* de Thomas Bonnici e Lúcia Osana Zolin, presentes em *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas* (2009).

Posteriormente, para os estudos sobre negritude, utilizei a obra *Negritude Usos e Sentidos* (2012) de Kabengele Munanga. Para os estudos sobre as narrativas afro-brasileiras, utilizei as obras *Literatura afro-brasileira* de Cuti (2010) e *Por um conceito de literatura afro-brasileira* (2010) de Eduardo de Assis Duarte. As obras literárias escolhidas para o projeto foram os contos "Maria", que faz parte do livro *Olhos d'água* (2020) de Conceição Evaristo, e "Pixaim", de Cristiane Sobral. Ambos contam uma narrativa distinta, mas se interconectam e são atravessados pelo racismo. Se por um lado há uma mulher/mãe negra e pobre vítima fatal de ataques racistas, do outro existe uma menina/mulher negra que tem sua negritude violada através do alisamento do seu cabelo. Os enredos são construídos a partir de uma perspectiva de que as consequências do racismo estrutural podem ser nocivas tanto à vida quanto ao psicológico de quem o sofre.

¹ Este projeto foi realizado junto com o departamento de letras vernáculas da Universidade Federal de Sergipe, entre 01/08/2020 a 31/08/2021. A contribuição do projeto foi bastante relevante na análise de textos literários das obras afrodescendentes, além de potencializar as diversas vozes que são excluídas do âmbito acadêmico.

Ainda no projeto de iniciação científica surgiram as seguintes questões: Por qual motivo obras da literatura afro-brasileira compõem o cânone literário brasileiro, mas não são estudadas como a eurocêntrica? Quem conta essas histórias? Quais os motivos que as levam a uma exclusão literária e institucional? Nesse sentido, à medida que se percebem narrativas que compõem a literatura dos textos clássicos, surgem questionamentos como: Quem os redigiu? Com quem esses textos se comunicam? Questões como estas tendem a criar interrogações profundas acerca do tipo de literatura que é considerada como objeto de conhecimento. Literaturas escritas por e sobre pessoas negras fazem parte do cânone literário. Nomes como Machado de Assis, Lima Barreto, Cruz e Souza, Gonçalves Dias e Maria Firmina dos Reis fazem parte da construção literária do país. No entanto, em alguns momentos, autores como eles sofrem uma exclusão e um afastamento das estruturas sociais e das instituições, por diversos motivos, entre eles o racismo e o conhecimento construído durante o período colonial que insiste em deslegitimar a produção das pessoas afrodescendentes.

Dessa forma, com os estudos desenvolvidos na pesquisa de iniciação científica acima, surgem os objetivos desta dissertação, que consistem em compreender de que forma Conceição Evaristo e Dina Salústio resistem contra o apagamento literário e social, além de entender a partir das suas escritas como elas conseguem dar espaço às narrativas de sujeitos que são representados historicamente como excluídos, deslocando-os da margem para trazê-los para o centro da cidade que são constantemente excluídos. Nesse caminho, estudar essas literaturas descortina uma outra possibilidade, isto é, a de compreender a sua importância para estudar as histórias dos povos africanos e os que compõem a diáspora negra, contando vivências e problemáticas que fazem parte do contexto social contemporâneo. Ou seja, propor o estudo de obras que narram histórias de um povo historicamente marginalizado² é também tentar construir uma desmistificação de preconceitos e estereótipos que levam a uma subvalorização dos conhecimentos e das escritas dessa população.

² Aqueles que estão à margem da sociedade, ou seja, que vivem em lugares que não fazem parte do centro da cidade, mas aos arredores e normalmente não são “vistos” pelo sistema que comanda as estruturas sociais. Utilizo esses termos com base na Teoria Feminista: da margem ao centro, de bell hooks, publicado em 1984.

O racismo estrutural é uma das problemáticas que afeta rigorosamente as obras da população negra. Por isso, esse conceito será utilizado nesta dissertação com base nos estudos de Grada Kilomba (2019), uma vez que ela compreende esse termo como um mecanismo por meio do qual pessoas brancas apagaram e excluíram as pessoas negras das estruturas políticas e sociais. Analisar os contos a partir da abordagem de Kilomba é importante porque em seu trabalho há entrevistas de mulheres reais as quais passaram/passam por episódios de racismo cotidiano e que, além disso, se percebem e se sentem como corpos invadidos, como um “pedaço de terra”, tornando-se semelhantes às mulheres dos contos que têm seus corpos explorados e subordinados aos sujeitos brancos que ditam suas narrativas, identidades e histórias.

Além disso, fundamento este trabalho a partir da perspectiva de Silvio de Almeida (2019), que apresenta uma importante contribuição para alcançar o conceito a partir da perspectiva social brasileira, uma vez que ele considera o racismo como parte da ordem social e que, por isso, constrói instituições que o reproduzem. Refletir sobre seus estudos é essencial para perceber os motivos pelos quais as literaturas afro-brasileiras não são tão vistas/estudadas quanto a literatura canônica escrita por pessoas brancas e, por isso, a partir da sua abordagem, é possível identificar de que forma o racismo influencia na exclusão dessas obras nas instituições.

Percebe-se que grande parte dos textos clássicos e canônicos não contemplam a todos. Principalmente quando se fala de pessoas negras, a literatura construída a partir de um contexto colonial consiste em disseminar um conhecimento estereotipado e repleto de fragmentação acerca das histórias não contadas, sobretudo quando se toma conhecimento de uma narrativa forjada pelo colonialismo em que nações escravizadas³ foram também silenciadas.

A partir das possibilidades concebidas pela literatura comparada, que possibilita o estudo entre diversas áreas, proponho nesta dissertação uma

³ Em alusão ao que propõe Kilomba (2019), entendo que é necessária uma descolonização do conhecimento/língua. Por isso, foram realizadas alterações em todas as citações que continham o termo “escravo/a” para o termo “escravizado/a”, com o intuito de manter o respeito às pessoas que tiveram essa condição imposta durante a escravidão e desmistificar os estereótipos que constroem a imagem de povos submissos e condizentes com a situação da escravidão.

investigação acerca das estratégias excludentes de parte das obras literárias cabo verdianas e afro-brasileiras femininas, especialmente do ambiente educacional. Procurou-se também elencar reflexões acerca da realidade, das subjetividades e do contexto social discerníveis durante a leitura das obras. Como se trata de um trabalho de dissertação, faz-se necessária uma delimitação. Optei por escolher os contos: “Maria”, “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” e “Quantos filhos Natalina Teve”, presentes na obra *Olhos d'água* (2020) e “Shirley Paixão”, da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), de Conceição Evaristo; comparados aos contos: “O texto que não consigo escrever”, presente na obra *Filhos de Deus* (2018), “foram as dores que o mataram” e “forçadamente mulher, forçosamente mãe” que compõem a obra *Mornas eram as noites* (2002), de Dina Salústio.

Devido à grande relevância das obras dessas escritoras e de como elas tocam profundamente problemáticas que regem a sociedade, no decorrer da dissertação surgem diálogos entre outros contos que fazem parte dos livros, os quais se somam ao referencial bibliográfico. Nesse contexto, busco, através dessas escritas, compreender como se constrói uma resistência ao apagamento literário de mulheres negras dentro da sociedade, além de alcançar referências que nos permitam pensar de que forma suas escritas se tornam importantes para suas existências, traçando também alguns relatos pessoais que juntos fomentam e traduzem meus objetivos com esta pesquisa.

O estudo acerca da existência e composição dessa literatura torna-se, para mim, um pouco inquietante e desconfortável, pensando no padrão engessado ao qual estive imersa durante toda a minha vida estudantil. Ao passo que percebo a existência de diversas literaturas, causa-me um certo desconforto em perceber que conheci de forma tardia o outro lado da história.

O ambiente em que cresci foi de uma família majoritariamente branca, sertaneja e que, em sua maioria, não chegou a terminar os estudos primários, muito menos a cursar o ensino superior. Talvez esse também tenha sido um dos motivos pelos quais não busquei referências com leituras sobre pessoas negras até minha fase adulta. Mesmo com uma condição financeira muito baixa e sem ter oportunidades para estudar, minha mãe sempre gostou de ler para nós, no entanto devido à sua condição financeira, não comprava livros e tão pouco nos incentivou quando

crecemos, mas de forma inconsciente ela plantou em mim a semente para gostar do mundo da leitura.

A minha mãe sempre fez tudo que estava ao seu alcance para que eu e meus irmãos continuássemos na escola e não precisássemos trabalhar antes da maioridade, mas para mim não era o suficiente, eu queria ter livros. e então, estudando em horário oposto, comecei a trabalhar como babá do meu primo, e assim comprei meu primeiro livro: *Drácula* de Bram Stoker. Impulsionada pela afeição por literatura gótica e ficção vampirescas, ao passar do tempo entre outras atividades laborais os quais consegui pela cidade continuei comprando livros de ficção e entre eles não havia autores/as negros. Isso ocorria porque, no auge da minha adolescência, eu não tinha interesse em saber qual a era a cor do escritor, o que me interessava era a história que ele escrevia, assim como nunca me importei muito em saber quem era o autor, mas os personagens, os enredos que traziam escritas fantásticas e que aumentavam ainda mais a minha imaginação.

Hoje escrevo com palavras embargadas de uma pessoa que não foi apresentada às outras histórias de protagonismo negro além das que minha mãe lia e que até hoje marcam profundamente minha memória. É um grande incômodo perceber a inexistência de uma literatura afrodescendente em minha formação, principalmente porque sem elas durante a minha trajetória até aqui, aprendi que personagens negros eram retratados como as histórias que minha mãe lia para mim, e as histórias fantásticas dos meus livros de ficção não havia personagens negros, eram sempre “pele pálida como um papel” e “cabelos loiros ao vento.”

Sempre que me transporto ao meu passado, vejo, na sala de aula das várias escolas públicas nas quais estudei, meninas e meninos negros que faziam parte da margem, que todos os dias atravessavam a cidade para receber os ensinamentos educacionais no centro. Estudávamos sobre a construção de muitos países, guerras importantes e principalmente dos milhares de navios negreiros, o tema da escravidão em nossos livros sempre foi motivo para afirmar a construção do Brasil com uma história única e sem muitos fios.

A literatura a que sempre fomos direcionados a ler e a aprender eram os clássicos que faziam parte do cânone literário, mas sem muitos detalhes. Construimos

nosso conhecimento compreendendo que as pessoas negras deveriam estar em lugares de subserviência, porque era assim retratadas nos desenhos, novelas e livros. Além disso, o que estudávamos tinha um pouco da nossa realidade, grande parte dos alunos, assim como eu, viviam aos arredores nos conjuntos construídos à margem da cidade e onde viviam a maior parte da população negra e pobre do município. Assim, estudar aquelas histórias era como se revivessem uma realidade que já experimentávamos na vida real.

Faço parte de uma população diaspórica que conta sua história a partir de algumas memórias, fragmentos e traumas. Por isso o primeiro capítulo dessa dissertação é escrito a partir dessas reflexões, pensando no princípio, desde a minha árvore genealógica, onde percebo quão fragmentada ela é. Sou filha de uma mulher branca, que é filha de uma mulher preta e um pai branco, e continuamente sou filha de um pai preto que é filho de uma mãe branca e um pai preto. Para o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), sou uma mulher de pele parda, resultante da miscigenação, que integra o conceito de democracia racial.

Segundo Antônio Sérgio Alfredo Guimarães, este conceito pode ser entendido como “uma noção que só faz sentido num determinado contexto histórico, aquele compreendido entre a construção de um ideal” (Guimarães, p. 12, 2019), a mesma que afirma a inexistência do racismo no Brasil. Conforme Guimarães (2019), a noção de democracia racial foi utilizada nos Estados Unidos como um “antídoto ao racismo norte-americano”, ou seja, afirmar que brancos e negros viviam em igualdade seria uma forma de apagar anos de escravidão e segregação. De acordo com Petrônio Domingues (2005), o conceito de democracia racial foi impulsionado pelas produções dos viajantes que visitavam o país, além da produção da elite intelectual e política com projetos que direcionam os movimentos abolicionistas e o processo de miscigenação.

Grada Kilomba (2019), em *Memórias da Plantação - episódios de racismo cotidiano* (2019), afirma que a escrita para as pessoas negras é uma obrigação, pois é a partir dela que podemos construir e contar a nossa própria história. Quando escrevemos, estamos resgatando uma história que foi mutilada e escondida, estamos saindo da sombra de uma história criada pela colonização. Ou seja, escrever não somente é nos tornar existentes na sociedade, mas também resistir a um apagamento social através da literatura.

Paulina Chiziane (1955 – presente) é considerada a primeira romancista moçambicana. Entre suas obras publicadas, destaca-se *Niketche: uma história de poligamia* (2002) a qual recebeu o Prêmio José Craveirinha da Associação dos Escritores Moçambicanos. Mesmo sendo uma escritora, ela ainda se autodenomina como uma contadora de história. Em seu livro, a autora ressalta uma pluralidade cultural, perpassada pela condição de mulher na sociedade moçambicana, entre problemas sociais e críticas aos costumes e culturas do seu país.

Chiziane afirma que escreve como forma de resistir e com o intuito de libertar as mulheres das condições sociais que lhes são impostas, desbancando o homem do lugar de superioridade estabelecido desde o princípio, das inúmeras mitologias sobre a criação do mundo. Assim como Chiziane⁴ (2002), afirmo que escrevo para existir e, sobretudo, para construir a minha existência e resistir a um sistema que insiste em querer me excluir dos lugares aos quais dizem que não posso chegar.

Aprendi a ler, quando ainda tinha cinco anos, lembro perfeitamente, aprendi sozinha enquanto folheava por diversas vezes a revista em quadrinhos do Fome Zero Educação Alimentar⁵ com os personagens do Sítio do pica-pau amarelo que o governo da época distribuía nas escolas. Depois disso, aproximadamente aos meus nove ou dez anos, minha mãe sempre me presenteava com diários todos os anos para que eu exercitasse minha imaginação e minha escrita também. Hoje eu não tenho nenhum deles, porque ao final do ano sempre os queimava ou os rasgava. Nunca compreendi o motivo pelo qual cometi esse ato, gostaria de tê-los comigo, talvez conseguisse interpretar momentos que presenciei e vivenciei. Refiro-me aos episódios de racismo cotidiano que Kilomba (2019) relata em sua obra. Sempre que leio esse livro, as imagens surgem como lembranças rápidas em minha mente e com certeza esses relatos descrevi com lágrimas nos olhos em todos aqueles diários.

⁴ Afirmou Paulina Chiziane em uma entrevista em Maputo, 10 de abril, 2002. Disponível em <https://www.geledes.org.br/paulina-chiziane-por-uma-nova-visao-mundo/> Acessado em 20 de maio de 2023.

⁵ [Pablog do Sítio do Picapau Amarelo: Revista do Fome Zero \(blogdositiopicapauamarelo.blogspot.com\)](http://blogdositiopicapauamarelo.blogspot.com)
Acessado em 30 de novembro de 2023.

O processo da escrita para mim sempre foi como a quebra da máscara de Anastácia,⁶ mesmo que o alcance não fosse tão distante quando comecei a escrever, diferente de hoje, que já percebo minha escrita alcançando outros lugares. Kilomba (2019) defende que se opor ao racismo não é suficiente, mas é necessário concretizá-lo, é preciso tornarmos-lo visível para esse sistema que nos exclui e nos desumaniza, devemos nos tornar sujeitos e uma das estratégias para que essa nossa existência aconteça e seja validada é a escrita. Naquela época eu não sabia disso, muito menos saberia que escrever poderia me salvar de muitas coisas. Eu escrevia todos os dias, ingenuamente, o que aos poucos se tornava minha libertação do mundo real e muitas vezes uma tática de lembrar momentos bons vividos os quais por vezes eu esquecia dias depois.

Desde criança fui obrigada a ouvir as pessoas perguntarem se eu realmente era filha da minha mãe por não ter a mesma cor de pele que ela. Não sei exatamente com quantos anos fui obrigada a ouvir essas perguntas, sei que até hoje elas surgem, e me causam desconfortos e interrogações. Percebo o quão problemático é esse tipo de questionamento, principalmente para uma criança. Pergunto-me, se a cor dela e a minha fossem trocadas, as pessoas não importunariam ainda mais a minha mãe com milhares de perguntas? Compreendê-las como frases que necessitam de uma desconstrução é abrir margem para uma descolonização da estigmatização acerca das histórias contadas ao longo de um processo histórico que carrega marcas e costumes coloniais.

Diante disso, em alusão a Kilomba (2019), escrevo e torno-me perceptível nessas linhas, não mais como o objeto que é pesquisado, mas como o próprio sujeito que pesquisa e conta a sua própria história, seus traumas e suas inquietações. Nesse sentido, edifico uma barreira que aniquila o plano construído pelo colonizador, o mesmo que prevê tornar o negro um objeto manipulado, silenciado e acoplado a uma estrutura de dominação.

⁶ Mulher que foi escravizada e condenada pelos senhores de engenho a utilizar uma máscara e um colar de ferro. Kilomba traz sua imagem no livro e explica que essa máscara foi utilizada pelos colonizadores como forma de inibir que os escravizados comessem areia como maneira de cometer suicídio.

Em minhas memórias de infância, felizmente as minhas professoras percebiam que eu possuía a habilidade de me expressar em público. Talvez por isso, e por um déficit ao qual o sistema público de educação naquela época possuía, na maioria das vezes eu conseguia os papéis principais que precisavam ter uma boa oratória e decorar textos. No entanto, sempre interpretei personagens de uma dramaturgia e literatura eurocêntrica, não existiam naquela época nas escolas que estudei livros que contassem histórias de meninas negras, como eu. Minhas únicas referências eram as outras meninas negras da turma, a quem sempre perguntavam se éramos irmãs, até mesmo gêmeas, mesmo sem nenhuma semelhança física, a não ser o cabelo e a cor da pele. Evidentemente, essas perguntas são inofensivas e não há mal algum nelas, até olharmos pela ótica de que sempre vinham de pessoas brancas, e que as crianças brancas da classe não recebiam esse tipo de questionamento até mesmo se assustavam quando percebiam que eu ia embora ao lado do meu irmão, que é branco e tem olhos verdes.

Considero importante ressaltar as únicas vezes em que estive em contato com narrativas negras como disse acima e é também a partir desses questionamentos que surgiram as motivações para essa pesquisa. Todas elas foram através da leitura de Jeonice Oliveira Reis, minha mãe, mais uma mãe solo que, tendo estudado somente até a 4ª série do fundamental I, sempre fez questão de manter os filhos na escola e sempre nos lembrava com as mesmas frases, típicas de uma mulher sertaneja com poucos recursos: estudem para não ser como sua mãe e ter que lavar os pratos em casa de família. Em resposta à minha mãe, parafraseio Cristiane Sobral⁷, não vou mais precisar lavar esses pratos, aprendi a ler.

Minha família nunca foi a fantástica tradicional família brasileira, e o pai que se fez presente por alguns anos sempre vendia algumas coisas de casa, entre elas a televisão. Assim, para nossa distração antes de dormir, minha mãe lia para meu irmão e eu. Eram apenas dois livros didáticos de português doados por minha tia Cláudia (a única da família naquela época que chegou até o ensino médio, e que mais tarde ingressou no ensino superior), então as histórias se repetiam. Lembro que havia uma que ela gostava de ensinar meu irmão a ler, mais tarde tomei conhecimento que era

⁷ Disponível em:

<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/24-textos-das-autoras/932-cristiane-sobral-nao-vou-mais-lavar-os-pratos> (Cadernos negros 23: poemas afro-brasileiros, 2000). Acessado em 12 de dezembro de 2023.

o poema “Nome da gente” de Pedro Bandeira. Esse momento ocorreu há cerca de vinte e um anos, foram incontáveis as vezes em que ela leu e hoje leio o poema como se as palavras ecoassem a voz dela:

Eu não gosto do meu nome.
Não fui eu quem escolheu.
Eu não sei por que se metem.
Com um nome que é só meu!
Quando eu tiver um filho,
não vou pôr nome nenhum.
Quando ele for bem grande,
ele que procure um! (Bandeira, 1995)

As únicas histórias que eram sobre pessoas negras também lembro muito bem, havia uma lenda em forma de história afro-cristã nomeada por “O Negrinho do Pastoreio” que está no livro *Contos gauchescos e lendas do sul* (2001) de João Simões de Lopes Neto. Essa lenda, que tem origem afro-brasileira, foi muito utilizada por escritores abolicionistas e, apesar de bastante reeditada e contada por diversos autores em várias versões, a do escritor Neto torna-se a versão mais lida e estudada. A lenda é uma tradição rio-grandense contada como forma de combater a ideologia escravista, considerada como uma das mais famosas dessa região. Para Augusto Meyer (1995):

O mito do Negrinho do Pastoreio é genuinamente rio-grandense: nascido no estrume da escravidão e refletindo o meio pastoril em que se formou, respira a mesma religiosidade que anda associada aos outros casos de **escravizados** considerados mártires. (Meyer, 1995, p. 119, **grifo nosso**)

Além dessa, ela lia outra que se chamava “Na escuridão miserável”, que faz parte do livro *A Companheira de Viagem*, publicado em 1965 por Fernando Sabino. Neste livro, o autor reúne 39 crônicas com os mais diversos temas e problemáticas, dentre as quais se destaca a história de Teresa, uma criança de dez anos que vive uma exploração doméstica para prover o seu sustento.

Hoje eu sei que se trata de crônicas, mas a maneira como a minha mãe conduzia as histórias, enfatizando cada detalhe das narrativas, fazia como se eu me sentisse ao lado daquelas crianças e eu sempre acreditei serem histórias reais. Talvez

porque as duas narrativas faziam minha mãe encharcar os olhos sempre que lia, também pelo fato de ser criança e como não tínhamos outros livros, a tendência era sempre repetir as mesmas histórias para meu irmão e eu. Todas as vezes que ela lia sobre Teresa, lia com afinco e deixava transparecer um sentimento de quem conhecia aquela história, talvez ela conhecesse, pois, embora sendo uma mulher branca, começou como trabalhadora nas casas de famílias ricas aos doze anos de idade. Ao ler a crônica talvez ela estivesse rememorando sua vida. Hoje parafraseio Conceição Evaristo e respondo-lhe que a cor dos olhos da minha mãe eram cor de correntezas que inundavam o seu rosto todas as vezes que lia aquelas histórias.

- Como é o seu nome?
- Teresa.
- Quantos anos você tem, Teresa?
- Dez
- E o que estava fazendo ali, tão longe de casa?
- A casa da minha patroa é ali. (Sabino, 1986, p. 136)

Sempre observei o mundo ao meu redor como se quisesse/pudesse cuidar de todos. Quando ela lia, eu sentia como se estivesse no cenário e na pele de Teresa, “uma negrinha correndo na escuridão”. Sentia-me também como se tivesse a obrigação de encontrar o cavalo e devolver para o negrinho, só para poupá-lo do castigo. Estas duas únicas leituras sobre pessoas negras aos quais tive contato marcaram profundamente a minha percepção do que é ser negro na sociedade, acreditava que era ser também escravizado, pobre ou miserável. Afinal, eram apenas essas narrativas que eu conhecia, somadas à minha, que também era sobre ser não mais que uma “negrinha” pobre. Após a minha inserção no mundo literário, as obras que lia eram de pessoas brancas, os livros eram ilustrados com meninas loiras e brancas, até os meus ídolos eram brancos. Lembro de ter estudado sobre Machado de Assis, mas eu nunca soube que era negro, até crescer e pesquisar por conta própria. Assim, inquietava-me perceber o quanto de literatura negra eu poderia ter lido em minhas idas à biblioteca, mas não obtive essa experiência até chegar a minha fase adulta.

No capítulo 2, *A escrita feminina: Laços literários entre Brasil e Cabo-Verde*, inicio com as biografias das escritoras Conceição Evaristo e Dina Salústio, assim como destaco os contos que foram selecionados para as análises, demonstrando o

os laços entre a produção literária do Brasil e Cabo-Verde desde o Modernismo. Sendo assim, a partir dessas escritoras, é possível apontar semelhanças entre seus textos, problemáticas e a forma como elas percebem a vida.

Esse capítulo se subdivide em três partes: 2.1 *Entre a vida e morte: violências urbanas e domésticas*, sendo analisados os contos “Maria” que faz parte do livro *Olhos D’água* (2020) de Conceição Evaristo e “foram as dores que o mataram” do livro *Mornas eram as noites* (2002) de Dina Salústio; 2.2 *Dores narradas: quando a ficção se mistura com a realidade*, sendo analisados os contos: “o texto que eu não consigo escrever” de Dina Salústio do livro *Filhos de Deus* (2018) e “Shirley Paixão”, do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016) de Conceição Evaristo; por fim, o subcapítulo 2.3, *Infâncias perdidas*, com os contos “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, “Quantos filhos Natalina teve?”, do livro *Olhos d’água* (2020), de Conceição Evaristo, e “Forçadamente mulher, forçosamente mãe”, do livro *Mornas Eram as Noites* (2002), de Dina Salústio, analisados a partir de uma perspectiva literária e social. Desse modo, verifica-se que essas escritas carregam problemáticas sociais - mesmo sendo fictícias, as escritoras constroem histórias que nos levam a pensar que nelas estão sendo narrados fatos da vida real.

O capítulo 3, *Recontar a história: escrever para existir*, está dividido em três subcapítulos. No 3.1, *Racismo: os vestígios do apagamento social e suas consequências na história dos povos negros*, início com reflexões acerca do livro *Tornar-se negro* (2021), de Neusa Santos Souza, que, mesmo sendo publicado pela primeira vez em 1983, contém os compilados de atitudes racistas sofridas pelas vítimas naquela época desde a infância, passando pela adolescência até a fase adulta, ainda são vivenciados por pessoas negras hoje em dia.

Essas atitudes no passado repercutem no presente, sendo responsáveis por diversos estereótipos sobre o negro na sociedade, refletindo, assim nas consequências das histórias que são disseminadas e na distorção identitária das pessoas negras, as quais são construídas a partir de características que constroem o *ser negro* como desprezível, vagabundo, sujo e sem valor, destruindo a negritude e a sua forma de se ver como ser humano digno na sociedade.

Seguindo esta reflexão, cito algumas mulheres referências para a construção histórica do país e que são diariamente esquecidas, como: Aqualtune, Dandara dos Palmares, Luísa Mahin e Nzinga Mbandi, considero destacar seus nomes, pois são importantes para história dos povos negros no Brasil. Proponho também uma reflexão acerca do passado e dos estereótipos que são construídos durante o processo histórico colonial. Para isso, utilizo as reflexões de Chimamanda Adichie no livro *O perigo de uma história única* (2009). Em seguida, a partir de Roland Barthes, em seu *Aula* (1977), parto para uma compreensão do conceito de poder, pois considero que estudar este conceito é crucial, uma vez que a partir dele surgem as diversas formas de opressão e destruição social.

Com isso, torna-se imprescindível atentar a essas problemáticas como uma maneira de traçar um alinhamento até chegar a lugares em que essas obras não têm alcançado, por exemplo no meio educacional e acadêmico. Sendo assim, proponho, a partir da obra *Memórias da Plantação: Episódios de racismo no cotidiano* (2019), de Grada Kilomba, justificar conceitos como o racismo estrutural,⁸ que se tornam consequências da história forjada pelos povos negros, e também elaborar um estudo acerca da influência do preconceito racial que leva essas escritas a um futuro excludente.

No 3.2, *O continente africano e suas fontes de conhecimento*, através do estudo bibliográfico sobre a história da África, procuro desmistificar o pensamento engessado pelo ocidente de que a África não tem história, elucidando a suas fontes de conhecimento que foram ignoradas pela colonização. Através de uma leitura atenta da obra *História geral da África, I: Metodologias e pré-história da África* (2010), de Joseph Ki-Zerbo, em concordância ao texto *A tradição viva* (2010), de Amadou Hampaté Bâ, em que são abordadas as fontes de conhecimento praticadas em diferentes países africanos, as quais fogem aos olhos de alguns intelectuais, e que se tornam primordiais para elencar as múltiplas formas de saberes cultuados no continente.

Durante esse subcapítulo, como contraponto à existência de conhecimento, proponho algumas considerações do filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel

⁸ Utilizo aqui este termo de acordo com Kilomba, onde ela afirma ser construída a partir do momento em que se percebe as estruturas sociais sem pessoas negras.

(1770-1830). Primeiro porque sou também da área de filosofia e estive imersa nesse campo por alguns anos. Segundo porque suas teorias buscam compreender a formação do ser humano em sua totalidade, compreender como se constrói o ser, o universo e tudo que existe ou já existiu e, por isso, considero importante trazer suas primeiras ponderações acerca da humanidade.

Ao trazer ao debate as impressões de Hegel sobre África, percebo o quanto o racismo o torna incoerente com suas teorias, já que o filósofo, ao visualizar pessoas com outros tons de pele, descreve e constrói uma imagem totalmente distorcida da realidade. Com isso, mediante as investigações acerca dos seus escritos, traço problemáticas pertinentes para a compreensão do racismo estrutural que se instaurou há anos, e que é latente no mundo atual. Dessa forma, é possível perceber que, durante esse período de construção da história, surgem estratégias com intuito de calar e apagar os grupos que não fazem parte do padrão eurocêntrico⁹. Com isso, sugiro este estudo para compreensão das estratégias de supressão dos povos negros, as quais considero como uma tática que resulta em uma exclusão dessas pessoas dos espaços sociais, construindo, também um apagamento literário desses escritores e de suas narrativas.

Em seguida, no 3.3, *Estratégias coloniais: do silenciamento a exclusão das obras literárias negras*, pondero a partir de Aimé Césaire em *Discurso Sobre o Colonialismo* (1978) acerca do que foi o colonialismo e quais suas consequências sobre os povos negros, assim como do conceito de civilização. A partir da obra *Da Diáspora: identidades e mediações culturais* (2003) de Stuart Hall, proponho, ainda, o estudo sobre o conceito de identidade, uma vez que considero de suma importância entender a construção identitária de pessoas que sofreram uma exclusão de saberes e cultura.

Esse termo suscita uma compreensão para além do seu significado, delineando também a construção de uma trajetória que prevê tornar visíveis indivíduos que são historicamente apagados da sociedade. Utilizo Hall neste trabalho ao meu próprio modo, para descrever o conceito de identidade como uma característica que pressupõe a necessidade de se manter um sujeito existente dentro do meio social.

⁹ Um padrão que valoriza apenas a cultura e os valores europeus, colocando-os como o centro e por isso um padrão a ser seguido.

Refletindo a partir das identidades que foram destruídas durante o período histórico colonial, proponho com Kilomba (2019) o estudo sobre as estratégias coloniais do apagamento e silenciamento que levam a um futuro epistemicídio das obras de pessoas negras.

Por fim, o capítulo 4, “*De que cor eram os olhos de minha mãe?*”, seguido do subcapítulo 4.1, *Literaturas esquecidas: afro-brasileira e cabo-verdiana*, partem de uma fundamentação teórica em que elucido obras literárias que foram subtraídas dos ambientes educacionais. Com as teorias de Cuti, em *Literatura negro brasileira* (2010), e de Octavio Ianni, em *Sociedade e Literatura no Brasil* (1988), busco compreender a literatura e como ela pode ser aliada para a resolução das problemáticas como racismo e exclusão das obras de pessoas negras do âmbito literário e social. Isso será feito com o intuito de evidenciar o surgimento dessas produções, as quais não fazem parte do modelo canônico, mas que contribuem para contar novas narrativas e moldam-se como forma de resistir e existir enquanto sujeito negro dentro de uma sociedade que tem o racismo enraizado.

Em seguida, proponho a *entrevista da Profa. Inocência Mata. Inocência Mata: a essência dos caminhos que se entrecruzam*, publicado na Revista Crioula (2009) que proporciona uma breve descrição da Literatura Africana. Ademais, para os estudos sobre a literatura cabo-verdiana, reflito a partir dos textos de Cristina Maria da Silva (2021) e Fátima Fernandes (2021) do livro *Literatura e Cultura de Cabo Verde: Navegando Pelas Ilhas e Pelo Mundo* (2021).

No subcapítulo 4.2, “*O lugar de sempre: a minha alma*”, através da possibilidade que a literatura comparada concede, traço diálogos entre os contos selecionados com o intuito de buscar em suas produções vestígios e formas de narrativas que constroem uma escrita relevante para tornar-se sujeito visível dentro da sociedade. Portanto, é nesse contexto de visibilidade social através da escrita que desenvolvo essa pesquisa e, além disso, planejo desenvolver pesquisas futuras que estejam ligadas às problemáticas que interconectam literatura e questões étnico-raciais, pensando, sobretudo, em como obras literárias esquecidas são excluídas dos ambientes escolares e acadêmicos, e como elas podem ser valiosas e de grande importância para a resistência dos povos negros e para sua forma de existir em sociedade. É por isso que, durante esta fundamentação teórica, insiro também parte

da minha história, uma vez que o texto dissertativo se compõe também de fatos que colaboram com a ideia central da pesquisa, principalmente quando as narrativas e os objetos-sujeitos estudados se conectam.

Finalmente, no subcapítulo 4.3, *Literatura e memória*, faço uma breve reflexão a partir da análise dos estudos desenvolvidos por Cida Bento em sua obra *O pacto da branquitude* (2022). Nesse contexto, insiro também estudos de Cristina Maria da Silva (2021) e Maria Nazareth Soares Fonseca (2021) sobre as obras de Dina Salústio e Conceição Evaristo como forma de ressaltar as semelhanças entre suas escritas e o conceito investigado neste subcapítulo. Em seguida, abordo também os estudos desenvolvidos por Walter Benjamin em suas teses *Sobre o Conceito da História* (1987), com discussões para pensar as histórias, o passado e a memória, em conformidade às releituras e interpretações feitas por Jeanne Marie Gagnebin, no livro *Lembrar Escrever Esquecer* (2006).

A pesquisa tem como foco central contribuir de forma relevante com os estudos da literatura comparada, por isso a metodologia utilizada se constrói a partir de uma leitura seletiva da fundamentação teórica selecionada, com o objetivo de contribuir com a compreensão de termos, tais como apagamento, racismo estrutural, violência e silenciamento, que são evidenciadas durante os contos escolhidos das obras: *Olhos d'água* (2020), *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016) de Conceição Evaristo e *Mornas eram as noites* (2002) e *Filhos de Deus* (2018) de Dina Salústio. Logo, é possível perceber a natureza bibliográfica deste trabalho, já que ele foi produzido a partir de uma busca de informações “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p. 44). Foram realizadas análises dos contos escolhidos sob uma perspectiva social, literária e filosófica, já que o estudo se constrói sob uma ótica que tem como referência investigar a literatura de mulheres negras e o apagamento literário e social que elas sofrem, compreendendo de que forma elas resistem contra esses apagamentos.

Assim, neste campo, por meio da análise das obras mencionadas anteriormente, busco contribuições que representem as narrativas de resistência através da ficção e da realidade em forma de escrita de uma cabo-verdiana e uma afro-brasileira. Diante disso, a pesquisa será norteadada de forma qualitativa, pois compreende-se que a pesquisa qualitativa tem como importância responder

problemas reais e sociais, ou seja, nós, enquanto sujeitos sociais, agimos e construímos as ações e as narrativas na realidade social em que vivemos.

Neste sentido, através do que defende Alfredo Bosi (2002), a pesquisa tem como método compreender a relação entre o sujeito excluído e a escrita, pois considero relevante para perceber de que forma a escrita literária se conecta com a vida. Conforme suas teorias, quando o sujeito, representado historicamente como marginalizado, escreve e narra o seu cotidiano, ele está expressando, através do ato de escrever, a sua própria existência. Com isso, sai do lugar de outro para se tornar sujeito que fala e escreve, tornando-se o narrador e o intérprete da sua própria história.

2 A ESCRITA FEMININA: LAÇOS LITERÁRIOS ENTRE BRASIL E CABO-VERDE

Eu-mulher em rios vermelhos inauguro a vida. Em baixa voz violento os tímpanos do mundo. Antevejo. Antecipo. Antes-vivo. Antes – agora – o que há de vir. Eu fêmea-matriz. Eu força-motriz. Eu-mulher abrigo da semente moto-contínuo do mundo. (Conceição Evaristo)

As escritoras Conceição Evaristo e Dina Salústio contribuem através da literatura para a construção de histórias de nações silenciadas e marginalizadas, produzindo suas obras com escrevivências doloridas e viscerais, mas que são necessárias serem vistas/lidas pela sociedade, uma vez que são vivências de pessoas que são esquecidas e povoam as margens da cidade. Neste capítulo, falaremos sobre as escritoras e das imagens dos livros selecionados, lendo suas capas para refletirmos melhor sobre suas escritas desde a construção visual que elas trazem.

A escritora Maria da Conceição Evaristo de Brito, mulher negra, professora, natural de Belo Horizonte, Minas Gerais, nasceu em 29 de novembro de 1946, filha de Joana Josefina Evaristo Vitorino e Aníbal Vitorino. De família humilde, ainda na adolescência foi trabalhadora doméstica, atividade que conciliava com os seus estudos no Instituto de Educação de Belo Horizonte, no qual concluiu o Curso Normal em 1971, aos 25 anos, tornando-se a primeira entre os nove irmãos a obter o diploma de nível superior. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1973, onde passou no concurso para o magistério. Em 1987-1990 cursou Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1996, tornou-se mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Em 2011 tornou-se doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense.¹⁰

Foi ingressa na cena literária quando começou a publicar textos em 1990 nos Cadernos Negros¹¹, que é uma publicação do Quilombhoje. Nele Evaristo publicou contos e poesias, publicações que ajudaram a autora a ter notoriedade dentro e fora do país. Sua trajetória acadêmica e social se constrói a partir da sua condição de

¹⁰ Informações retiradas do site <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188>, acessado em 07 de junho de 2024.

¹¹ ‘Durante toda a história do Brasil, mas especialmente no período pós-abolição, tivemos afrodescendentes que ousaram adentrar o campo da criação literária e construir obras que se mostraram duradouras. Podemos citar os escritores Cruz e Souza, Lima Barreto, Luís Gama, Auta de Souza e, mais recentemente, Solano Trindade e Carolina Maria de Jesus, dentre outros.’ disponível em: <https://www.quilombhoje.com.br/site/cadernos-negros/> acessado em 07 de abril de 2023.

mulher negra na sociedade. Entre projetos voluntários e movimentos sociais, sua escrita literária e científica está totalmente ligada às suas vivências e à dos povos negros, por isso a escritora denomina que suas obras são compostas de “escrevivências”. Recebeu em 2016 o Prêmio Faz Diferença, pelo jornal O Globo na categoria prosa. Em 2017 recebeu, pelas mãos de Marielle Franco¹², a medalha Pedro Ernesto do Jornal do Brasil. Em 2018, recebeu o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais. Já em 2019, recebeu o Prêmio Jabuti, como Personalidade Literária do Ano. Em 29 de março de 2023, Conceição Evaristo recebe o título de Dra. Honoris Causa pelo Instituto Federal do Sul de Minas. Torna-se finalmente imortal pela Academia Brasileira de Cultura (ABC), tomando posse em 14 de novembro de 2023.

Até o presente momento, a autora publicou os livros: *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da Memória* (2006), *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008), *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014), *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016), *Canção para ninar menino grande* (2018) e *Macabea, flor de mulungu* (2023).

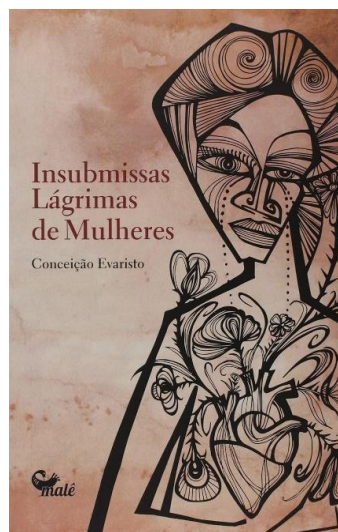
“Shirley Paixão” é um dos contos que compõem o livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016) de Conceição Evaristo, analisado nesta dissertação. O livro é composto por histórias narradas, vividas e sentidas por mulheres, inclusive, cada uma é nomeada por um nome feminino, que na maioria dos casos, refere-se à protagonista principal ou à secundária. Antes de começar a escrever sobre o conto, compreendo a necessidade de vislumbrar a capa do livro. Pensando na construção e na costura com que Evaristo escreve esse livro, ela assertivamente expõe a ilustração feita pela artista Iléa Ferraz, que desenhou uma mulher negra, chorando e segurando o coração que floresce, o qual poderia ser assemelhado à própria escritora, e as flores são compreendidas como a figura de outras mulheres.

As dores das mulheres negras se constroem e se fortalecem umas às outras, e este fortalecimento mais tarde foi traduzido por Vilma Piedade como *Dororidade* (2017). A dor sentida por mulheres negras, a partir do racismo, silenciamentos e

¹² Marielle Franco, nascida em 27 de julho de 1979, no Rio de Janeiro. Formou-se em sociologia pela PUC-Rio. Ela foi vereadora, eleita em 2017 pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Durante sua carreira foi reconhecida internacionalmente por ONG 's, devido ao seu trabalho em que englobava a luta pelos direitos humanos, sobretudo da população negra, pobre, favelada e LGBTQI+. Em 14 de março de 2018, Marielle Franco teve sua vida interrompida após ter sido assassinada.

violências que somente mulheres negras sofrem, caracteriza-se como uma forma de união entre elas. Assim, a dororidade é unir-se enquanto mulher negra, a partir das suas dores, para combater essas violências decorrentes do racismo, machismo e de consequências coloniais e patriarcais.

Nesse sentido, percebo a construção da capa em conjunto com o título, não só como um ato de amparo e solidariedade feminina, mas também como uma escuta e compreensão das histórias, traumas e dores de outras mulheres negras. Evaristo inicia o prefácio falando que gosta de ouvir histórias e justifica dizendo que as histórias que compõem o livro não são totalmente suas, porém, acabam tornando suas também, porque não há como narrar histórias tão fielmente aos fatos. Sendo assim, ela afirma que "entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta" (Evaristo, 2016, p. 8). Assim, não elas não podem ser consideradas como histórias totalmente inventadas, embora desejasse que as personagens não tivessem passado por elas, continua na intenção de "traçar uma escrevivência".



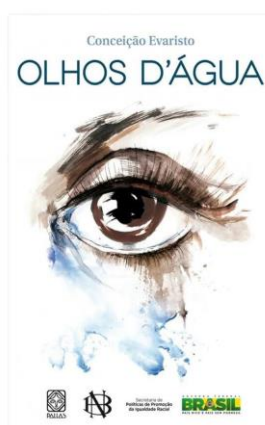
Foto/reprodução Amazon

A obra *Olhos d'água* (2020), de Conceição Evaristo, é composta por contos que majoritariamente trazem narrativas e protagonistas femininas. Nela optei por escolher três contos: "Maria", "Quantos filhos Natalina teve?" e "Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos". A construção visual da capa do livro ilustrada pelo designer Aron Balmas, por si só já propõe reflexões acerca das cores que foram utilizadas. Uma capa branca

e com um olho derramando lágrimas azuis diz muito sobre a construção textual proposta por Evaristo. Durante a obra é possível perceber que suas histórias, mesmo que fictícias, são construídas a partir de seu campo de visão enquanto mulher negra na sociedade, sem romantizar seus enredos que são propostos a partir de questões sociais as quais envolvem: a condição de mulher na sociedade, a vulnerabilidade social, a pobreza e as violências urbanas.

Compreendo as lágrimas do olhar em uma capa branca como o olhar dos povos negros, pobre e de todas aqueles que fazem parte da base da pirâmide social¹³. Povos historicamente marginalizados e minorizados, ou seja, todos aqueles que são privados de direitos e de ter condições de uma vida digna. Torna-se possível compreender também as lágrimas como o próprio rio que encontra os mares, tornando-se um ambiente de transformações e mudanças das narrativas. Ela traz ainda a seguinte descrição: “rios calmos, porém profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície” (Evaristo, 2020, p. 19).

As águas podem estar ligadas também ao atlântico que separa o Brasil e a África e que se ligam por meio da escrita literária e dos saberes herdados pelos ancestrais. Assim como em seu texto ela constrói uma reflexão acerca dos olhos da sua mãe como um espelho para o olhar de dentro e para os outros, a literatura cabo-verdiana também propõe essas reflexões, contribuindo ainda mais para a semelhança entre as literaturas.



foto/reprodução Amazon

¹³ Referência ao termo sociológico “estratificação social” que visa a classificar os indivíduos e suas classes sociais.

Em um outro continente, e a partir de experiências de um olhar caboverdiano, tem-se Bernardina Oliveira. A escritora de pseudônimo Dina Salústio, nascida em Santo Antão, Cabo Verde, foi professora, assistente social e jornalista em Cabo Verde, Portugal e em Angola. Fez parte da direção de um programa de rádio que tinha como pauta os assuntos educativos, foi também produtora de rádio e trabalhou no Ministério dos Assuntos Exteriores de Cabo Verde, sendo também uma das fundadoras da Associação dos Escritores Cabo-verdianos.

Além disso, Dina Salústio recebeu o Prêmio de Literatura Infantil de Cabo Verde em 1994 com o livro "*Mornas eram as noites*" (1994) e o Prêmio de Literatura Infantil dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) em 1999. Em 2005 recebeu a Medalha de Mérito Cultural pelo Governo de Cabo Verde, e em 2010 recebeu a 1ª Classe da Medalha do Vulcão. Em 2016, recebeu o Prêmio Rosalía de Castro do Centro Pen Galiza. Em 2018, após dois anos depois da tradução do livro *A Louca de Serrano*, foi premiada com o Pen Reino Unido de Tradução¹⁴. Em 2021, décadas depois da sua publicação, o livro *Mornas eram as noites* através do programa do Governo de Cabo Verde: "reedição de clássicos", foi inserido na literatura de clássicos, sendo disponibilizado na Biblioteca Nacional de Cabo Verde¹⁵. Em 2022, recebeu o Prêmio Literário Guerra Junqueiro¹⁶, concedido pelo Festival Internacional de Literatura, em Portugal. Ainda em 2022, foi homenageada pela Academia Cabo-verdiana de Letras¹⁷.

As obras de Dina Salústio carregam escritos com temáticas sobre o cotidiano de Cabo Verde, trazendo, sobretudo, os problemas da condição de mulher na sociedade, violência contra a mulher, marginalidade social, miséria e pobreza. Até o presente momento, Dina Salústio publicou os seguintes livros: *Mornas eram as noites* (1994), *A louca de serrano* (1998), *Filhas do vento* (1999), *A Estrelinha Tlim Tlim*

¹⁴Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/cronica/1910-diana-salustio-uma-menina-de-cristal-e-outras-cronicas> acessado em 07 de junho de 2024

¹⁵ Disponível em <https://expressodasilhas.cv/cultura/2021/02/05/a-reedicao-de-mornas-eram-as-noites-e-o-reconhecimento-do-percurso-notavel-de-dina-salustio-ministro-da-cultura/73267>

¹⁶ Disponível em <https://www.anacao.cv/noticia/2022/03/25/dina-salustio-recebe-hoje-o-premio-guerra-junqueiro-lusofonia-2022/> acessado em 07 de junho de 2024

¹⁷ Disponível em <https://expressodasilhas.cv/cultura/2022/03/23/academia-cabo-verdiana-de-letras-vai-homenagear-dina-salustio/79254> acessado em 07 de junho de 2024.

(1998), *Filhos de Deus: contos e monólogos* (2018), *Veromar* (2019) e *Uma menina de cristal e outras crônicas* (2023).

Apresento a capa do livro ¹⁸*Filhos de Deus* (2018), de Dina Salústio, não por acaso, mas porque pretendo fazer a análise do conto que o compõe, nomeado como “o texto que eu não consigo escrever”. Como ela escreve na apresentação, aparecerão alguns monólogos durante o livro e este é um deles. Neste texto, a escritora propõe questionamentos a partir da seguinte indagação: há algum texto que ela ainda não tenha escrito? Ainda na apresentação, a autora afirma que em *Filhos de Deus* (2018) há textos sobre pessoas comuns do cotidiano, histórias de pessoas que a atravessam e tornam suas também. A grande maioria das protagonistas são mulheres e, pelo fato de desempenharem o maior protagonismo da vida real, são elas o pilar da família moderna, são elas que cuidam dos filhos e são elas também que conduzem as notícias, que em sua maioria compõem os noticiários, quando as pautas estão voltadas para comunicar sobre a violência.

Sendo assim, *Filhos de Deus* (2018) é uma obra que consiste em narrativas femininas de reivindicações, denúncias e resistência concernentes à condição de mulher na sociedade. A capa com um cais, as águas e pessoas olhando para o sol torna-se bastante significativa. Uma vez que Cabo Verde é um país insular que está localizado em um arquipélago, a imagem traz a sensação de que as cabo-verdianas vivem na espera de algo que talvez tenha se perdido, e esse algo pode ser caracterizado como: a paz, a liberdade, o amor, a segurança.

A reflexão obtida ao visualizar essa capa é que as mulheres são as “filhas de Deus”, mesmo que durante o livro Dina Salústio nos mostra que filhos são esses, no decorrer do livro há um conto com o mesmo título da obra, em que ela mostra que esses filhos são crianças abandonadas por uma figura paterna e que posteriormente viram órfãos de mãe. No entanto, pelo teor que traz a grande maioria dos contos e monólogos desse livro, é possível assimilar as mulheres como sendo essas filhas de Deus, trazendo um ar melancólico junto à imagem em que elas estão todas esperando por uma mudança ao vislumbrar o pôr do sol no fim da ilha.

¹⁸ Disponível em <https://literaturasafrikanas.blogspot.com/2022/11/dina-salustio-2.html> acessado em 07 de junho de 2024

Neste mesmo sentido, há um conto durante a obra nomeado como: “juntas atrás do sol”, o qual conta a história de três amigas que, após três anos, se encontram, falam sobre suas vidas, relacionamentos e violências sofridas em seus casamentos. A história é finalizada com a cena que pode ser facilmente ligada à capa, quando as “mulheres levantaram-se e, juntas, saíram atrás do sol” (Salústio, 2018, p. 39). Percebo o sol se pondo como uma proposta de renascimento, também como a esperança de mudança; é o que a maioria dessas mulheres descritas por Dina Salústio nos contos esperam. Vítimas de violências psicológicas, domésticas e abandonadas por figuras masculinas são as principais protagonistas de todo o livro, por isso é possível refletir essas problemáticas com essas imagens apresentadas em sua capa.

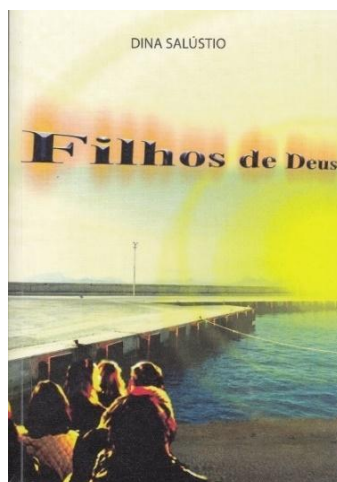


Foto: site Literatura Afrikanas

Em *Mornas eram as noites* (2002), Salústio constrói uma obra com crônicas e pequenos contos, propondo histórias sobre a condição da mulher na sociedade, conflitos sociais e humanos, violência doméstica, tudo na mesma intensidade. Este livro é um modo de mostrar a mulher cabo-verdiana em diferentes jeitos e formas. Ela escreve para e sobre todas as mulheres, porque em alguma medida elas têm alguma semelhança com ela. Assim a escritora responde em entrevista a Simone Caputo Gomes:

Necessidade de publicar inúmeras histórias de vida que passam por mim. Não são ficção, é cá um encontro que é verdade, um momento só. Não fiz uma seleção desses textos, só o primeiro foi intencional, para querer mostrar

o meu reconhecimento a estas mulheres que trabalham duro, que fazem o trabalho da pedra, que carregam água, que trabalham a terra, que têm a obrigação de cuidar dos filhos, de acender o lume. Quis prestar uma homenagem a esta mulher. Falo das mulheres intelectuais, daquelas que não são intelectuais, daquelas que não têm nenhum meio de vida escrito, falo da prostituta, falo de todas as mulheres que me dão alguma coisa, e que eu tenho alguma coisa delas. (Gomes, 2008, p. 218).

Segundo Gomes (2000), a palavra morna é uma referência à musicalidade, nacionalidade e a identidade cabo-verdiana. Nesse sentido, quando Dina Salústio constrói o livro, ela não somente traz as questões que embasam a condição das mulheres de Cabo Verde, mas também expressa a partir da poética e da música, suas dores, alegrias, nostalgias, como são expostas nesse gênero musical. Simone Gomes Caputo realiza um importante trabalho como pesquisadora das obras de Dina Salústio e sua trajetória com a literatura e, em uma de suas entrevistas, a escritora afirma ser “uma mulher que escreve umas coisas” (Gomes, 2000, p.114).

Novamente nesta obra, Dina Salústio traz uma capa com mulheres. Trata-se do seu primeiro livro, em uma republicação da editora Nandyala, e a ilustração que compõe a obra torna-se significativa e coerente com o conteúdo que se apresenta nos contos e crônicas. A figura de mulheres carregando baldes, sacos, fenos e outros objetos que retratam mulheres trabalhadoras torna-se uma expressão daquilo que a elas é direcionado e o que muitas vezes elas são obrigadas a exercer.

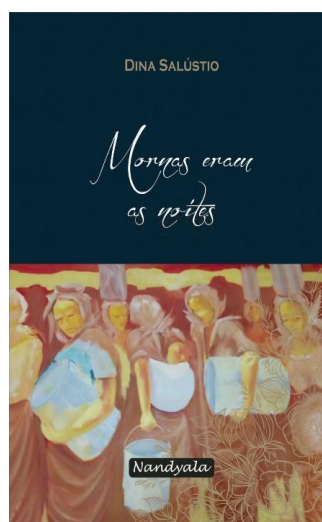


Foto: nandyalalivros.store

Assim como ela, Paulina Chiziane também se considera uma contadora de histórias, por isso compreendo essa resistência a qual mulheres negras têm de se autoafirmar como escritoras, herança de um período colonial. De acordo com Kilomba (2019), o plano colonial sugere calar as vozes das pessoas negras e, então, a escrita torna-se alvo dessa estratégia.

Colonizar o conhecimento configura-se como uma estratégia de o apagar da vida dos povos africanos, uma vez que deslegitima a escrita e os conhecimentos desses povos, tornando-se também uma forma de os manter fora das estruturas literárias. Isto se dá porque, segundo Kilomba, “as estruturas de validação do conhecimento, que definem o que é erudição ‘de verdade’ e ‘válida’, são controladas por acadêmicas/os brancas/os” (Kilomba, 2019, p. 53).

Em conformidade a Kilomba (2019), as obras da escritora Dina Salústio se intercalam com esse plano colonial, e, através dessas estratégias, sua literatura, advinda de Cabo Verde, é excluída e posicionada em um lugar que não consegue chegar a uma distância maior, enquanto a literatura ocidental consegue alcançar diferentes espaços.

Como exemplo, ao lançar *Mornas eram as Noites* em 1994, pouco são os trabalhos sobre ele durante esse período. Atualmente, sua escrita é objeto de estudo para os pesquisadores, mas não faz parte dos currículos escolares/acadêmicos. Ou seja, este e outros dos seus livros passam por um apagamento literário e social, e se não fossem os trabalhos de professores cientistas que estudam a literatura de Cabo Verde e seus livros, se perderiam em suas primeiras edições. Professores cientistas como Simone Caputo Gomes e Cristina Maria da Silva, que já publicaram trabalhos sobre seus livros, assim como os professores Carlos Alexandre e Jorge Henrique, que, através do canal no YouTube da Academia Gloriense de Letras em Sergipe, divulgam entrevistas e análises dos contos, e a pesquisadora Franciane Conceição Silva, que realizou uma entrevista em 2018 com Dina Salústio de grande importância para compreender as suas trajetórias e práticas de escrita.

A escolha dos contos anteriormente citados surgiu a partir da leitura atenta de ambos, mas também a partir das semelhanças entre as problemáticas trazidas por Conceição Evaristo e Dina Salústio. Em primeiro lugar, todos eles têm como

protagonistas mulheres e meninas. Em segundo lugar, todos eles possuem problemas como a violência, seja sexual, psicológica ou urbana. Por fim, soma-se a isso a problemática de abandono parental e de figuras masculinas como causadores de traumas e sofrimento. Todas as narrativas são compostas por histórias que podem ser facilmente confundidas com a realidade, sejam elas escritas em território brasileiro ou no continente africano. Elas contam histórias de um povo silenciado, ou seja, pobres, negros, mulheres e crianças.

A escrita feminina torna-se alvo de um apagamento literário e social desde seu surgimento; as mulheres sempre foram alvos dos pesquisadores que as caracterizavam como inferiores física ou intelectualmente. Neste sentido, propor um estudo a partir da escrita feminina é contribuir para um desmonte da construção social que desvaloriza o conhecimento construído por mulheres. Além disso, se, por um lado, no período colonial as mulheres brancas sofreram com o apagamento e o afastamento das estruturas de conhecimento, Lúcia Osana Zoli (2009) afirma que as mulheres escritoras utilizavam pseudônimos masculinos para não sofrerem algum tipo de retaliação. Por outro lado, mulheres negras eram muito mais atingidas, tanto é que até hoje são duramente massacradas por um sistema que carrega marcas coloniais, pois, além de sofrerem com preconceitos em razão do sexo, sofrem também com o racismo.

Sendo assim, a escrita feminina negra é alvo do apagamento social dentro do lugar em que vive, seja no Brasil ou em Cabo Verde. Por consequência, decai sobre uma exclusão que se manifesta em um desaparecimento literário dentro dos currículos escolares, acadêmicos e das estruturas literárias de conhecimento.

Portanto, ao falar sobre a escrita feminina, cabe afirmar que a importância do feminismo negro¹⁹ constrói-se a partir da tentativa de reinserir a mulher negra marginalizada dentro da sociedade, e isso inclui também as mulheres escritoras que sofrem diariamente com a exclusão literária. Sendo assim, conforme Zolin (2009), o objetivo de construir debates e inquietações sobre a construção das narrativas literárias é também compreender a crítica feminista como um ato político e social, propondo o desmonte dos discursos em que a “mulher ocupa, à sua revelia, um lugar

¹⁹ Refiro-me ao feminismo negro porque o movimento feminista que surge no século XIX não havia abordagem interseccional entre a raça humana, promovendo para as mulheres negras da época não só a violência de gênero, mas a sua exclusão em razão da cor da pele.

secundário em relação ao lugar ocupado pelo homem, marcado pela marginalidade, pela submissão e pela resignação” (Zolin, 2009, p. 2).

Este capítulo possui três subcapítulos - 2.1 *Entre a vida e morte: violências urbanas e domésticas*, 2.2 *Dores narradas: quando a ficção se mistura com a realidade* e 2.3 *Infâncias perdidas* - nos quais é feita a análise literária e social dos contos escolhidos entre obras de Conceição Evaristo e Dina Salústio. Neles são tecidas narrativas de mulheres e meninas, as quais se interconectam pela violência de gênero, e que, por isso, mesmo sendo histórias fictícias, fazem com que o leitor relembre fatos e acredite estar lendo um relato de experiência.

Quiçá isso ocorra não só pela força literária e dolorida que cada narrativa traz, mas também por uma rememoração que se abre a cada passo dado nas linhas desses textos. Evidentemente, não evoco o conceito de rememoração aqui como uma forma de buscar lembranças de fatos vividos pelo leitor, mas de fatos que foram noticiados, comentados de alguma forma em alguma interação social. Os contos aqui analisados soam como verossímeis, e por isso são textos que têm semelhanças com a vida real. No entanto, não sendo fiéis ao real, buscam por meio de metáforas construir essas histórias.

2.1 Entre a vida e morte: violências urbanas e domésticas

Evaristo (2016), no conto “Maria”, narra a vida de uma mulher pobre e moradora de comunidade, inclusive, um protótipo típico de mulheres negras brasileiras. Descrevendo o seu trajeto até em casa, inicia-se a narrativa de uma mãe que, ao voltar do seu trabalho, não para de pensar nos filhos, sendo possível conceber a dificuldade que carrega uma mãe solo, pois ela se torna mais propícia a sujeitar-se ao esquecimento consigo mesma e a viver apenas para manter o bem dos seus filhos.

Inicialmente Maria está voltando para casa com remédios e as frutas para seus filhos, mas esquece que “a palma de uma das suas mãos doía”. Tinha sofrido um corte bem no meio, “enquanto cortava o pernil para a patroa.” (Evaristo, 2016, p. 40). Neste momento é possível pensar que Evaristo evoca simbologias cristãs, então, quando Maria percebe o corte na mão, é possível simbolizar que a mulher é como uma espécie de Cristo, o qual a sociedade apedreja e julga corriqueiramente. Além disso, aponta

também que a personagem tem a maternidade em primeiro lugar, deixando de lado até mesmo um corte profundo em seu próprio corpo, causado enquanto fazia o pernil, que inclusive, torna-se o mesmo cujas sobras, ossos e restos, ela teve o direito de levar contentemente para casa.

Nesse momento, é possível apontar o quanto a maternidade solo traz para a mulher uma sobrecarga capaz de fazer esquecer dela mesma, porque ela não percebe o ferimento e não se atenta a comprar remédios para isso, está todo tempo pensando nos filhos. Além do cansaço físico aos quais são submetidas, as mães deixam-se invadir também pelo cansaço mental que as levam a esquecer sua própria vida. Ser mãe solo é algo estrutural e enraizado socialmente, o que se reflete em uma grande parte da sociedade brasileira. A pesquisadora Taiane Alves de Lima, também filha de mãe solo, realizou uma pesquisa com as mães negras solo de Fortaleza, Ceará, onde ela pondera que:

Ser mãe solo não perpassa por uma escolha das mulheres, mas em muitas situações por um condicionamento de uma sociedade estruturada no racismo e no sexismo, que se conecta a uma estrutura patriarcal, na qual responsabiliza as mulheres pelos cuidados para com a criação de suas filhas e seus filhos e que legitima ausências paternas, que se circunscreve na escolha de muitos homens de serem ou não pais de suas filhas e seus filhos. Essa decisão única e exclusiva masculina corrobora para a maternidade solitária de milhões de mulheres. (Lima, 2021, p. 80)

A partir de um narrador em terceira pessoa que mantém um foco narrativo na personagem Maria, o leitor é levado a pensar e a sentir como ela, contando sua volta para casa e seus sentimentos em relação aos filhos. Em seguida, ela encontra o pai de um dos seus filhos, que pergunta “e o menino Maria? Como vai o menino” (Evaristo, 2020, p. 40). Nesse contexto, surge a problemática do abandono parental, que aparece de forma rápida durante o conto, mas que se conecta com a história da personagem. Maria não era casada e durante as suas saídas com alguns homens acabou com três filhos “homens também”, como ela enfatiza. Diante disso, revela-se que, além de ser mãe solo, havia também um abandono parental da parte dos pais dos seus filhos.

Depois de poucos minutos de “cochichos”, é anunciado um assalto no ônibus por alguns homens e pelo ex-companheiro de Maria, podendo-se aqui facilmente fazer

uma alusão a situações costumeiras, pois assaltos a ônibus são frequentes. Nessa parte do conto, é possível destacar um problema social que danifica a sociedade brasileira, que é a violência nos ônibus e os números de assaltos que têm se tornado recorrentes e, obviamente, até os dias de hoje, essa crescente é visível²⁰.

Após o acontecido, Maria tem sua chegada em casa interrompida, não por causa do assalto, mas por ser alvo dos passageiros, que a acusaram de ser cúmplice. A personagem não teve nenhum pertence levado, sendo o alvo certo para ser imputada ao crime. Durante os ataques, são usadas frases como “*negra safada estava com os ladrões*”, “*negra atrevida*” até ser linchada e morta pelos pés e mãos daqueles que a julgaram. Nessa narrativa, Evaristo demonstra o quanto o racismo está impregnado na sociedade, até mesmo nas classes menos favorecidas, visto que o episódio acontece dentro do ônibus, reafirmando que nada isenta o negro do racismo.

Exemplo disso é a passagem do livro *torna-se negro*, em que um entrevistado nomeado por Sales afirma: “eu sinto o problema racial como uma ferida. É uma coisa que penso e sinto o tempo todo. É um negócio que não cicatriza nunca” (Santos, 2021, p. 77). Percebe-se que nada pode suprimir o negro de sofrer ataques racistas: por mais que ele esteja em um patamar de ascensão social, ele sempre sofrerá com o racismo. O problema racial é essa ferida incurável, que por vezes parece não existir, mas existe nas entrelinhas das palavras, nos detalhes das ações. Ele sempre está lá vivo, pulsante e esperando para surgir tal qual um trauma adormecido, que, ao acordar, sangra, dói e dilacera. O desfecho em que se dá a história de Maria nos permite refletir sobre outra problemática, que é a fúria doentia transmitida pela própria população que insiste em fazer “justiça” com as próprias mãos, pensando no contexto em que eles acreditam que Maria, por não ser roubada, era cúmplice dos ladrões, sendo, assim, por um ato que ela não cometeu, alvo de um linchamento coletivo.

Evaristo está nos contando uma história fictícia, mas semelhante a ela no Brasil há um relato bastante importante de ser ressaltado aqui, o caso de uma mulher assassinada pela fúria do povo. Fabiane Maria de Jesus²¹ também era mãe, foi vítima

²⁰ Em 2019 o site da NTU (Associação Nacional das Empresas de Transportes Urbanos), publicou uma nota a qual afirmava que em “19 anos foi registrado um total de 53.479 assaltos”.

²¹ “Em três de maio de 2014 foi noticiado em vários veículos no Brasil a morte por linchamento de Fabiane Maria de Jesus. A morte ocorreu devido a uma notícia com uma foto, divulgada pelo perfil do Facebook Guarujá Alerta, em que uma moradora da favela de Morrinhos estaria aliciando crianças para magia negra. Fabiane foi confundida com a pessoa da foto divulgada e, por isso, morta por populares” (Pisa & Souza, 2017, p. 77)

de um linchamento, assassinada pela população após ser vítima de um boato na internet que a acusava de estar fazendo magia negra. É óbvio que não quero fazer uma comparação fiel desse caso ao conto de Evaristo, pois trata-se de narrativas distintas, porém, o que ambas têm em comum? Ora, são mulheres que foram vítimas de suposições e tiveram suas vidas encerradas. Evidentemente não poderia deixar de ressaltar que por coincidência ambas carregam a marca do nome Maria.

Mesmo se tratando de uma narrativa literária, é possível perceber que o estereótipo da pessoa negra como ladra ou atrevida não está apenas na ficção, mas também na vida real. Muitos são os casos em que as pessoas negras foram abordadas como ladrões, simplesmente pela cor da pele, por não ter um padrão europeu ou devido ao racismo que é enraizado dentro da sociedade brasileira. Quando Evaristo constrói essa narrativa, ela elucida por meio da sua literatura o problema do racismo, mas também o feminicídio,²² que é recorrente em nosso país. Isto se constata ao olharmos os índices em nosso cotidiano, que inclusive se repetem tanto como se a vida estivesse imitando a arte. A exemplo, cite-se Bárbara Querino, presa injustamente e cujas provas a justiça desconsiderou em favor da alegação da vítima, que afirma tê-la reconhecido “pelos cabelos”. Outro exemplo é o da narrativa real de Marielle Franco, que também se entrelaça com a de Maria.

Marielle Franco, uma mulher negra, mãe, filha, socióloga, mestra em administração pública, vereadora, nascida e criada na favela da Maré, ativista pelos direitos humanos e das mulheres. No dia 14 de março de 2018 foi cruelmente assassinada a tiros de metralhadora em sua volta para casa. Porém, a sua trajetória na terra foi/é resistência para milhares de mulheres, e “quem mandou matar Marielle mal podia imaginar que ela era semente, e que milhões de Marielles em todo mundo se levantariam no dia seguinte” (Instituto Marielle Franco).²³

Esses casos podem ter suas diferenças, no entanto, todos são impulsionados por um racismo estrutural inserido em nossa sociedade. Assim, percebo a escrita de Evaristo como uma forma de protesto para aqueles que não tiveram chances de viver ou até mesmo ter sua voz validada. A personagem Maria, com um nome comum, contempla a narrativa de tantas outras marias da vida real, que tem sua dignidade

²² Termo utilizado pela escritora sul-africana Diana Russel para descrever os assassinatos de mulheres em razão do gênero.

²³ Disponível em: <https://www.institutomariellefranco.org/> acessado em 17 de novembro de 2023.

arrancada dia a dia para tentar sustentar seus filhos e manter-se viva, mas que muitas vezes são assassinadas no caminho de volta ou mesmo na própria casa.

Com a escrita de Evaristo, percebe-se a existência de uma imagem criada por pessoas brancas e frequentemente utilizada para afirmar que toda pessoa negra é um ladrão/uma ladra. Nesse sentido, essa criação de estereótipos, cuja finalidade é atribuir um significado pejorativo, abre-se também brechas para uma incitação de ódio e atentados contra pessoas negras. Portanto, é possível compreender com Evaristo que estereótipos matam e por isso é preciso um olhar atento a eles e seus significados.

Nomear a personagem principal como Maria torna-se um ponto importante para refletir, primeiro porque é um nome bastante comum. Segundo, por ser comum, torna-se uma estratégia posicionada para descrever as diversas marias que são caladas diariamente no país, o que se expressa em uma crescente taxa de feminicídio e violência contra as mulheres que insistentemente continua sendo pauta das notícias. As pesquisadoras Stela Nazareth Meneghel e Ana Paula Portella (2017, p. 3078) ressaltam que em 2017 dados divulgados pelo Mapa da Violência no Brasil mostram uma ascendência no feminicídio “no período de 1980-2010 e coeficientes de mortalidade que passaram de 2,3/100.000 para 4,8/100.000, representando um aumento de 111% no período”, deixando o Brasil em 5º lugar da escala mundial nessa época. Mais recentemente, cerca de alguns meses atrás, o G1²⁴ divulgou uma média de 4 mulheres por dia vítimas de feminicídio em 2022, reafirmando o quanto, mesmo com a Lei Maria da Penha sancionada, as mulheres ainda são vulneráveis e correm perigo diariamente.

Evaristo, em poucas páginas, consegue construir uma narrativa completa e que transporta o leitor a refletir sobre a condição da mulher na sociedade. Afirmando isso observando a problemática da precariedade em que as trabalhadoras nas casas de família precisam enfrentar. Em um primeiro momento, é possível perceber que o seu salário é tão pouco porque precisa pensar em voltar para casa caminhando para não gastar com as passagens. Com uma narrativa em um discurso indireto livre, que faz com que o narrador e leitor tornem-se unidos durante a leitura, a personagem então

²⁴ Acessado em 05 de janeiro de 2024, disponível em: [Feminicídios batem recorde no 1º semestre de 2022 no Brasil quando repasse ao combate à violência contra a mulher foi o mais baixo | São Paulo | G1 \(globo.com\)](#)

reflete que: “era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto” (Evaristo, p. 39, 2020).

Em um segundo momento, é descrito que ela está levando para casa “os restos” da festa que aconteceu no dia anterior na casa da patroa. Ao aludir à escravidão, percebe-se o quanto os costumes coloniais ainda perduram nos dias de hoje e que essas nuances e semelhanças com a realidade fazem com que os objetivos traçados por Evaristo sejam alcançados, por isso ela chama suas obras de “escrevivências”, afinal, até poucos anos atrás as trabalhadoras domésticas não tinham direito a receber um salário-mínimo, e passaram a recebe-lo com a lei complementar Nº150, promulgada em junho de 2015. Ou seja, isso é tão recente que facilmente, se nos propuséssemos a um estudo empírico da narrativa de Maria, seria possível comparar o conto a histórias vivenciados por outras marias do mundo real.

É importante ressaltar as semelhanças entre a escritora e a personagem. Assim como Maria, Evaristo também é uma mulher negra, que já foi moradora de comunidade, e, possivelmente, já passou por assaltos em ônibus, já que morou em cidade que precisava tramitar através do transporte público. Além disso, Evaristo também já foi trabalhadora doméstica, então muito provavelmente já deve ter passado por momentos em que refletia sobre “voltar ou não de ônibus” para economizar.

No ensaio *A escrita e os excluídos*, que faz parte da obra *Literatura e resistência* (2002), de Alfredo Bosi, ele propõe o estudo acerca das maneiras com que os historiadores avaliam a relação entre o sujeito excluído e a escrita.

Conforme Bosi (2002), ao investigar algumas das motivações que levam o sujeito marginalizado a escrever e a narrar suas vivências, compreende-se que isso se dá quando o sujeito excluído se insere enquanto indivíduo do processo simbólico, ou seja, quando ele narra e conta os fatos vividos em seu cotidiano. Assim, torna-se possível que Evaristo ao escrever tenha essa mesma motivação, pois, além de nomear suas obras como escrevivências, suas personagens, espaço e tempo costumam estar atreladas à realidade, relatando fatos que poderiam ser reais em sua trajetória ou mesmo acontecido com alguém próximo dela.

Sendo assim, o conto evidencia problemas sociais e ao mesmo tempo consegue transitar entre histórias vivenciadas no passado de Maria e no presente em apenas um espaço e tempo, causando reflexões acerca da sua condição de vida anterior e do presente momento. Na citação abaixo, Maria, enquanto sujeito que se vê diante de alguém que esteve com ela no passado e que não faz mais parte da sua

vida, entra em um estágio nostálgico que se percebe e rememora o passado refletindo no presente. A partir de episódios vividos por ela e pelo pai do seu filho, surgem indagações acerca do afastamento entre os dois. Sendo assim, torna-se possível pensar mais uma vez a questão proposta anteriormente: Maria esquecia da sua própria felicidade para viver apenas em prol dos filhos e, além disso, provavelmente rever o seu ex-marido cause um turbilhão de sentimentos que a trazia de volta à “vida”.

Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam de gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, era o pai de seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de uma outra forma? Por que não podiam ser felizes? (Evaristo, 2020, p. 40)

Percebe-se que, durante o conto Evaristo, problematiza questões raciais, violência urbanas, abandono parental, maternidade solo e disparidade social existente no Brasil. Com isso, ela contribui para uma construção literária atual composta por subjetividades, enquanto mulher negra existente em uma sociedade racista, e produz obras literárias fictícias e compostas por diversos significados.

Em um contexto semelhante, Dina Salústio traz à tona o conto “foram as dores que o mataram”, presente no livro *Mornas eram as noites* (2002). Ela também escreve a partir de um foco narrativo, uma vez que inicia a história com um narrador observador durante quase toda a obra, mas que em alguns momentos abre margem para que a própria protagonista fale. Durante todo o texto, o foco narrativo é percebido como uma maneira de prender a atenção do leitor em uma história a qual se revela ao longo da trama. O narrador propõe nos contar uma história que terá seu fim a partir das “dores” que, não reveladas no início, conduzem o leitor pela busca de desvendar quais são e como foram causadas.

No primeiro momento, a partir do título já se torna perceptível uma história, por exemplo, que nos possibilita pensar na morte de uma figura masculina a partir das dores de uma enfermidade. O jogo das palavras em um tempo passado junto ao artigo “o”, que expressa a figura masculina na frase, deixa explícito ao leitor que se trata de um homem morto por dores. Assertivamente, ela constrói uma narrativa que contraria esse tipo de expectativa que o leitor possa sugerir.

A história é curta, mas pode ser refletida em três momentos, o primeiro: a história de um casal, o segundo: a violência doméstica, e terceiro: a reação que resulta em um assassinato.

Através de um narrador observador, o conto é iniciado com a história de um casal que conta como eles se conheceram, sem dizer quando, mas há a certeza de que se amaram. No entanto, com o passar dos tempos e da rotina, os dois se afastam, mas continuam juntos. A partir da sua escrita inicial é possível perceber que Salústio problematiza o amor entre um casal que já vive uma rotina, sendo dissolvido em uma luta constante pelo “direito de viver”. Neste sentido, isso nos leva a pensar na possibilidade de um casal que enfrenta algum problema e por isso suas vidas continuam e “caminham juntas”.

Não importa o dia. Nem importa mesmo o ano em que se conheceram. Aconteceu. E houve um momento em que se amaram. Talvez tenha havido muitos momentos em que se amaram. Depois a rotina de vidas que se afastaram e, incompreensivelmente, continuam juntas. E, dramaticamente caminham juntas, num desafio permanente à vida, à morte, ao direito de viver. (Salústio, 2002, p.17)

Em um segundo momento, a história é narrada por uma mulher, que inicia se justificando: "Não matei o meu marido. Eu amava-o" (Salústio, 2002, p.17). Com isso percebe-se qual o problema que entrelaça essas vidas, por qual motivo caminham juntas: a violência.

Nota-se, também, que a história antes contada no título, que poderia ser imaginada pelo leitor, não condiz com a que está sendo narrada e, dessa forma, é possível compreender que não se trata apenas da história de um casal e de como se conheceram, ou mesmo que estão enfrentando alguma situação-problema que os entrelaça para que caminhem juntos, pelo contrário, diz respeito a uma violência cultivada de várias formas: física, psicológica, as quais podem conduzir a consequências fatais.

A protagonista do conto é uma mulher, que não é nomeada, e possivelmente trata-se de um espelho-mulher da sociedade cabo-verdiana, a qual Dina Salústio recria a partir da literatura, uma mulher silenciada e violentada em diversas formas. Essa mulher, com tom de sofrimento, relata a violência doméstica, cuja semelhança com a realidade é notável, uma vez que há relatos de milhares de mulheres que não conseguem denunciar seus agressores e vivem à espera de mudanças. Ainda no

segundo momento do texto, ao mesmo tempo em que ela descreve como o seu marido morreu, ela constrói uma outra narrativa para denunciar a violência doméstica.

A violência doméstica não é contemporânea e sim um fenômeno que prejudica a vida das mulheres há anos, desde a sua inserção na sociedade tiveram seus direitos negados e, com isso, a figura masculina sente-se no direito de ter domínio sobre o corpo feminino de diversas maneiras.

Em *O feminismo é para todo mundo* (2000) bell hooks trata da importância da educação feminista para todos, inclusive dentro das famílias, ressaltando a necessidade de que mães e pais construam a educação dos seus filhos baseados em contextos feministas, já que só assim será possível haver uma sociedade livre de valores patriarcais, machistas e de preconceitos de gênero ou étnico-racial.

Segundo hooks (2019), a violência doméstica atrelada ao patriarcado surge a partir da aceitação de que a figura masculina deve ter o controle e a força sobre outros membros da casa. A cultura de violência é sustentada pelo sexismo dentro de casa, praticado por homens, mas também por mulheres que educam seus filhos a partir da violência, sendo necessária a desestruturação de uma educação com base nessa premissa, para que as crianças cresçam e se tornem adultos conscientes e que resolvem as suas diferenças com base no diálogo e não na agressão.

Em uma cultura de dominação, todo mundo é socializado para enxergar violência como meio aceitável de controle social. Grupos dominantes mantêm o poder através da ameaça (aceita ou não) de que castigo abusivo, físico ou psicológico, será usado sempre que estruturas hierárquicas em exercício forem ameaçadas, quer seja em um relacionamento homem-mulher, quer seja na conexão entre pais ou mães e crianças. (hooks, 2019, p. 98)

Durante o conto, a protagonista em seu depoimento afirma não o ter matado e, com isso, se constrói uma defesa composta de fragmentos das cenas que ela vivenciou. Nesse momento, percebem-se as marcas de uma violência psicológica à qual ela está condenada: assassinar seu amor, por ter sido coagida mediante aos ataques físicos sofridos por ela, resultou em uma violência psicológica que terá que carregar pelo resto da vida.

Essa figura masculina não só feriu essa mulher fisicamente, como também deixou marcas em seu psicológico, condenadas a ficar para sempre em sua vida. Ao longo do conto, ela sempre se defende afirmando que não matou seu marido, mas "foram as dores do meu corpo que o condenaram. Foram o sangue pisado, o ventre moído, as feridas em pus" (Salústio, 2002, p. 17).

Nota-se que a narrativa se constrói por episódios vivenciados em uma relação abusiva, quando ela descreve o quanto gostava do “seu modo de andar” e esperava que ele voltasse para casa com “um riso e a esperança de que as coisas iriam mudar” (Salústio, 2002, p. 17). Cria-se então um contexto muito semelhante e vivenciado na realidade das mulheres, pois muitas acreditam que um dia seus esposos podem mudar e acabam se submetendo a permanecer com eles, mesmo sendo violentadas.

Durante esse segundo momento do conto em que é composto por um narrador-personagem, a trajetória é traçada a partir da pessoa que vive e conta a sua própria história. A personagem afirma: “Eu amava-o. Porquê matá-lo? Ele matou-se. (...) Deu-me as armas e fez-me assassina...depois ficou tudo escuro. E o corpo a dor, a doer, a...” (Salústio, 2002, p.18).

Até que no final um “engasgo” a inibe de falar, talvez porque rememorar é tão dolorido quanto vivenciar. Aparece novamente o narrador observador que havia iniciado o conto para finalizá-lo com a frase: “um soluço frágil absorve a última palavra” (Salústio, 2002, p. 18). Nesse contexto, constata-se problemas que tramitam entre diálogos para além da literatura, mas em um âmbito psicológico.

Com isso, a construção do enredo em que se compõe a trama coloca-nos diante de situações questionáveis, primeiro: há uma assassina. Segundo: há também uma vítima e, por sua vez, esta última torna-se o estopim para construção de toda a narrativa.

Quando reflito sobre as partes desse conto, observo uma construção sobre o feminicídio, mesmo que não haja uma questão de morte física de uma mulher, mas uma morte lenta: através das pancadas e do sangue pisado, além de uma morte psicológica e da sua integridade: quando ela precisa reagir para sobreviver e acaba assassinando um homem que a agrediu por anos.

Diana Russel (1938 - 2020), teórica sul-africana que utilizou pela primeira vez o termo feminicídio em 1976 no Tribunal Internacional Sobre Crimes Contra as Mulheres, em Bruxelas,²⁵ caracterizou o feminicídio como o crime de assassinato de homens contra as mulheres, apenas por serem mulheres. Segundo Russel (1992), os

²⁵ Meneghel, Stela Nazareth e Portella, Ana Paula Feminicídios: conceitos, tipos e cenários. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2017, v. 22, n. 9 [Acessado 21 Novembro 2023], pp. 3077-3086. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.11412017>>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.11412017>.

homens assassinam as mulheres motivados pelo ódio, desprezo ou até mesmo pelo sentimento de tê-las como propriedade.

O feminicídio por sua vez se constrói a partir da dominação masculina em razão da qual os homens acreditam possuir as mulheres. Conforme Russel (1992), quando as mulheres negam a existência desse problema, perpetuam-se e criam-se repressões ou a negação em prol da experiência traumática do problema do sexismo, o que influencia na socialização do gênero. Dessa forma, a construção social de que o sexo masculino é naturalmente superior ao feminino é um dos fatores essenciais para o desenvolvimento dos padrões que impõem as diferenças de acordo com a natureza, e assim os homens se consideram superiores e dominantes ao ponto de criar uma autoridade sobre as mulheres.

Diversas violências são abordadas, mas a psicológica talvez tenha se tornado a mais agravante, pois a todo momento a personagem se defende dizendo que não matou seu amor, porque ela não consegue conceber que alguém que ama possa ferir a outra, mas se tornou assassina a partir do que sofria, como afirma no conto: “deu-me as armas e fez-me assassina” (Salústio, 2002, p. 18). Ou seja, a violência que sofria tornou-se um incentivo para levá-la a cometer um crime.

Nota-se que o conto ressalta que quem matou não foi a esposa amorosa que o amava, foi a mulher que era violentada sempre que ele voltava para casa, a mesma que sobreviveu às pancadas, ao sangue e à esperança de que um dia ele mudaria, que revidou em defesa da sua própria vida. Encerrou de vez um ciclo de agressão, ao qual ela, ou até as outras mulheres com as quais aquele homem se relacionou, era sujeita. A narrativa de Salústio é uma ficção literária cabo-verdiana, mas com influências sociais reais.

Por isso, mesmo sendo uma narrativa imaginária, o conto não deixa de estar atrelado a fatos verídicos que são noticiados na mídia. O assassinato do homem que a violentava que essa mulher cometeu torna-se uma consequência resultante de marcas da violência doméstica que é latente na sociedade, e quando não ocorre a morte do agressor, é o contrário. Em 14 de junho de 2023, foi divulgado no site O País²⁶ que uma mulher cabo-verdiana nomeada por Carina Rosário Rocha, de 35

²⁶ Disponível em: <https://opais.cv/tragedia-em-holanda-cabo-verdiana-e-morta-supostamente-pelo-proprio-marido/14/06/2023/> acessado em 19 de maio de 2024.

anos e mãe de 3 filhos, foi assassinada por seu companheiro. Além desses casos, são divulgados constantemente outros semelhantes.

Os dados apontam diversos casos em que as histórias literárias correspondem à realidade: em agosto de 2021 a polícia nacional divulgou a taxa de 936 casos de violência contra as mulheres em Cabo Verde²⁷; em 11 de julho de 2023, foram divulgados pelo Jornal Fala Cabo Verde mais de 4 casos de feminicídio em menos de dois meses no país²⁸, números que atestam sua semelhança ao que escreveu Salústio.

De acordo com Silva (et al., 2020, p. 2), os dados estatísticos obtidos em 2005 mostravam que “a partir dos 15 anos, mais de uma cabo-verdiana em cada cinco foi vítima de uma ou várias formas de violência praticada pelo parceiro íntimo”, chegando a uma taxa “de 42,5% e a partir de 2018 o feminicídio passou a ser notícia frequente nos meios de comunicação em nível nacional”.

2.2 Dores narradas: quando a ficção se mistura com a realidade

Em *Filhos de Deus* (2018), Dina Salústio propõe o conto “o texto que eu não consigo escrever”, em que a escritora reflete sobre a condição de ser mulher na sociedade, destacando violências às quais são submetidas da infância até a fase adulta. O texto tem mais característica de um monólogo, escrito em primeira pessoa. Ela inicia com uma indagação que remete à sensação de que se trata de uma pergunta que outras pessoas já fizeram antes.

Perguntaste-me se havia algum texto que ainda não tinha escrito. Dei voltas, hesitei, mudei de assunto, voltámos ao mesmo até que, piedosamente, saltaste para outras conversas, sabendo eu que voltarias ao tema quando me sentisses menos segura. Um outro, por certo. (Salústio, 2018, p. 132)

Cultura e Imperialismo, publicado originalmente em 1993 por Edward W. Said (1995 - 2003), reúne uma coletânea de ensaios em que ele estuda e reflete sobre a

²⁷ Disponível em: <https://asemana.publ.cv/?Cabo-Verde-registou-936-casos-de-Violencia-Baseada-no-Genero-no-primeiro&ak=1> acessado em 07 de abril de 2023.

²⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rHiWgFBFuco> acessado em 19 de março de 2024.

temática da cultura e do imperialismo nos séculos XVIII, XIX e XX. Os estudos voltam-se à relação entre construções culturais a partir do Orientalismo e dos padrões coloniais. Este livro torna-se importante para a investigação acerca da construção da literatura e cultura e, além disso, para compreensão dos textos literários e os estereótipos criados e disseminados a partir deles.

Ainda no início do texto, Salústio (2018, p. 132), como forma de responder à pergunta de um interlocutor que a questiona, afirma: “há um texto que não consigo escrever, sim”. Com isso, é possível refletir o que defendeu Said (2011, p 124), “ao ler um texto, devemos abri-lo tanto para o que está contido nele quanto para o que foi excluído pelo autor. Cada obra cultural é a visão de um momento”, ou seja, quando Salústio relata que não consegue escrever um determinado texto, mesmo escrevendo, ela justapõe a sua escrita com sua não-escrita. Em outras palavras, ela escreve o texto que não consegue, de uma forma delimitada e com fatos/enredos excluídos. Assim como Said (2011) afirmou que se deve atentar para as obras culturais com uma perspectiva de que elas estão narrando/contando uma visão de um determinado momento, a escrita desse monólogo é a forma pela qual ela conseguiu reverberar as suas angústias naquele momento.

Mais adiante ela menciona que não consegue escrever esse texto, porque a dor não é sua e, por mais que ela quisesse, não conseguiria “mostrar um olhar sem cor” (Salústio, 2018, p. 132). Tal descrição da sua maneira de olhar transmite a ideia de que os olhos de alguém que foi violentado já não brilham ou não sentem como antes, uma vez que, quando se tem o corpo invadido, perde-se o direito de escolha pelo seu próprio corpo e, conseqüentemente, é possível perceber o sofrimento sendo transmitido através dos olhos.

Quando ela descreve que não consegue escrever porque “eu, nós, não estávamos lá” (Salústio, 2018, p. 132), ela compreende escrever os fatos vividos por outra pessoa, contudo ela narra a dor de quem os vivenciou. Além disso, ela constrói um emaranhado de perguntas: “como não chorar com elas?”, referindo-se às crianças que são violentadas e mesmo não conseguindo escrever esse texto “faz-se e anda por aí” (Salústio, 2018, p. 133). O “andar por aí” pode ser visto pelos diversos noticiários ou pela própria oralidade que conta os fatos ocorridos com essas meninas

de “boca em boca” até chegar aos escritores que tentam de alguma forma humanizá-las em meio a tragédias como essas.

Deste modo, o texto que ela não consegue escrever torna-se a narrativa das dores e traumas que meninas e mulheres vivenciam, sua escrita é composta por temas dolorosos e, por isso, ela sempre ressalta que: “há um texto que não consigo escrever” (Salústio, 2018, p. 132). Talvez, quando se lê esporadicamente, não se consiga perceber as problemáticas que esse texto evoca, mesmo “não conseguindo escrever”, ela ressalta episódios que, ao deleitar-se sobre a história e se deixar transportar a lugares que as palavras nos carregam até lá, percebe-se a dor que as entrelinhas transmitem, principalmente quando se tem contato com as notícias.

Inquieta, a menina olha bebê, que também se fará menina. Que também se fez, menina. E nós as encontramos pelos cantos. E falamos delas. E são nossas. E somos nós. Não é fácil, mas apesar de tudo escreve-se essa dor. Onde eu estava, onde estávamos nós, quando perdemos de vista essas meninas? De que sol falávamos? Em que janela nos poisávamos, quando pelos dias ou no silêncio das estrelas, elas se quebravam? Onde estava eu? Onde nós estávamos quando a vida delas se fez, se desfez? (Salústio, 2018, p. 133).

Em um segundo momento em que estive relendo esse texto, percebi que a sua revolta é explanada através de frases cheias de eufemismo que provocam o leitor a repensar e refletir sobre suas construções poéticas, mas também sobre os problemas sociais que ela propõe durante a escrita. Em um certo momento do texto ela afirma que: “o texto que não consigo é a história de uma mulher, em três soluços contados. Ouço-a e sinto o sangue gritando” (Salústio, 2018, p. 132). Assim é possível afirmar que se trata da violência doméstica que ela rememora e não consegue interferir quando ela finaliza com “rostos passam e eu não mando parar” (Salústio, 2018, p. 132), transmitindo uma ideia de que ela se angustia com o fato de saber que há mulheres sendo violentadas e ela não consegue evitar.

Durante todo o enredo do texto, percebe-se que sua escrita carrega simbolicamente sua inconformidade com as recorrências dos casos de agressão sexual e física, no entanto, forma-se como uma escrita denunciativa, propositalmente questionável e perturbadora. Quando escreve com esse foco narrativo ela causa incômodo no leitor para alcançar um lugar muito objetivo com sua literatura: o de

utilizar a escrita como mecanismo para repensar e tentar acabar com certos problemas sociais, como é o caso da violência doméstica e sexual.

Assim, na seguinte passagem: “onde eu estava, onde estávamos nós quando perdemos de vista essas meninas? (...) Onde estávamos quando alguém ataca a bebê menina e ela grita?” (Salústio, 2018, p. 133), se torna explícito o tema violência sexual infantil, alertado como um problema social latente na sociedade, causando nela uma certa “culpa” de não conseguir impedir. Nesse sentido, isso demonstra que, enquanto mulher e escritora, em episódios difíceis de serem narrados, é essencial falar sobre o perigo e a dor de ser mulher. Ela finaliza com uma incompreensão de não conseguir se livrar da “dor dessas filhas da dor” e que mesmo ao observar o vazio que trazem seus olhares, ela não consegue escrever o texto, pois faltam as palavras para descrever essas dores, essas “tristes vidas”. “Infelizes nós” (Salústio, 2018, p. 134). Ao finalizar com o “nós”, percebo a solidariedade feminina com a dor das outras mulheres e o atravessamento dessas dores causadas sendo conectadas a ela também.

De outro modo, Evaristo constrói o conto “Shirley Paixão”, que conta a história da família da mesma mulher que o nomeia e que se torna a narradora-personagem de boa parte da trama. Sua família era composta por ela, seu marido e mais cinco crianças, todas meninas entre 5 e 9 anos quando iniciaram a relação, entre elas, três eram filhas apenas do marido e as outras duas de Shirley. Aparentemente foram por sete anos uma família comum, como relata a protagonista: “vivíamos bem, as brigas e os desentendimentos que, às vezes, surgiam entre nós eram por questões corriqueiras, como na vida de qualquer casal. Nada demais” (Evaristo, 2016, p. 27).

A protagonista conta que as pessoas que não sabiam que as filhas não eram do mesmo pai e mãe poderia muito bem acreditar que eram, pois havia uma semelhança física entre elas. E as suas meninas amavam aquele homem como um pai que conseguiu suprir o lugar do pai delas que sumiu no mundo, enquanto as filhas dele viam em Shirley um amparo de mãe, que perderam quando sua mãe biológica faleceu. Assim, tornaram-se cada vez mais “uma confraria de mulheres” (Evaristo, 2016, p. 28).

A protagonista conta que essa confraria de mulheres incomodava o “homem da casa”. Implicando por estarem sempre juntas, Shirley afirma que já pressentia que essa lealdade entre elas seria útil para travar uma batalha que estaria por vir. Porém, não imaginava que o inimigo seria ele e ressalta: “até que o tempo me deu a amarga resposta e entendi, os sinais que eu intuía e que recusava decifrar” (Evaristo, 2016, p. 28). A segunda parte do conto é reservada para falar sobre Seni, que era a filha mais velha do seu marido e chegou faltando “três meses para completar nove anos, sempre foi a mais arredia” (Evaristo, 2016, p. 28). Com poucas palavras e em silêncio “era capaz de ficar longo tempo de mãos dadas com as irmãs, ou comigo, sem dizer nada, em profundo silêncio” (Evaristo, 2016, p. 28).

Para Shirley, o comportamento estranho da menina poderia ser devido a saudades da mãe ou até mesmo culpa. O pai não tinha paciência com a menina e sempre implicava e a desvaloriza. Ela foi crescendo, zelando por ela e por suas irmãs, sempre com poucas palavras, mas com gestos de amor e cuidado procurava sempre cuidar das suas irmãs, “eu procurava desviá-la do caminho de uma responsabilidade, que não era dela, ao perceber o excesso de cuidado e os gestos de proteção com que ela cercava as irmãs e, às vezes, se eu permitisse, até a mim” (Evaristo, 2016, p. 28). Na escola, Seni sempre foi uma aluna exemplar e tinha mania de perfeição e autocensura, o que chamou a atenção da professora que questionou sua mãe se em casa eles eram severos com ela. Ao descobrir que não, a professora com a anuência da mãe, sugere um acompanhamento psicológico, que ao descobrir o pai tem um “acesso de raiva” e só não agrediu a menina, talvez, porque ela não deixaria, relata Shirley.

Nessa parte do conto, a menina chora e tem um “ataque de pânico”, aludindo esse momento como um dos mais significativos de toda a narrativa, pois é o momento em que Seni tenta gritar e pedir socorro, mas não consegue, a menina apenas: “chorava desesperadamente”. Shirley conta que a menina a agarrava com tanta força que parecia querer entrar no seu corpo, como uma forma de se proteger de algo ou alguém: “a sensação que eu tive foi como se ela tivesse regredido no tempo. Não era uma mocinha de doze anos que chorava e sim uma menininha desesperada, pedindo socorro” (Evaristo, 2016, p. 28).

Shirley olha o homem enfurecido e ordena que ele saia da sala e a deixe sozinha com a filha, a mesma pela qual não tinha o mesmo amor que pelas outras. Ela sabia ainda mais que aquela menina era também sua filha, e por ela e pelas outras ela morreria, mas também mataria. Após esse momento da história, entra um narrador-observador que continua parte da história, narrando que tempo depois de ter sido enxotado da sala por Shirley, ele volta à casa e quando ela está dormindo, vai até o quarto das meninas e arrasta Seni da cama para o quintal para violentá-la. No ato de desespero, medo e coragem, ela consegue gritar e acordar suas irmãs. Todas gritam por socorro, chamando por Shirley, e pelo pai que elas não reconheceram.

Nem assim o desgraçado recuou. E avançou sobre Seni, gritando, xingando os maiores impropérios, rasgando suas vestes e expondo à nudez aquele corpo ainda meio-menina, violentado diversas vezes por ele, desde quando a mãe dela falecera. Nesse momento, eu já estava alcançando o quarto das meninas, no andar superior. E não conseguia atinar como alguém, que não tivesse a chave, pudesse ter entrado em nossa casa. Só podia ser ele, mas não imaginava a brutalidade da cena. Por um momento, pensei que ele, na ignorância dele, tivesse subido ao quarto para brigar mais uma vez com Seni. Foi quando assisti à cena mais dolorosa da minha vida. Um homem esbravejando, tentando agarrar, possuir, violentar o corpo nu de uma menina, enquanto outras vozes suplicantes, desesperadas, desamparadas, chamavam por socorro. Pediam ajuda ao pai, sem perceberem que ele era o próprio algoz. (Evaristo, 2016, p. 31-32)

Nesse momento, Shirley percebia que ela precisava salvar sua filha e seria matar ou morrer. Quando percebeu a barra de ferro que servia como tranca para a janela, ela o golpeou e quando estava pronta para acertar mais uma vez, a vizinha segurou. Sem perceber, umas das meninas haviam pedido ajuda a vizinha, e logo depois chegaram curiosos que ouviram a gritaria. Quando o homem estava caído no chão, Shirley correu até a menina que estava nua e exposta a todos que estavam ali. Enrolou ela em um lençol e junto as suas irmãs; tinha sensação de que pegava no colo um bebê estrangulado, conta Shirley. Enquanto choravam abraçadas, o corpo continuava no chão, mas vivo, afirma a narradora que ele era "tão ruim que não morreu!" (Evaristo, 2016, p. 27).

Desde o início da narrativa, Shirley não se enquadra no estereótipo de "mulher-vítima", pois reafirma a todo momento da história que fez e faria novamente, sua intenção seria mesmo matar aquele homem que estava violentando sua filha. Queria acabar com aquele "malacafento", "animal furioso" como ela o nomeia ao longo do

texto, ela não reconhecia nele o seu marido e muito menos aquele pai que as filhas clamavam por socorro. Shirley afirma não se arrepende de tê-la golpeado como o fez, inclusive no início do conto reafirma que confessou para polícia que sua intenção naquele momento era matá-lo, embora isto nunca estivesse planejado, pois, como ela disse no início do texto, viviam bem, porém, naquele momento, ela percebeu que “aquele homem não merecia viver” (Evaristo, 2016, p. 27).

Shirley foi aconselhada a fugir do flagrante e as meninas ficaram com sua vizinha Luzia. A menina passou por exames, o homem sobreviveu e foi preso. Shirley ficou presa por três anos por tentativa de homicídio, depois conseguiu a condicional e voltou a viver com as suas meninas. Essa história é contada após trinta anos do ocorrido: em intervalos de lágrimas, Shirley relata que três das suas filhas se casaram e a confraria de mulheres cresceu, "é agora fortalecida por uma geração de meninas netas que desponta" (Evaristo, 2016, p. 34). A mais nova e Seni ainda moram com ela. Seni depois desses anos todos vive tentando esquecer seus traumas, e continua com seu gesto de proteção e zelo pelos outros, e, talvez por isso, preferiu tornar-se médica pediátrica, finaliza Shirley.

A partir das análises, é possível perceber as conexões entre os contos, posto que ambas as narrativas expõem preocupações com violências. Se por um lado tem-se uma mulher que está apreensiva em saber que meninas e mulheres podem estar sendo violentadas, por outro tem-se uma mulher que luta contra uma violência cometida com a sua filha. Essas histórias escritas em contextos e tempos diferentes se encontram e se entrelaçam construindo a literatura negra que denuncia problemas sociais vividos por mulheres-meninas negras que por vezes são esquecidas ou contabilizadas como estatísticas. Destarte, as escritoras trazem por meio desses contos reflexões que faz o leitor se incomodar e refletir a respeito de problemas sociais no contexto em que vive.

2.3 Infâncias perdidas

A partir de uma escrita poética também provocativa, Conceição Evaristo nos apresenta uma narrativa fictícia, mas que de certa forma dá voz a diversas crianças

que são silenciadas diariamente. Crianças que tiveram suas vidas ceifadas em razão de uma guerra às drogas, que acerta o mesmo alvo: negros e negras.

Com sua escrita, é possível perceber as denúncias de problemas sociais que a sociedade insiste em não tornar visíveis, a fome, a pobreza e a desigualdade social às quais crianças e adolescentes estão expostos diariamente. Durante o enredo, o espaço em que ela constrói a história trata-se da casa dessa família, que fica localizada em uma comunidade. Através de narrativa em 3ª pessoa, o conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” destaca momentos vivenciados por essa família, que, por sua vez, são costurados a diversos problemas sociais, que não fogem à nossa realidade, entre eles: violência urbana, tráfico, violência infantil, desigualdade social e pobreza.

Apesar de ser uma história fictícia, o cenário que Evaristo constrói não está longe da realidade, são problemas herdados das consequências do colonialismo. Desde a abolição da escravatura, dada pela então Lei Áurea, os povos escravizados tiveram sua liberdade, mas não os direitos trabalhistas, foram libertos sem-terra e sem condições financeiras para a mínima sobrevivência. Com isso, no século XIX surgem então os conglomerados urbanos, que conhecemos como favelas ou periferias. Estes lugares foram povoados pelos negros, pobres e pessoas que não tinham onde morar, que começaram a construir nos morros aos arredores da cidade seus “barracos”. Moravam nas favelas todos aqueles que a sociedade considerava descartáveis, ou como Carolina Maria de Jesus afirma: “a favela é o quarto de despejo de uma cidade” (Jesus, 2014, p. 195).

Conforme o Censo Demográfico 2022, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 16 milhões de pessoas vivem em comunidades. De acordo com Raquel Willadino (2017, p. 167), a violência no Brasil durante 30 anos teve um aumento significativo no número de homicídios entre adolescentes e jovens negros de 15 a 29 anos, e no ano de 2012 foram registrados 56.337 homicídios no país. Ela afirma: “quem morre assassinado no Brasil são prioritariamente os jovens negros, do sexo masculino, moradores de favelas e periferias”. Desde a sua pesquisa, o país registrou ainda mais homicídios, entre eles de crianças e mulheres.

A vida acontece e nas comunidades não seria diferente: há vida nas margens da cidade tanto quanto nos centros, e lá as crianças são ainda mais expostas e vulneráveis a perder suas vidas, porque são elas que brincam do lado de fora, e são elas também que sequer entendem as guerras que se desenrolam entre a polícia e o tráfico de drogas. Tornam-se propícias a perderem suas vidas com mais facilidade, de forma trágica e ainda mais injustas, porque quando uma criança tem sua vida interrompida é como se estivessem morrendo também as possibilidades de mudanças para um futuro melhor. Portanto, é sob uma perspectiva social que Conceição Evaristo expõe uma narrativa fictícia, e ao mesmo tempo real, conforme nos tornamos informados diariamente.

O conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”²⁹ faz parte do livro de contos *Olhos d’água* (2020), de Conceição Evaristo. Nele a escritora traceja brevemente o cotidiano de uma família composta pela mãe Benícia, dois filhos que não são nomeados e as gêmeas Naíta e Zaíta. Com uma lacuna no lugar da figura paterna, desenha-se então o contrário do modelo hegemônico de família tradicional. A infância narrada no conto surge no início da trama com a protagonista Zaíta, representado a partir da sua admiração por suas figurinhas e pelos desenhos que tinha em cada uma delas, em especial a “figurinha-flor”, que era a sua preferida, e naquele momento ela não conseguia encontrar.

Ainda no início do conto, imediatamente é possível depreender que se trata de uma narrativa sobre a vivência de pessoas em estado de vulnerabilidade social. Antes mesmo de chegar ao final, é possível perceber, através da descrição do brinquedo que Zaíta mais gostava, uma problemática acerca daquilo que vou chamar de “infância roubada”, uma vez que ela descreve uma figurinha com “uma garotinha carregando uma braçada de flores” (Evaristo, 2016, p. 74), chamando a atenção para pensar que Zaíta mais gostava de uma imagem, o que significa que ela não tem acesso a um ambiente semelhante ao da garotinha.

²⁹ A partir desse momento, a análise segue com algumas partes retiradas do trabalho de minha autoria, com orientação de Cristina Maria da Silva, intitulado como: “Os problemas sociais na escrita de Conceição Evaristo: análise do conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos.”.” Que foi apresentado no dia 10 de novembro de 2022 no evento: XIX Encontro Interdisciplinar de Estudos Literários. Disponível em: <https://interdisciplinaruf.wixsite.com/xix-encontro-interdi/anais-do-xix-interdisciplinar>

As irmãs, apesar de serem gêmeas, tinham suas diferenças no jeito de falar, e, talvez, ao expressar seus sentimentos, “Zaíta tinha nos modos um quê de doçura, de mistérios e de sofrimento” (Evaristo, 2016, p. 72). Ainda no início da história, Evaristo descreve que Zaíta sentia até exalar um doce perfume das flores. Quiçá os mistérios aos quais ela se referia fosse a sensação da falta de lugares como o da figurinha, trazendo uma ideia de que ela se sente deslocada do lugar em que estava, como se não fosse o seu lugar de pertencimento. Nesse sentido, percebo novamente os traumas na vida dessas crianças, despertando o desejo de estar em lugares que não costumam ir, como é o caso da imagem da figurinha.

Ademais, durante o desenvolvimento do enredo, é descrita a seguinte situação que se manterá por todo o conto: certo dia, quando Zaíta percebe que sua irmã Naíta pegou sua figurinha-flor [brinquedo que mais gostava], ela começa a formular planos para conseguir pegar de volta. No outro dia, Zaíta procurou sua figurinha dentro dos brinquedos mais uma vez e não encontrou. Inconformada, deixou os brinquedos pela casa mesmo sabendo que sua mãe iria brigar, como era costume acontecer, e foi atrás da irmã para tentar encontrar e pegar de volta sua figurinha.

Foi recebida com tapas e safanões. Saiu chorando para procurar Zaíta. Tinha duas tristezas para contar a sua irmã igual. Havia perdido uma coisa que Zaíta gostava muito. De manhã tinha apanhado a figurinha debaixo do travesseiro. Queria sentir o perfume de perto. E agora não sabia mais onde estava a flor... A outra coisa era que a mamãe estava brava porque os brinquedos estavam largados no chão e de raiva ela havia arrebitado aquela bonequinha negra, a mais linda... (Evaristo, 2020, p.75)

Nas páginas finais do texto, acontece um tiroteio entre as facções, das quais uma era inclusive liderada por seu irmão mais novo. De forma trágica, Zaíta é morta e encontrada por sua irmã Naíta, que, sem compreender a situação, grita: — Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos! Com essa frase, Evaristo nomeou o seu conto e desenvolveu uma narrativa simples, porém realística e visceral aos olhos de quem já vivenciou ou leu sobre acontecimentos semelhantes a este.

Durante a leitura do conto, é possível perceber que ele é escrito de forma detalhada, por isso traz uma ideia de que todos os personagens e o lugar que é narrado, contam uma história. Sem eles, a história não teria nos causado tanto

impacto. Mesmo sendo dolorosa, por vezes, inenarrável, é com as figuras de linguagem que Evaristo possibilita uma delimitação daquilo que possa se tornar inaceitável. Através do modo como ela escreve, é possível que o leitor facilmente se envolva com o que está sendo transmitido, como se conhecesse os personagens e como se os acontecimentos fizessem parte de uma realidade antes experimentada. Conforme Antonio Candido (2000), a literatura existe porque houve uma fuga para aquilo que é real.

A maior parte da narrativa é direcionada para as gêmeas, no entanto, é uma história completa e contempla todos aqueles que vivem em comunidades, inclusive, os irmãos das gêmeas. Benícia tinha quatro filhos, entre eles o mais velho, que foi para o exército, e o mais novo. Ambos seguiam carreira, como diz Evaristo no conto, mas de forma diferente. O segundo filho torna-se um personagem muito importante para a trama, principalmente porque é através dele que se evidencia a importância de refletir sobre a necessidade de políticas públicas.

Benícia era trabalhadora doméstica e vivia na pobreza em um barraco pequeno com os seus quatro filhos, se preocupava com todos eles, no entanto, o segundo filho era o que ela mais temia, enquanto o mais velho estava no exército, o mais novo liderava o tráfico de drogas que disputava a área próxima da sua casa. A personagem é uma mulher de trinta e quatro anos que trabalhava fora para manter o sustento da casa, se recusava a aceitar o dinheiro do seu filho, pois sabia que era dinheiro que vinha do tráfico de drogas. Nesse momento, Evaristo descreve a visão que o filho mais novo de Benícia tinha de onde vivia.

O irmão de Zaíta, como um sujeito que se entende existente naquele espaço, percebe dois caminhos trilhados por pessoas que possuem semelhanças com ele. Imediatamente, ele vê que as pessoas à sua volta trabalham miseravelmente e continuam pobres, e por outro lado, aqueles que seguem a vida do crime conseguem desfrutar de melhores condições de vida.

O moço via mulheres, homens e até mesmo crianças, ainda meio adormecidos, saírem para o trabalho e voltarem pobres como foram acumulados de cansaço apenas. Queria, pois, arrumar a vida de outra forma. Havia alguns que trabalhavam de outro modo e ficavam ricos. Era só insistir, só ter coragem. Só dominar o medo e ir adiante. (Evaristo, 2020, p. 74)

Nesse contexto, ressalto a semelhança entre as histórias lidas por minha mãe à narrativa do irmão de Zaíta. Considero que ler para uma criança é dar asas para a sua imaginação, mas ler para uma criança negra sobre outras crianças negras que vivem na miséria podem levar à perpetuação de estereótipos que reforçam a imagem dos povos negros sendo excluídos e alocados às margens da cidade. Então, refletir sobre a imaginação do irmão de Zaíta em meio à sua necessidade de sobrevivência é importante para pensar a sua inserção no caminho que ele percorreu.

O cenário em que o personagem se encontra em que: “via mulheres, homens e até mesmo crianças, ainda meio adormecidos, saírem para o trabalho e voltarem pobres como foram, acumulados de cansaço apenas” (Evaristo, 2020, p. 74) descreve um lugar onde se perpetua apenas a miséria, a insalubridade e as condições de vida sub-humanas. Ao seu redor, sua visão panorâmica consegue perceber que de um lado há pessoas que labutam exaustivamente e acumulam mais pobreza, inclusive sua mãe, e, de um outro lado, pessoas que conseguem dinheiro, roupas, comida e outras coisas com o tráfico. A vulnerabilidade faz com que as pessoas escolham caminhos mais curtos, os quais conseqüentemente também podem levar à morte. Crianças como os filhos de Benícia que vivem sozinhos em casa enquanto sua mãe precisa trabalhar muitas vezes se inserem no subsistema do tráfico devido à falta de oportunidade e políticas públicas que não chegam aos morros e ficam apenas no asfalto dos centros das cidades.

Ao final do conto são descritos episódios que acontecem frequentemente nas comunidades, confrontos e conflitos entre facções e a polícia, dentro da narrativa, o irmão de Zaíta [o segundo] fazia parte do grupo mais novo, mas que já era conhecido como o mais armado e disputava o espaço próximo à sua casa. Quando ocorre o conflito entre eles, os outros grupos e a polícia, no final da narrativa, a autora utiliza figuras de linguagens para falar sobre a violência a que as crianças das comunidades são expostas diariamente em momentos como este. Assim, compreende-se que as crianças precisam cuidar das suas próprias vidas, estarem sempre atentas: “às vezes se distraíam. E, então, não experimentavam somente as balas adocicadas, suaves, que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhes dissolviam a vida” (Evaristo, 2020, p. 76).

Em meio ao tiroteio a menina ia. Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculos no corpo da menina. Daí a um minuto, tudo acabou. Homens armados sumiram pelos becos silenciosos, cegos e mudos. Cinco ou seis corpos, como o de Zaíta, jaziam no chão. (...) os moradores do beco onde havia acontecido o tiroteio ignoravam os outros corpos e recolhiam só o da menina. Naíta demorou um pouco para entender o que havia acontecido. E, assim que se aproximou da irmã, gritou entre o desespero, a dor, o espanto e o medo: — Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos! (Evaristo, 2020, p. 76)

A escrita de Evaristo trata-se de uma construção literária poética, com metáforas e jogos de palavras que coadunam com a realidade, suas histórias narram as vivências de muitas crianças, muitas semelhantes à de Zaíta. Assim, tem-se a história de Ágatha Vitória Sales Félix, estudante, bailarina e criança negra, que aos 8 anos já tinha seus gostos e sonhos. Em algumas fotos divulgadas nas redes sociais, Ágatha Félix aparece vestida da personagem Mulher Maravilha, parece que sabia que ela precisava ser forte e esperta para sobreviver a uma política de extermínio que atinge pessoas negras independentemente da idade ou gênero. Infelizmente sua imaginação não a privou de ter sua vida interrompida pela polícia militar do Rio de Janeiro quando a kombi em que ela estava no Complexo do Alemão foi atingida por um tiro de fuzil.

Nesse conto, Evaristo faz ecoar um grito de resistência das vozes daqueles que são diariamente emudecidos e esquecidos, denunciando problemas sociais através da literatura e constrói um caminho de relevância a acontecimentos que a sociedade insiste em inibir de dentro das estruturas sociais. Além disso, torna perceptíveis situações vivenciadas no cotidiano dessa população, para assim construir mecanismos de combate às opressões vivenciadas por pessoas que são excluídas e deixadas à margem da sociedade, tornam-se como se não existissem.

No conto “Quantos filhos Natalina teve?”, que também faz parte do livro *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo (2020) traz uma construção literária em terceira pessoa, onde nos conta sobre a vida da personagem Natalina. Além dela, são citados outros, alguns são nomeados e outros aparecem apenas com substantivos. Evaristo, de forma detalhada, constrói a narrativa ponto a ponto até chegar a um final que causa muito facilmente estranheza, tristeza, felicidade ou alívio, tudo na mesma proporção.

A personagem desse conto se chama Natalina, uma mulher que passou por quatro gestações, apenas na quarta ela quer criar o filho, ao contrário das outras em

que ela decidiu que não queria nenhum deles. Assim, a narrativa inicia com a imagem de Natalina acariciando sua barriga, enquanto sorri contente por estar grávida do “seu primeiro filho. Só seu. De homem algum, de pessoa alguma” (Evaristo, 2020, p. 44). Nesse contexto, quando ela mesma decide não criar, não ser mãe nas outras três gestações, traz reflexões sobre a sociedade patriarcal e a construção de que toda mulher precisa exercer a maternidade.

O tema da educação sexual torna-se bastante importante a ser discutido durante esta análise, pois, uma vez negligenciada pelos pais, torna-se uma das causas da gravidez na adolescência. Por sua vez, é o que acontece com Natalina em sua primeira gravidez, fruto de um namoro com Bilico quando tinha treze anos. Quando sua mãe descobre, desesperada, questiona se ela e Bilico queriam o filho. Natalina não sabia responder por Bilico, entretanto, ela sabia que não queria o filho, preparou alguns chás que conhecia: a menina sempre ouvia a mãe com suas amigas sobre chás que resolvia e escutava elas falarem: “Ei, fulana, o troço desceu!”.

Assim ela tomou os chás por dias enquanto cuidava dos seus irmãos, porém, não funcionou e quando a mãe descobriu, passou a preparar os chás ela mesma. Pensava como era que criaria mais uma criança, em uma casa com ela, seu marido e mais sete crianças, precisava dar um jeito, então decidiu que levaria a menina até a parteira Sá Praxedes. Nesse momento Natalina sentiu medo porque sabia que a velha comia crianças, ela não queria o filho de Bilico, contudo também não queria que ele fosse comido pela velha, então ela resolveu fugir e ter o filho, depois entregou para uma enfermeira que queria criar.

O narrador descreve a personagem saindo do hospital com a sensação de ter ganhado uma boneca que não desejasse e cedeu o brinquedo para “alguém que quisesse”. Nesse momento é possível perceber uma crítica acerca da falta de educação sexual. Primeiro, quando a mãe conversa sobre chás abortivos com suas amigas, mas não conversa sobre a vida sexual, só depois sugere o aborto como a solução para uma gravidez precoce. Segundo a sensação que Natalina teve ao deixar seu filho com uma desconhecida e não deixar que ele “fosse comido” pela Sá Praxedes mostra a sua imaturidade de adolescente.

Nesse contexto, o enredo proposto por Evaristo reforça as questões sobre a criminalização do aborto no Brasil. Em consonância aos ideais patriarcais impostos sobre o corpo da mulher, quando o aborto é criminalizado, constrói então uma dominação institucional sobre os corpos femininos. Para isso, teoriza Djamila Ribeiro (2018, p. 86), que “o Estado não permite que mulheres tenham autonomia sobre seus corpos” e por isso figuras como Sá Praxedes tornam-se ainda mais comuns no país, já que, mesmo sendo criminalizado, existem mulheres que abortam por diversos motivos. Em sua maioria vão a lugares clandestinos, que espalhados pelo país realizam a prática do aborto de forma invasiva, sem segurança e com riscos de morte.

A segunda gravidez de Natalina surgiu inesperadamente também, dessa vez, era filho de Tonho, ela já estava mais experiente, sempre tomava os chás, no entanto “um dia uma semente teimosa vingou”. Gostava dele, era correspondida, mas Natalina não queria ficar com ele, não queria ter filho ou família, fato que o rapaz não entendia porque ela não quis tudo aquilo que uma mulher mais queria “uma casa, um homem, um filho” (Evaristo, 2020, p. 46). Decidiu que quando o filho nascesse, Tonho levaria com ele. Foi o que aconteceu, ele voltou para sua terra, “levando consigo o filho que Natalina não quis” (Evaristo, 2020, p. 46).

Mais uma vez, Evaristo reforça a construção do patriarcado sobre os corpos femininos, inferindo que a natureza feminina está atrelada a casar-se e a ter filhos. Nesse sentido, quando uma mulher decide não ter filhos, é questionada “desde muito cedo somos ensinadas que devemos ser mães. Divulgam uma ideia romântica de maternidade e a enfiam goela abaixo, naturalizando esse lugar” (Ribeiro, 2018, p. 87). Em suas duas gestações, a personagem contraria a ideia de que a maternidade é destino da mulher, ela optou por não querer ser mãe, e por isso na primeira deu seu filho a uma enfermeira e a segunda para o pai da criança, ambos seguiram sem contato algum com ela.

Em continuidade ao enredo, o narrador destaca que: “a terceira gravidez, ela também não queria. Quem quis foi o casal para quem Natalina trabalhava” (Evaristo, 2016, p. 46). A protagonista trabalhava para um casal que viajava muito, era uma vida que ela gostava: limpava, passava e cuidava do apartamento que ficava por muito tempo sozinha, tanto que sentia como se ela fosse a própria dona. Certo dia, a patroa

ligou chorando, desesperada dizendo que precisava ter um filho, e apenas Natalina poderia ajudar.

Ainda sem entender nada do que a patroa havia falado por telefone, Natalina aguardou quando eles voltaram para a casa, ouviu o que eles disseram, entendeu que a patroa não conseguia ter filhos e era só pedir que a empregada gerasse o filho deles: “Natalina lembrou de Sá Praxedes que comia crianças, vai ver a velha comeu o filho dessa mulher” (Evaristo, 2020, p. 47). Mais uma vez o narrado revela a imaturidade da protagonista, que por sua vez, não entendia por que a mulher queria tanto ter um filho, se submetendo a gerar o filho para ela.

Deitaria com o patrão, sem paga alguma, tantas vezes fosse preciso. Deitaria com ele até a outra se engravidar, até a outra encontrar no fundo de um útero, que não o seu, algum bebê perdido no limiar de um tempo que só a velha Praxedes conhecia.” (Evaristo, 2020, p. 47).

Nesse momento, percebe-se a crítica de Evaristo em relação aos assédios causados entre os patrões com suas funcionárias. No contexto de Natalina, os patrões proporcionam uma vida confortável, deixando-a se sentir a própria dona do apartamento, atribuindo o corpo de Natalina como um objeto da sua propriedade, e, por isso, ela poderia pagar com ele a condição de vida aos quais eles a favoreceu.

Natalina se encontra em uma posição de manipulação causada pelo desespero de uma mulher que não consegue ter um filho e oferece a oportunidade de viver bem em uma casa que não era a sua, como se gerar os filhos para os patrões fosse o seu pagamento por estar vivendo no conforto do apartamento. Então Natalina concordou em deitar-se todas as noites que o patrão estava em casa, até que um dia ela conseguiu ficar grávida, foi a pior de todas que ela teve, mesmo já estando mais velha do que a primeira vez, teve uma gravidez conturbada, enjoava muito e era como se fosse “nove meses de eternidade” (Evaristo, 2020, p. 48).

Esta foi a gravidez mais dolorosa, sentia vergonha dos patrões e dela mesma por ter aceitado. Quando nasceu, era uma criança fraca, sobreviveu, e em seu parto: “Natalina quase morreu. Tinha os seios vazios, nenhum vestígio de leite para amamentar o filho da outra. Para seu próprio alívio foi esquecida pelos dois” (Evaristo, 2020, p. 48). Sendo assim, é possível fazer uma alusão à objetificação dos corpos negros femininos no período colonial e à continuidade desse processo.

Durante o conto ela pontua que Natalina tinha um tom de pele “mais negro” do que da patroa, notam-se vestígios do período colonial quando as mulheres escravizadas serviam aos seus patrões como amas de leite ou objeto sexual. No conto, o narrador não destaca que Natalina foi forçada diretamente, mas é possível perceber quando olhamos pela ótica do conforto que ela recebia e a manipulação psicológica submetida pela patroa com Natalina.

Quando ela afirma que não quis nenhuma das gravidezes anteriores, e tão pouco aquela para sua patroa, o momento em que ela liga chorando para Natalina dizendo que precisa ter um filho torna-se essencial para perceber a dominação com ela. Evaristo constrói uma história que sugere a todo momento a inocência de Natalina, mesmo sendo uma mulher que já teve dois filhos, ainda acreditava em mitos aos quais contavam para ela na infância. Natalina vive a infância perdida, desde a sua gravidez precoce até a sua quarta gravidez.

Descrita como uma personagem que aproveitava a vida com seus namorados, desde quando descobre a sua sexualidade até o momento em que consegue viver bem na casa do casal, antes da gestação, a protagonista é vista como uma mulher que escolhe não ser mãe, mesmo passando por três gestações. Percebe-se que, para Natalina, a maternidade é uma decisão da própria mulher e não como um destino ao qual a sociedade patriarcal impõe. A personagem não tinha o sonho de ser mãe ou formar família, como normalmente é construída essa ideia para nós desde meninas, assim ela viveu até a sua quarta gestação.

Era a quarta vez que Natalina estava grávida, dessa vez o filho vingou a partir de um estupro, ocorrido quando estava em sua casa e dois homens invadiram perguntando por seu irmão, ela que não entendeu nada, pois havia saído de casa há muito tempo, tinha deixado todos para trás. Como não respondeu aos homens o que eles queriam ouvir, eles amarraram, vendaram seus olhos e a levaram, não sabia para onde, percebeu que estavam saindo da estrada logo depois que um dos homens deixou o carro e desejou para o outro “bom proveito”.

Naquela noite Natalina foi vítima de um estupro, na escuridão não conseguiu ver o rosto do seu algoz. Quando esbarrou com algo no chão, era a arma do homem, em quem com um disparo só Natalina acertou e foi fatal. Ela se assustou com o tiro que de tão forte e próximo: “pensou estar se matando também. Fugiu. Guardou tudo só pra ela. A quem dizer? O que fazer? Só que guardou mais do que o ódio, a vergonha, o pavor, a dor de ter sido violentada” (Evaristo, 2020, p. 50).

Assim como um dia ela fugiu da mãe para não ser levada até a velha Sá Praxedes, Natalina agora precisava fugir do comparsa do homem que ela não conhecia. A protagonista compreende que estava em perigo, no entanto, dessa vez ela: “estava feliz, o filho estava para arrebentar no mundo a qualquer hora. Estava ansiosa para olhar aquele filho e não ver a marca de ninguém, talvez nem dela. Estava feliz e só consigo mesma” (Evaristo, 2016, p. 50).

Nesse caso, ao acompanhar a trajetória de Natalina, é possível afirmar que, em primeiro lugar, Natalina não tinha vontade de ser mãe e por isso deixaria seus filhos para quem realmente gostaria de criá-los, por isso ela torna-se dona do seu próprio corpo. Em segundo lugar, percebe-se que, ao matar o homem que a violentou, ela se vê como uma mulher livre, e é nesse momento em que ela decide ser mãe por conta própria. Quando ela tira a vida do estuprador, é como se ao se vingar por ter sido violentada, estaria tentando apagar a obrigação dele com o filho que ela gerava. Aquele filho tinha somente a ela, e pela primeira vez ela resolveu que seria mãe, pois não devia nada à mãe, ao pai ou aos patrões. Assim, o filho que ela gerava representava a violência que ela sofreu, mas também a liberdade que ela tinha de escolher criá-lo sozinha. Sendo assim, a personagem elabora, a partir do trauma, um motivo para viver com ele, ser mãe do “filho que fora concebido nos frágeis limites da vida e da morte” (Evaristo, 2016, p. 50).

Há na obra uma história fictícia com marcas de uma realidade não tão distante, porque as questões que envolvem todo o conto são facilmente encontradas. De acordo com a pesquisadora Rayane Lima Duda (2023), em sua pesquisa sobre a violência de gênero, a partir de dados junto ao Fórum Brasileiro de Segurança Pública, “só no primeiro semestre de 2023, 722 mulheres foram mortas por feminicídio no Brasil” (Duda, 2023, p. 19). Em relação aos casos de violências sexuais, a pesquisadora obteve dados “segundo pesquisa do FBSP (2023), em 2023 o Brasil chegou ao número de 34.428 casos de estupro e estupro de vulnerável, de meninas e mulheres apenas no primeiro semestre deste ano”. (Duda, 2023, p. 24).

Esses acontecimentos são principalmente vividos por uma população que costumeiramente está nos espaços considerados fora do centro da cidade. A realidade periférica em que vivem as meninas e as mulheres tende a estar propícia a uma falta de educação sexual e segurança e, por sua vez, destina-se a uma propagação da pobreza, da submissão e da violência. Assim, temas como: gravidez

na adolescência, estupro, violência contra a mulher, submissão, objetificação dos corpos negros e vulnerabilidade social pontuam um desfecho inesperado que se encaminha para o final da história propondo às tristezas vivenciadas pela personagem um fio de esperança e felicidade.

Não tão distante do Brasil, tem-se o conto de Dina Salústio: “Forçadamente mulher, forçosamente mãe”, em que a escritora cabo-verdiana nos apresenta uma narrativa curta, porém cruel demais para ser lida e automaticamente não tomar nota com alguma significação. Em seu enredo, é possível trazer características de casos reais que são frequentemente noticiados na mídia, não só na cabo-verdiana, mas também na brasileira. Dessa vez, seu título é bastante sugestivo, pois nos possibilita perceber que sua construção literária se trata de uma denúncia de abuso sexual.

Assim como no período escravagista, as mulheres africanas eram vistas como símbolos sexuais para os exploradores, sendo vítimas de estupros e muitas vezes forçadas a se tornarem mães. A literatura de Dina Salústio ainda traz um teor denunciativo com resquícios de uma herança sórdida deixada pelos maus costumes do explorador. Sendo assim, “a mulher negra ter sido submetida a esse tipo de violência sistematicamente evidencia uma relação direta entre a colonização e a cultura do estupro” (Ribeiro, 2018, p. 117). Mulheres brancas também estão vulneráveis a sofrer violência sexual, no entanto, historicamente corpos de mulheres negras são construídos e hipersexualizado, então, quando Dina Salústio escreve para oportunizar vozes de mulheres silenciadas e apagadas de um contexto social, é possível traçar uma alusão ao período escravagista que sua literatura reflete de forma atemporal.

No Brasil a hipersexualização da mulher negra origina-se no período escravagista, em que mulheres negras eram violentadas sexualmente por seus donos, construindo assim “um discurso usado socialmente de que a mulher branca serviria para o matrimônio, enquanto que a mulher negra serviria para o sexo” (Carmo & Rodrigues, 2021, p. 73) e que mais tarde seria utilizado como uma tentativa de embranquecimento da população.

Dina Salústio inicia o conto com uma forma poética e trazendo referências identitárias de Cabo Verde, ressaltando o ambiente da praia e as conchas rosas aos quais a protagonista costumava colecionar, demonstrando o quanto a sua escrita propõe denunciar problemas sociais, mas também contribuir para expressar características litorâneas do seu país.

A história é iniciada com um narrador em terceira pessoa, e com um foco narrativo descritivo, retrata a dor de Paula, uma adolescente que foi forçada a se tornar mulher, conseqüentemente sendo forçada a ser mãe. Salústio constrói uma narrativa sobre uma menina que é violentada sexualmente, traçando a estação do ano a partir do mês de setembro, inclusive o mês em que nascerá o filho da protagonista. A escritora ressalta momentos em que a Paula ainda tinha sua inocência de menina catando conchinhas na praia:

Ainda há dias ela ria e dançava pelos cantos. E juntava conchinhas cor de rosa na praia. E colecionava sonhos. Que é das conchinhas? Que é dos sonhos? Hoje carrega penosamente uma barriga enorme. Sozinha. (Salústio, 2002, p. 35).

De início, o leitor já consegue identificar à qual violência a personagem foi submetida. Durante a construção da história, torna-se perceptível como Paula foi “forçadamente” a se tornar mulher. Diante disso, a escritora nos possibilita refletir sobre a construção social atribuída à condição de mulher na sociedade, ou seja, Paula foi violentada, além disso foi obrigada a se tornar mãe. Percebe-se que sua escrita é atravessada pela dor da personagem e indignada afirma "aos dezasseis anos não se devia ter filhos. A Natureza não soube fazer contas. Aos dezasseis anos não se devia carregar culpas. Nem vergonhas" (Salústio, 2002, p. 35).

A narradora, em um súbito momento de ódio, transpassa a sensação de estar denunciando de forma audível a violência sexual em Cabo Verde e de todo o mundo, construindo a partir disso um grito de ordem que propõe convocar todas as mulheres e meninas a uma revolução para combater as violências sofridas, o silêncio e as vergonhas que elas sentem ao ser violentadas. Ou seja, ela propõe que, através da união feminina, elas lutem contra o machismo, o sexismo e toda a doutrina patriarcal, revoltando-se contra aqueles que veem a mulher como um objeto sexual.

Queria vê-la com raiva. Revoltada. Decidida. (...) Queria que ela e todas elas se juntassem e calassem para sempre os latidos daquelas que perseguem manhosamente as nossas meninas na quietude das noites. Com o seu ódio. E que os desfizessem com as suas mãos de mães abandonadas. E os afogassem impiedosamente nas lágrimas de todas as crianças traídas. E esfomeadas. (Salústio, 2002, p. 35)

Sendo assim, durante a leitura, é possível perceber as dores de Paula e a revolta de quem narra. A personagem se mostra triste durante o enredo, talvez pela

violência sofrida, entre seus choros “às escondidas”, demonstrando-se esperançosa por dias melhores. Entretanto, a narradora finaliza afirmando que sua esperança “secará com o primeiro leite do primeiro filho. Secará como os sonhos da adolescente forçadamente mulher. Forçosamente mãe” (Salústio, 2002, p. 35).

Paula é mais uma personagem que vivencia um problema social latente, é mais uma mulher que tem o trajeto da sua vida alterado por causa de uma figura masculina. A personagem dessa vez não matou outra pessoa, mas teve sua adolescência e sonhos mortos, seu corpo violentado e forçadamente foi obrigada a se tornar mulher e mãe, sendo construída uma narrativa descrita por um corpo adolescente, que à força torna-se mulher, tecendo suas dores a partir de uma perspectiva que nos proporciona ódio e revolta, tanto quanto à narradora.

Como disse Cristina Maria da Silva, “a escrita literária de Dina Salústio expressa o quanto mulheres confinadas ao silêncio do cotidiano sofrem por não falar ou sequer ter voz” (Silva, 2021, p. 188). Paula é uma dessas mulheres que vivem uma vida de medo e silêncio por sofrer uma violência que todas as crianças, independente do país, infelizmente estão sujeitas a sofrer, submetidas a perder sua adolescência, e que agora vivem na tristeza de quem perdeu forçadamente a sua vida para cuidar de um outro ser.

Paula perdeu o olhar meigo e livre de adolescente. Agora apenas um rostinho triste e resignado que de longe em longe se abre, quando gargalhadas de meninas como ela despertam o resto de menina que ainda existe. (Salústio, 2002, p. 35)

No conto, além da violência sexual existe também o debate da gravidez precoce, um tema que é muito recorrente na sociedade cabo-verdiana. Conta uma história que marca um conceito temporal, o narrador mostra a imaturidade de Paula em relação à sua situação quando narra que ela: “chora às escondidas. E faz contas à vida e às luas” (Salústio, 2002, p. 35). Percebe-se a sua indignação e não aceitação da vida que se fará desse momento em diante, destacando também a sua falta de preparação para torna-se mulher-mãe.

O caso de Paula descrito no conto trata-se do espelho de muitos outros casos da vida real, de acordo com a pesquisa realizada por Telma Melissa Évora (2023) e dados divulgados pelo ministério público entre 2021 e 2022 “em Cabo Verde foram registados nos serviços do Ministério Público 776 processos concernentes a crimes

sexuais”. (Évora, 2023, p. 23). Ou seja, só reforça ainda mais o quanto a escrita de Dina Salústio propõe nos alertar a problemas sociais vividos por meninas-mulheres de Cabo Verde. A personagem criada por Evaristo conta uma história com diversas facetas, uma menina-mulher com vontades próprias que acaba tendo sua liberdade privada por uma figura masculina. Por outro lado, Salústio constrói uma narrativa tão desconfortável quando a de Evaristo.

Enquanto Zaíta perde sua vida sem jamais se tornar mulher. Natalina e Paula se tornam mulheres antes mesmo de pensar em ser. Todas elas tiveram seus corpos invadidos e violentados por descuido familiar ou mesmo condições sociais desiguais, mas que as levam a se tornarem mães fruto de abusos sexuais. Essas duas narrativas nos levam a refletir sobre quais caminhos meninas e mulheres têm que tomar quando são violentadas, não bastando ter seu corpo-vida invadido, mas tendo que arcar com a vida de um outro ser fruto dessas violências.

Natalina escolheu não criar vários outros filhos seus, Paula não teve escolha. Natalina tirou a vida do seu algoz, e Paula? Perdeu a vida para ele. Essas duas histórias carregam em comum dores, violências e principalmente incômodos causados ao leitor, embaraços estes que nos levam a pensar quais os rumos da nossa sociedade em relação às violências sexuais que meninas-mulheres sofrem no mundo.

3 RECONTAR A HISTÓRIA: ESCREVER PARA EXISTIR

Deixa que eu conto a minha história, eu me represento, eu recebo as glórias. Aprendo com as minhas e, tão certo como o agora, eu estarei nas linhas que contam nossa vitória. (Bia Ferreira)

Contar a nossa própria história torna-se um desafio quando não sabemos de onde viemos, qual a origem do nosso sobrenome e quem foram nossos antepassados. Para isso, faz-se necessário nos transportar a um lugar no passado com a tentativa de buscar respostas. Por isso, quando direcionamos a frase: “conte sua história”, para uma pessoa negra, é como se virasse uma “chave” e ela insiste em nos mostrar o quanto não sabemos a nossa própria história.

Enquanto pessoa negra, afirmo que não é porque não queremos saber sobre nossos antepassados, mas porque as narrativas que nos contam não trazem as marcas de nossa autoria, são fragmentadas, despedaçadas tal qual uma rosa retirada de um jardim alheio e quanto mais buscamos uma história, mais nos deparamos com narrativas viscerais e que perturbam ainda mais nossa consciência.

O genocídio ordenado por meio dos processos de colonização consistiu em padronizar apenas as suas línguas, culturas e saberes, com o intuito de acabar com tudo que não fizesse parte desse padrão. Assim, percebo que quando se destrói a cultura de nações, acabam também suas existências. Por isso, nós, pessoas negras, sobretudo as que fazem parte da diáspora, em sua grande maioria, não sabemos de onde viemos e quem são nossos antepassados. Inclusive muitas vezes nos deixamos cair em desconhecimento o nosso próprio eu, precisando lapidar uma autodescoberta para torna-se negro.

Nesse sentido, compreendo que o plano civilizatório colonial consiste em um apagamento histórico do conhecimento de uma sociedade. Sugere-se também a criação de estratégias que silenciam povos e tentam apagar a sua existência. Dessa forma, através do poder das estruturas sociais colonizadoras, criaram-se estereótipos, os quais tramitam dentro da sociedade até os dias atuais. Uma vez que um conceito estereotipado é criado, toma-se ele como o único possível para descrever algo ou alguém, assim, leva-se à submissão de uma única visão de história.

Desse modo, é sob esses conceitos e problemáticas que será composto este capítulo. Em um primeiro momento, no subcapítulo 3.1, *Racismo: os vestígios do apagamento social e suas consequências na história dos povos negros*, traço as violências raciais aos quais os povos negros são sujeitados desde o período colonial e como elas refletem na história até a atualidade. Em 3.2, *o continente africano e suas fontes de conhecimento*, reflito as formas de conhecimento que o continente africano nos possibilita pensar, mediante a história da África e as fontes de conhecimento que eram/são cultuadas no continente, pois considero importante estudar o passado para compreender de qual forma ele influencia nas escritas contemporâneas.

Em seguida, no 3.3, *Estratégias coloniais: do silenciamento a exclusão das obras literárias negras*, a partir de Aimé Césaire em *Discurso sobre o colonialismo* (1958), reflito sobre os vestígios deixados pelo colonialismo, suas consequências sobre os povos negros e sua literatura. Em seguida, a partir da obra *Da Diáspora: identidades e mediações culturais* (2003), de Stuart Hall, proponho o estudo sobre o conceito de identidade, ressaltando a sua importância para os povos negros que tiveram suas identidades excluídas durante o período colonial.

A partir de Kilomba (2019), finalizo com reflexões sobre estratégias coloniais que geram um futuro epistemicídio das obras de pessoas negras na academia e em outros âmbitos da sociedade, uma vez que esse estudo possibilita investigar o apagamento literário e social das mulheres negras, a partir das escritas de Conceição Evaristo e Dina Salústio. Para refletir sobre o conceito de epistemicídio, utilizo o capítulo *epistemicídio*, que compõe o livro *Dispositivo de Racialidade* (2023), escrito por Sueli Carneiro, que trará uma visão ampla e contemporânea para entender como ele ainda prejudica os negros africanos e da diáspora.

3.1 Racismo: os vestígios do apagamento social e suas consequências na história dos povos negros

Estudar sobre escritas de mulheres negras, vai além de entender apenas conceitos literários, nos leva também a pontuar sobre questões raciais e de intelectualidade. Há uma interseccionalidade entre os conceitos defendidos por Carla Akotirene (2019), segundo a qual mulheres foram interrompidas e são constantemente apagadas socialmente.

Ou seja, “a interseccionalidade é sofisticada fonte de água, metodológica, proposta por uma intelectual negra, por isto é tão difícil engolir os seus fluxos feitos mundo afora” (Akotirene, 2019, p. 67). Assim, não consigo pensar neste estudo sem evocar os vestígios que excluem os povos negros desde a construção histórica que se tem da existência humana.

De acordo com Zilá Bernd (2012), o termo vestígio pode ser entendido como a presença de algo que se afastou de nós, mas que, por meio dessa noção, ele se faz presente. Neste caso, é possível atribuir os vestígios coloniais que implicam na existência e vivências de pessoas negras como algo que foi imposto aos ancestrais e perdura até os dias atuais. Dessa forma, conforme Bernd, “a noção de vestígio está, pois, associada à presença de resíduos das práticas do passado naquilo que chamamos de presente” (Bernd, 2012, p. 34).

Sendo assim, considero relevante compreender a existência dos povos negros dentro do contexto material e social, uma vez que o racismo nos exclui de forma tão profunda que por vezes não restam história, identidades e muito menos autoconhecimento da própria existência. Aza Njeri (2019) diz que o racismo é como um monstro cheio de tentáculos que atinge a população negra a fim de assassiná-las em sua totalidade, por isso, estudar como a supremacia branca³⁰ constrói uma ideia de inferioridade para as pessoas negras, através das violências cometidas no período colonial, é compreender que os lugares marginalizados nos quais nos colocaram descredibilizam nosso conhecimento, a capacidade de ascender e existir nas estruturas sociais.

³⁰ Ideal racista que defende a superioridade do homem branco em todas as esferas políticas e sociais, esse termo foi/é estudado por diversos teóricos, entre eles Frantz Fanon na obra *Os Condenados da Terra* (1965), afirma que a violência colonial resultou na supremacia branca e por isso seus valores costumam ser exaltados para ridicularizar as pessoas negras, e serem postas em lugares de submissão.

Na obra *Tornar-se negro* (2021), de Neusa Santos Souza,³¹ publicado pela primeira vez em 1983, a autora reflete a partir das teorias psicanalistas e da sua experiência enquanto mulher negra e psiquiatra, com o intuito de “elaborar um gênero de conhecimento que viabilize a construção de um discurso do negro sobre o negro, no que tange à sua emocionalidade” (Santos, 2021, p. 45). Mesmo sendo um material teórico que problematiza questões de uma outra época, ele ainda pode ser utilizado para compreender de que forma pessoas negras ainda possuem problemas em se perceber como pessoas não pertencentes a certos lugares.

Ela propõe compreender de que forma o negro se expressa estando imerso em uma sociedade dominada por pessoas brancas, suas ideologias, comportamentos, exigências e expectativas voltadas e construídas por pessoas brancas. A partir de uma pesquisa realizada no estado do Rio de Janeiro, utilizando-se os métodos de estudo de caso e a técnica de história de vida, a autora fez entrevistas com pessoas negras com intuito de questioná-las sobre como se autodefiniam racialmente e quais as estratégias utilizadas para sua ascensão social, enquanto pessoa negra que vive em uma sociedade que rejeita as pessoas pelo seu pertencimento étnico-racial. O problema pesquisado por Neusa Santos Souza em sua época ainda é latente em nossa sociedade, pois problemas psicológicos que afetam a população negra ainda é um dos motivos de uma grande taxa de suicídio.

O livro é fruto da sua dissertação de mestrado que defendeu em 1981. Nesse sentido, é possível que as entrevistas tenham sido realizadas no ano anterior. Com elas, Santos (2021) elenca inúmeros estereótipos aos quais o próprio negro acredita se encaixar como característica primordial para se reconhecer enquanto pessoa negra. Entre eles, são citados adjetivos como sujo, burro, miserável, ladrão, violento, e vários outros. Na história de Luísa ela destaca que a sua avó, uma mulher negra, afirmava: “se você vir confusão, saiba que é o negro que está fazendo, se você vir um negro correr, é ladrão. Tem que casar com um branco para limpar o útero” (Luísa) (Santos, 2021, p. 68). Além disso, Luísa não se reconhecia enquanto mulher negra, pois, segundo o que ela aprendeu: “negro era sujo, eu era limpa; negro era burro, eu era inteligente; era morar na favela, eu não morava” (Santos, 2021, p. 83). Segundo

³¹ Neusa Santos (1948-2008) foi uma psicanalista e psiquiatra que escreveu o livro “tornar-se negro”, nele ela busca compreender a sua tese de que “tornar-se negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser”. (Santos, 2021, p. 115)

Santos (2021), o negro acreditou nos estereótipos criados e passou a ver e falar com a linguagem do dominador: “Eu fui barrado na porta do Conservatório Nacional de Teatro, e depois soube que o porteiro (que era negro) teve vergonha de eu ser negro e fazer sujeira por lá (Correia)” (Santos, 2021, p. 60).

Em conformidade a Santos (2021), tornar-se negro é um momento complexo para aqueles que não conhecem a sua própria história, uma vez que, para os sujeitos brancos sob efeito do racismo, os povos negros não são dignos de uma “ascensão social”. Sendo assim, se veem obrigado a renunciar a sua identidade negra para se encaixar no padrão do branco. Ou seja, eles mudam suas atitudes, falas e comportamentos até estarem mais semelhantes, pois, quanto mais a “aparência de branco”, maiores serão as chances de serem aceitos nas estruturas sociais.

O negro se vê em um impasse com a sua negritude, já que esses estereótipos criam comparações que deturpam a imagem e o caráter, e assim o sujeito é pressionado a se opor a tudo aquilo que o compare com o ser negro, levando-o à necessidade de se inserir na cultura do branco, portar-se como branco e ser o mais parecido possível com o branco, acreditando que assim será mais bem aceito pela sociedade. Como exemplo, cito o personagem Ron Stallworth do filme *Black Klansman* (2018). O filme é uma adaptação do livro autobiográfico do investigador Stallworth. Durante a trama, é possível compreendermos problemáticas acerca do racismo estrutural e perceber o poder do discurso para revertê-lo.

Em algumas cenas que são exibidas no filme, a história contada surge a partir de uma investigação de um policial negro com a Ku Klux Klan³², tudo através do telefone, e, de forma polida e cordial, ele consegue manter contato com o integrante da klan, que acredita estar falando com um branco, pois, segundo ele, um negro não conseguiria falar tão bem, o que significa que para o negro ascender socialmente ele

³²“Em “Infiltrado na Klan”, que se passa em 1978, Ron Stallworth (John David Washington), um policial negro do Colorado, conseguiu se infiltrar na Ku Klux Klan local. Ele se comunicava com os outros membros do grupo através de telefonemas e cartas, mas quando precisava estar fisicamente presente, enviava um outro policial branco no seu lugar. Depois de meses de investigação, Ron se tornou o líder da seita, sendo responsável por sabotar uma série de linchamentos e outros crimes de ódio orquestrados pelos racistas.” Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-258805/> acessado em 12 de março de 2023.

precisa se aproximar ainda mais do que é ser branco, ou seja, falar de forma cordial e ter capacidade de manter uma comunicação coerente com as outras pessoas.

Evidente que esse tipo de ideia é exclusivamente racista e é construída notoriamente com a fundamentação que pretende retirar sujeitos de lugares e posições que possam causar desconfortos ou contradições com aquilo almejado pelos sujeitos brancos. Ou seja, é mais fácil atribuir ao sujeito negro estereótipos como “burro”, “sujo”, “preguiçoso”, disseminando-os discursivamente entre a sociedade, assim não haverá adversários para possíveis disputas. Já que os povos negros estão sendo acusados de não serem civilizados e de não serem capazes de ocupar cargos, é necessário recontar a história, principalmente por meio das mãos e obras das próprias pessoas negras.

Em *Memórias da Plantação-episódios de racismo cotidiano* (2019), Grada Kilomba, problematiza os episódios de racismo que são diariamente vivenciados por pessoas negras, caracterizado em diversas formas e situações. Composto por estudos pós-coloniais e relatos do racismo cotidiano em que esteve imersa as entrevistadas, a autora examina o racismo de forma atemporal, e por isso, combinar as duas palavras “memórias” e “plantação” torna possível pensar o racismo não somente como algo que esteve na plantação, ou seja, no período colonial, mas como um fenômeno que causa uma grande destruição na sociedade até os dias atuais.

Assim como experiências traumáticas as quais ficam na memória e reencenam o passado colonial atualmente, o sujeito negro ainda é direcionado para o lugar de outridade, construindo uma cena colonial, e é por isso que o racismo construído na “plantação” ainda é latente, sendo facilmente percebido ao visualizarmos as estruturas sociais de poder. O sujeito negro não está ocupando estes espaços de forma igualitária em comparação às pessoas brancas, pelo contrário, ocupam lugares marginalizados de uma cidade.

Utilizar sua obra é uma fonte necessária para compreensão da minha pesquisa, dado que sua contribuição a partir dos estudos coloniais tornam-se imprescindível para a discussão sobre o apagamento literário e social ao qual as pessoas negras estão submetidas. Empenhar-se em uma descolonização de conhecimento, como propõe Kilomba (2019), é uma das maneiras de tentar construir uma sociedade livre

das amarras coloniais e do racismo que ela produz e dissemina como forma de conhecimento há milhares de anos. Nesse sentido, propor o estudo das escritas de Conceição Evaristo e Dina Salústio a partir dos estudos desenvolvidos empiricamente por Kilomba (2019) nos leva a perceber de que forma estas escritoras tornam-se *sujeitas* que existem e resistem, saindo do lugar de *outridade* a qual são alocadas dentro do âmbito social.

Além do mais, consiste em percebê-las como mulheres políticas e resistentes a um sistema de poder que é dominado por pessoas brancas. Kilomba (2019) afirma que o ato de escrever a torna um ser político, pois, através da escrita, é possível alcançar espaços dos quais o seu corpo negro pode ser barrado. Diante disso, quando a autora afirma que escrever é uma forma de “recuperar a nossa história escondida” (Kilomba, 2019, p.27), ela está propondo uma desconstrução de conceitos os quais carregam características que deturpam a imagem e ceifam a dignidade dos povos negros.

Desta forma, os indivíduos que compõem o mais alto da pirâmide social tendem a limitar e posicionar as pessoas negras em lugares abaixo daqueles que eles denominam, e por muito tempo acreditamos ser o nosso. Enquanto criança negra, me acostumei a estar em um lugar que acreditava ser o único possível, ou seja, o da miséria e da subalternidade, posto que a única referência de pessoa negra que tinha dentro de casa durante alguns anos era vista por todos como vagabundo, miserável e sem valor. Depois, enquanto adolescente, acreditava que meu lugar era limpando a casa de uma senhora branca, a mesma que me acusou de roubo, e na época não entendia o porquê. Evidentemente, minha escrita carrega subjetividades que possuo desde a minha imersão no meio social. Para além disso, carrego marcas que se interligam aos problemas da sociedade e que fazem parte das escritas de Conceição Evaristo e Dina Salústio.

Em *O perigo de uma história única* (2009) que trata de uma adaptação da palestra proferida por Chimamanda Ngozi Adichie no TED Talk, em 2009, a escritora descreve sobre os perigos que histórias podem causar a culturas e povos, assim como nos leva a refletir acerca dos estereótipos causados por histórias disseminadas de forma errada ou especulativa.

De acordo com Adichie (2009, p. 14), "todas essas histórias fazem-me quem eu sou. Mas insistir somente nessas histórias negativas é superficializar minha experiência e negligenciar as muitas outras histórias que me formaram" e quando pensamos na história dos povos negros que residem no Brasil, comumente é disseminada uma história fragmentada e resumida a "descendentes de escravizados" ou fruto de uma miscigenação entre o branco colonizador e o negro escravizado.

Considero de suma importância a construção da sociedade a partir de histórias, no entanto, compreendo a necessidade de pensar uma reconstrução dos elementos que as compõem, uma vez que pretendo, através das possibilidades atribuídas pela literatura comparada, traçar o estudo das escritas de uma mulher afro-brasileira com os escritos de uma cabo-verdiana. Presumo a necessidade de relatar brevemente o estudo sobre a África, suas fontes de conhecimento e os problemas causados no período colonial, processo histórico que reflete o epistemicídio na atual sociedade.

Na obra *Dispositivo de Racialidade* (2023) Sueli Carneiro, articula estudos entre filosofia, educação e política para pensar saberes e formações de sujeitos que são excluídos e afetados pelo racismo na sociedade brasileira. De acordo com Carneiro (2023), o epistemicídio no Brasil se expressa a partir da igreja católica, quando tenta abolir, inferiorizar e controlar os conhecimentos gerados pela população negra que foi trazida à força para habitar terras brasileiras. Com isso, ao abolir a escravidão, intelectuais e pensadores nacionais construíram características através de processos que incluíam apagar o conhecimento dos sujeitos negros, obrigando-os a adotar procedimentos educacionais moldados pela supremacia branca, excluindo o conhecimento proveniente de outras fontes e forçando-os a se conformar com o conhecimento desse sistema dominante.

Conforme Carneiro (2023), o epistemicídio se configura como um processo que atribui a capacidade intelectual dos sujeitos negros como inferior à supremacia branca. Assim ele se insere como uma tecnologia que visa controlar o dispositivo da racialidade, afetando as mentes e os sentimentos. A partir desse conceito, podemos compreender as formas pelas quais sujeitos negros vivem e acessam a educação dentro da sociedade, bem como as suas dificuldades em razão da desigualdade étnico racial. Neste sentido, considero o epistemicídio então como a morte da palavra-escrita das pessoas negras dentro da academia-sociedade. Além disso, caracterizo-o como

um dispositivo que implica desqualificar os conhecimentos, escritas e saberes gerados pela população negra.

Para refletir sobre as histórias dos povos negros que são também atingidas pelo epistemicídio, vou assemelhá-la a uma colcha de retalhos, que no lugar de uma finalização uniforme, consiste em uma narrativa completamente remendada, com histórias verídicas e falaciosas que são construídas por farsas, e muitas vezes invenções que carregam mentiras e estereótipos. Essa “colcha de retalhos” está remendada com estereótipos que carregam verdades e mentiras, tudo na mesma intensidade, pois se reduz a relatar uma história de lugar nenhum, tendo em vista que o conhecimento dito como “universal” consiste em descrever um emaranhado de memórias e pensamentos de um lugar criado por eles mesmos, ou melhor, por uma história contada pela supremacia branca.

A partir da compreensão de que nas histórias existem lacunas, presumo o "remendo" de fragmentos deixados por narrativas esquecidas, e, por vezes, apagadas ao longo do processo histórico da humanidade, com o intuito de reconstruir relatos que consistem em dizer que África é um lugar sem base cultural composto apenas por miséria e selvageria, atribuindo-os o que não foi dito. Afirmo que não pretendo negligenciar o que contam nessa história dita universal, mas recontar e “costurar tecidos” que foram descartados. Em alusão ao que foi dito por Adichie (2009), é possível refletir os estereótipos como pedaços que fazem parte da história e consistem em criar fontes as quais direcionam o negro a um lugar sem racionalidade.

Adichie ressalta a importância de construir múltiplas histórias e, portanto, não se deve acreditar apenas em uma. Ela reflete acerca das narrativas criadas para a África como uma problemática de uma história única criada pelo eurocentrismo. John Locke, ao navegar até o continente em 1561, declarou que os negros africanos são "como 'bestas que não têm casas'". Ele escreve: "Eles também são pessoas sem cabeças, que têm sua boca e olhos em seus seios". Adichie afirma: "Alguém deve admirar a imaginação de John Locke" (Adichie, 2009, p. 10).

Nesse contexto, é possível perceber o poder discursivo. Quando um indivíduo constrói uma narrativa a partir da sua experiência em um determinado lugar, ele também está contando para as outras pessoas, sobretudo aqueles que os leem.

Assim, torna-se seu conteúdo verídico. Então, quando Locke afirma que os africanos eram deformados, é possível haver pessoas que não discordassem dele. Por isso, “histórias podem destruir a dignidade de um povo” (Adichie, 2009, p. 18). Quando perpetuadas entre as pessoas, elas tendem a ser repetidas, creditadas e tornam-se como a única verdade possível.

Ao pensar nas narrativas construídas a partir das perspectivas de sujeitos que compõem uma parte da sociedade, entende-se que essas escritas se caracterizam como uma tentativa de “reparar essa dignidade perdida” (Adichie, 2009, p. 18). Por isso, retomo a discussão da construção histórica da África através de um discurso de poder que carrega os signos estereotipados adquiridos por uma linguagem colonial. Quando se trata de “poder de discurso”, é possível questionar: quem está falando? Para quem? E quem tem que ouvir? Portanto, é sob esse contexto que surgem as estratégias coloniais de silenciar e apagar a existência e a linguagem dos povos africanos.

Estereótipos são nocivos para diversas nações, sobretudo para aqueles que não estão dentro das esferas mais altas da sociedade. Algumas histórias atribuem a resistência como atos de vandalismo e comportamentos selvagens, como muitas vezes são atribuídos à população negra. Por isso, sempre que um negro fugia, era exposto em cartazes oferecendo recompensas, tal qual um animal. Dessa forma, provavelmente, se eu perguntar em sala de aula quem foi Luísa Mahin³³? Dandara

³³ “Uma de nossas mais importantes rebeldes na luta contra a escravidão. Segundo alguns autores, era originária da África, pertencente à etnia jeje e foi transportada para o Brasil como **escravizada**. Outros se referem a ela como natural da Bahia e tendo nascido livre. Luiza deu à luz um filho, Luiz Gama, que mais tarde se tornaria poeta e abolicionista. O pai de Luiz Gama era português. E, para saldar suas dívidas, vendeu o próprio filho como **escravizado**, aos 10 anos de idade. O traficante que o comprou levou-o para Santos. Luiza Mahin foi uma mulher inteligente e rebelde. Sua casa tornou-se quartel-general das principais revoltas negras que ocorreram em Salvador em meados do século XIX. Participou da Grande Insurreição, a Revolta dos Malês, o último levante expressivo de **escravizados** ocorrido na capital baiana em 1835. Após a derrota dos revoltosos, conseguiu escapar da violenta repressão desencadeada pelo governo da província e partiu para o Rio de Janeiro. Lá também parece ter participado de outras rebeliões negras, sendo por isso presa e possivelmente deportada para a África” (Carneiro, 2006, p. 48-49, **grifo nosso**)

dos Palmares³⁴ ou Aqualtune³⁵? dificilmente algum aluno saberia responder. Diferentemente de nomes como da princesa Isabel ou outros nomes marcantes da única história contada nos livros de história.

Nesse contexto, observa-se a seguinte questão: O que nomes como esses têm em comum? Todos eles são de pessoas negras e todos foram apagados e impedidos de serem vistos como pessoas importantes para construção do nosso país. Ressalto isto, fazendo referência à Kilomba (2019), quando pergunta para seus alunos se conhecem o autor de *pele negra, máscaras brancas*, se sabem qual a importância da rainha Nzinga na luta contra a colonização. Como esperado por ela, os alunos brancos não sabem responder, enquanto os alunos negros sabem a resposta da maioria delas e, com isso, a autora chega à conclusão de como “o conhecimento e o poder racial se entrelaçam” (Kilomba, 2019, p. 49).

Nesse sentido, ao ponderar esse experimento realizado por Kilomba em um panorama universal, quero dizer que, ao trazê-lo para a realidade brasileira, existe a probabilidade de os estudantes não saberem quem foi parte dessas pessoas citadas acima, quiçá conseguir citar mais do que três ou quatro nomes e obras de teóricos ou literatos negros. Então, se isso ocorre significa que a inserção dos povos negros em diversas esferas da sociedade não está acontecendo, por isso é importante a descolonização do conhecimento, pois o que está sendo transmitido não inclui a todos os sujeitos que fazem parte da sociedade.

Conforme Isabel Castro Henriques (2014), o colonialismo hegemônico sobrepôs uma consciência “europocêntrica”, resultando no termo descolonização, que por sua vez culmina em ignorar a importância das lutas por libertação, liderada pelos povos oprimidos. Assim, compreendo o processo de descolonização do conhecimento

³⁴ “Dandara dos Palmares, mulher, negra, guerreira, que afrontou a escravidão no período colonial nas últimas décadas do século XVII, lutando ao lado de homens e outras mulheres nas batalhas em defesa do quilombo de Palmares, estabelecido no século XVII na Serra da Barriga, região de Alagoas. Companheira de Zumbi, com quem teve três filhos, participou ativamente das lutas e estratégias de resistência, bem como, de toda organização política, econômica e familiar do quilombo.” (Godoy, Duarte, p. 1, 2021)

³⁵ “Filha de um rei do Congo, viveu no século XVII. Comandou um exército de dez mil homens quando os Jagas invadiram o seu reino. Derrotada, foi levada como **escravizada** para um navio negreiro e desembarcada em Recife. Obrigada a manter relações sexuais com um **escravizado**, para fins de reprodução, já grávida foi vendida para um engenho de Porto Calvo, onde pela primeira vez teve notícia de Palmares. Nos últimos meses de gestação organizou a sua fuga e a de alguns **escravizados** para aquele quilombo. (...) Aqualtune liderou o mocambo que levava seu nome” (Gonçalves, p. 8, 2011, **grifo nosso**)

como uma estratégia de demolir e construir um novo conhecimento sem vestígios coloniais, mas sem apagar a luta e a resistência da época.

Por isso, torna-se necessário atentar-se quando se estuda sobre a história, pois “na maioria dos casos o discurso e a linguagem dos historiadores não estão ainda descolonizados” (Henriques, 2014, p. 56). Refletir sobre o termo descolonizar nos permite pensar o quanto o pós-colonialismo é ineficaz, uma vez que os problemas causados durante o período colonial não se dissolvem após ele; pelo contrário, movem-se junto com as circunstâncias de antes, respondendo aos conhecimentos pré-estabelecidos no mundo contemporâneo.

De acordo com Kilomba (2019), o conhecimento foi construído sob uma base colonial branca, e, por isso, ele se reflete nos currículos atuais, tornando os espaços acadêmicos um lugar em que a discussão social acerca das pessoas negras ainda se baseia nos estereótipos racistas coloniais. Sendo assim, quando ela propõe descolonizar, está propondo retirar marcas deixadas pelo período colonial que atravessam a civilização até os dias de hoje, consistindo em derrubar conceitos que atribuem aos povos negros o lugar de submissão e inferioridade.

Nesse sentido, Kilomba (2019) relata que quando uma pessoa negra fala sobre seu próprio corpo, suas subjetividades e suas vivências, ela está descolonizando uma história que foi construída a partir de uma única ótica, a dos brancos e brancas colonizadores, senhores e patroas, uma vez que o conhecimento disseminado como o único verdadeiro durante muito tempo foi apenas aquele que era dito por um povo que dominava, os brancos. Além disso, propor a construção de novas narrativas e conhecimento nos coloca em lugares de perigo, ou seja, uma sociedade construída por uma base de conhecimento racista instaura o perigo de um sujeito marginalizado falar dentro do centro. O projeto colonial retira as pessoas negras do centro e direciona para a margem. Com isso, propõe seu apagamento da esfera social e silencia suas narrativas. Nesse caso, se ressurgimos e tentamos falar para além da margem, torna-se uma forma de resistência e rebeldia sobre aquilo que nos enquadraram.

Às vezes, escrever se transforma em medo. Temo escrever, pois mal sei se as palavras que estou usando são minha salvação ou minha desonra. Parece que tudo ao meu redor era, e ainda é, colonialismo. (...) Descrédito e desgraça, de fato, porque se parece estar dentro da “barriga da besta”, diz Stuart Hall. Ele usa essa expressão para descrever a hora e o local

específicos a partir dos quais ele escreve, como um intelectual *negro* (...) Estar dentro da besta anuncia, de alguma forma, o lugar de perigo a partir do qual ele escreve e teoriza, o perigo de ser da margem e falar no centro. (Kilomba, 2019, p. 66-67).

A metáfora de estar dentro da “barriga da besta”, relatada por Stuart Hall, me remete a situações que ocorreram no Brasil. Por exemplo, o assassinato de Marielle Franco. Quando Hall (1990) afirma viver sob a sombra da diáspora, percebo o quanto pessoas negras estão sujeitas a estar sob esta ótica colonial. Em outras palavras, nós precisamos nos encaixar no padrão branco e não ultrapassar os limites impostos por eles. Escrever, falar e se posicionar pode levar ao caminho da libertação das amarras do colonialismo, mas também pode ser o caminho para o silêncio eterno. Estar dentro da “barriga da besta” é viver em uma linha tênue entre os lugares que o colonialismo impôs como impróprios para as pessoas negras e aqueles em que ele atribui como o único possível.

Sendo assim, ao sairmos deste “lugar único possível”, é como se estivéssemos em um ato de rebeldia e desordem, causando desconfortos e contrariedade ao que foi proposto pelo explorador. Minha reflexão sobre o caso da vereadora Marielle Franco traduz o que disse anteriormente, uma vez que ela, enquanto uma mulher negra e periférica, sai da margem para falar no centro, tornando-se um perigo aos ideais de quem compõe majoritariamente as estruturas sociais, e assim tem sua voz silenciada. Em alusão ao que disse Kilomba (2019), parece que a todo momento os espaços, estruturas, pessoas e ideias ainda são o colonialismo.

Por isso é necessário a descolonização da história, sobretudo a que é contada nos livros e nas aulas. Refiro-me também às produções teóricas que carregam ideais racistas e que, através delas, perpetuam discursos de ódio e mentiras. Previamente, preciso informar que minha intenção não é apontar os intelectuais que citarei abaixo apenas como sujeitos que produziram obras com cunho racista, pois considero-os importantes para formação de conhecimento e bagagem teórica em suas determinadas áreas. No entanto, eles abordam em algumas das suas produções conteúdos racistas que naturalizam opressões aos povos não-brancos. Além disso, insistem em descrever uma realidade criada por eles mesmos, tornando-se uma ferramenta perigosa para combater o racismo, sendo levada até criar um efeito contrário.

O estereótipo, que em sua etimologia é traduzido como "impressão sólida", consiste em um padrão pré-estabelecido pelo senso comum acerca de alguém ou de algo, ou melhor, que se origina na ausência de conhecimento. Dessa forma, convém estabelecer um paralelo entre ele e a linguagem. Segundo Roland Barthes (1977), o conjunto de signos que constrói a língua é composto por um monstro, que é o estereótipo. A linguagem humana é um fenômeno que é construído por signos e se torna incontestável; dessa maneira, sempre que necessitamos utilizar conceitos já criados, recorreremos ao "arrastar da língua", ou seja, ao falar estamos designados a repetir o que foi dito antes e o que será depois, mesmo se não houver conhecimento, como é o caso dos estereótipos.

Nada mais resistente do que a língua e os conceitos criados por intermédio dela. Como comprovações disso, há os preconceitos que se refletem ainda hoje na modernidade. A palavra tem poder e, por isso, é imprescindível a discussão dessa unidade, que quando escrita ou falada cura, mas por vezes também sangra. A "língua não se esgota na mensagem que engendra" (Barthes, 1977, p. 7). Ou melhor, ela se reconstrói conforme o tempo/época a qual ela está inserida. Por isso, discursos anteriores ainda perduram atualmente, como é o caso da superioridade atribuída à pele clara em comparação à pele escura.

Discutir sobre Cabo Verde possibilita a imersão em um campo de conhecimento acerca de certos conceitos que levam às consequências quando utilizados de maneira errada. A palavra "poder", do latim "possum", significa "ser capaz de". Em um contexto social e político, consiste em um método de impor regras como modo de socialização, mas também como forma de destruição de culturas, sobretudo contribuições sociais que não estejam condizentes com as defendidas pelas principais estruturas. Isto significa que surgem as principais organizações dominantes, compostas por países que possuem maiores aquisições de armas e poder para exploração dos povos menos favorecidos. Por isso, é com ele que se constrói a sociedade, é algo intrínseco dentro das construções sociais, o "poder está presente nos mais finos mecanismos do intercâmbio social" (Barthes, 1997, p. 6). Por isso, quando se tem uma estrutura social composta por apenas uma parte da sociedade, são defendidos apenas interesses desse grupo. Ou seja, não se propõem políticas que beneficiam ao todo social.

Nesse contexto, emerge o racismo estrutural. A disseminação incorreta de conceitos pode desencadear essa forma de discriminação, como é o caso do conceito de democracia racial. Segundo Domingues (2005), a partir da pós-abolição, inicia-se uma visão de que no Brasil existia igualdade entre todos os grupos étnico-raciais. Após a assinatura da Lei Áurea, de 1888, de forma legal discursava-se que os negros teriam, além da sua liberdade, direitos e deveres de um cidadão. No entanto, não foi o que aconteceu. Primeiro, porque a constituição de 1891, então vigente na época, não dava direito ao voto para aqueles que não eram alfabetizados, a grande maioria dos negros na época, já que viveram suas vidas sendo escravizados e privados do direito à educação. Segundo, porque os negros foram libertos sem direito a terra, moradia ou mínimo de direitos trabalhistas.

Conforme Petrônio Domingues (2005), a partir da visão dos viajantes que visitavam a elite brasileira, foram se construindo no imaginário deles o mito da democracia racial. Ele utiliza o relato do viajante francês Louis Couty³⁶, o qual afirma que os negros libertos eram tratados de forma igualitária entre os brancos nos lugares culturais, mas também no trabalho, administração e assembleias legislativas, construindo assim uma miscigenação entre eles. Seus relatos não contemplam a vivência de todos os negros do país, e esse é o poder da linguagem: construir uma história a partir da única perspectiva. Então, se o viajante Couty tinha em seu ciclo de amizades um ex-senhor de escravizados que tratava com amizade e benevolência um ex-escravizado, prontamente ele descreveu em seus relatos que vislumbrou no Brasil a igualdade entre todos que compunham a raça humana. Portanto, segundo Domingues (2005), essa literatura desenvolvida por visitantes das elites no Brasil foi um dos motivos pelo qual se desenvolveu o mito da democracia racial, o qual tornou-se como uma forma de evitar que as pessoas negras tomassem consciência de sua realidade e isentar a elite branca escravagista de arcar com as consequências e os danos dos anos de escravidão.

Concepções como poder, democracia racial e racismo estrutural tornam-se importantes para compreender as consequências do racismo cotidiano de que, mesmo no século XXI, ainda somos vítimas. Descrevo o racismo estrutural neste

³⁶ "COUTY, Louis. A Escravidão no Brasil. Trad. Maria Helena Rouanet. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1988 (1ª edição: 1981), p.52. Em outro momento, Couty sustentava que o Brasil era "desprovido de preconceito racial". Idem, p.88." (Domingues, 2005, p. 128)

trabalho porque as escritoras que compreendo e interpreto são atravessadas por este problema. Considero o racismo como um posicionamento político que retira do centro o sujeito que pode intervir em decisões contrárias da classe dominante para colocá-los nas margens.

A partir disso, constrói-se um mecanismo para silenciar e apagar a existência desses sujeitos, contribuindo para mantê-los submissos às regras atribuídas apenas por aqueles que dominam. Ao visualizarmos as grandes estruturas que dominam os poderes de uma sociedade, percebe-se que são formadas majoritariamente por pessoas brancas. Então, prevê-se a desvalorização das pessoas negras para esses ambientes de poder.

Kilomba (2019) afirma que o racismo estrutural consiste em manter um nível entre as pessoas brancas e negras. As pessoas negras são excluídas de grande parte das estruturas sociais e políticas, sendo automaticamente enquadradas a viver sob princípios que favorecem apenas aos privilégios dos brancos, já que eles são maioria em grande parte desses ambientes. Sendo assim, “no racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão 'fora do lugar' e, por essa razão, corpos que não podem pertencer” (Kilomba, 2019, p. 56). Este lugar de pertencimento que destaca a autora para os sujeitos brancos torna-se quase como intrínseco a todos os locais sociais e de poder. Já para sujeitos negros, os lugares de poder e pertencimento tornam-se como espaços construídos historicamente para que seu corpo negro não possa chegar e ficar sem chamar a atenção.

Quando Kilomba (2019) pondera o lugar de pertencimento dos corpos negros dentro de um contexto social e político, percebo que não faço parte de nenhum lugar, não porque não me sinto pertencente, mas por não senti que todos os lugares abrem suas portas para meu corpo entrar. Faço alusão ao que ela diz, enquanto pesquisadora e acadêmica, porque minha linguagem foi construída de um lugar marginalizado e, por vezes, é questionada se pode ser ou não científica. De fato, “escrevo com palavras que descrevem minha realidade, não com palavras que descrevam a realidade de um erudito branco, pois escrevemos de lugares diferentes. Escrevo da periferia, não do centro” (Kilomba, 2019, p. 58-59). Nesse sentido, ao visualizar o deslocamento das obras escritas por pessoas negras para fora do cânone literário, percebo também o quanto elas não fazem parte do âmbito estudantil e

acadêmico. Assim, afirmo que essa invisibilidade surge em consequência do racismo, mas também da propagação de um conhecimento colonial acerca das escritas dos sujeitos negros.

Ao compreender o conceito de racismo estrutural, percebe-se o quanto ele pode ser nocivo às pessoas negras em todos os aspectos, sejam literários ou sociais. Em uma breve alusão ao passado entre uma linha cronometrada até o presente, se rapidamente lermos os livros de história e selecionarmos os grupos dominantes das estruturas sociais e políticas nos anos anteriores, quase que de forma intrínseca, veremos que durante anos sua formação se deu apenas por pessoas brancas.

O racismo é revelado em um nível estrutural, pois pessoas *negras* e *People of Color* estão excluídas da maioria das estruturas sociais e políticas. Estruturas oficiais operam de uma maneira que privilegia manifestamente seus *sujeitos brancos*, colocando membros de outros grupos racializados em uma desvantagem visível, fora das estruturas dominantes. Isso é chamado de *racismo estrutural*. (Kilomba, 2019, p. 77)

Facilmente conseguimos exemplos do que é dito por Kilomba. Se observarmos a conjuntura política brasileira atual, é possível perceber que esse padrão não se distancia muito. Pensar a problemática do termo "racismo estrutural" como uma controversa que tem seu início em 1500 é compreender que ele perdura até os dias atuais. E para acabar com ele, é preciso uma descolonização do conhecimento, mas também uma desconstrução de conceitos. Visto que grande parte do nosso vocabulário consiste em uma herança colonial, observa-se a tentativa de reestruturar o sistema do qual fazemos parte, inserindo nele as pessoas que são marginalizadas e esquecidas, pois só assim é possível acontecer o desmonte de um sistema que é racista e por vezes ataca, sangra e mata. Desconstruir conceitos, frases e atitudes racistas consiste não somente em uma valorização do sujeito que foi silenciado, mas também na aniquilação de um conhecimento produzido que só contempla uma parte da nação.

Seguindo pelo viés da necessidade de sabermos sobre nossa história, faz-se necessário recontá-la, até porque existe uma controvérsia entre a resistência e a escravização dos povos africanos. É importante lembrar que houve resistência às

explorações, foram realizadas fugas e revoltas, tanto em terras africanas, como em terras brasileiras.

No reino do Ndongo, atual Angola, a rainha Nzinga Mbandi (1582-1663) foi uma líder que resistiu e lutou por seu povo. Considerada como um dos maiores símbolos de resistência contra as invasões portuguesas, lutou, negociou, e o reino só foi invadido após sua morte. No entanto, sua história raramente é contada nas escolas no currículo escolar brasileiro, visto que aqui existe Zumbi dos Palmares (1655-1695), último líder quilombola contra os portugueses e a escravização dos povos negros, e contáveis são as vezes em que sua história é pronunciada, a não ser no mês de novembro em que é comemorado o Dia da Consciência Negra³⁷.

Em *Racismo Estrutural* (2019), publicado pela coleção Feminismos Plurais, o autor Silvio de Almeida propõe, a partir da teoria social, defender que a sociedade contemporânea não pode ser entendida sem o estudo ou compreensão dos conceitos de raça e racismo. O autor busca demonstrar as "expressões do racismo no cotidiano" como algo que está inerente nas "entranhas da sociedade" (Almeida, 2019, p. 15). Como tese central, ele se embasa na premissa de que o racismo é sempre estrutural. Neste contexto, estudar essa definição a partir da sua perspectiva é essencial para destacar o racismo estrutural a partir da visão de um homem negro brasileiro, uma vez que um dos objetivos desse trabalho se entrelaça entre escrita e obstáculos vivenciados por um racismo que está estruturalmente na sociedade brasileira.

Segundo Almeida (2019), o racismo pode ser visto como uma concepção individualista concebida a partir da espécie de "patologia" ou anormalidade. Neste caso, o racismo individual seria visto como "preconceitos" praticados por pessoas que não seriam atreladas a grupos ou instituições. No entanto, para ele, pensar o racismo apenas como individual é falho e limitado, uma vez que, ao estudarmos sobre as grandes catástrofes produzidas pelo racismo, todas elas foram realizadas em grupos. Não apenas como um problema inerente à sociedade, mas também é preciso lembrar que "o racismo é uma imoralidade e também um crime, que exige que aqueles que o praticam sejam devidamente responsabilizados" (Silva, 2019, p. 25).

³⁷ Dia 20 de novembro é o Dia Nacional da Consciência Negra, foi instituído pela Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011 e faz referência a morte de Zumbi dos Palmares.

De acordo com Almeida (2019), o racismo não pode ser considerado como algo meramente individual, mas como coletivo e institucional. Para isso, é preciso compreender que este problema influencia profundamente as instituições, tendo como base parâmetros discriminatórios que afetam os grupos étnicos raciais e "que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder... assim, o domínio de homens brancos em instituições públicas" (Almeida, 2019, p. 27).

Neste caso, as instituições sociais têm o poder de construir um processo de socialização do povo dentro de uma sociedade, adequando/moldando cada indivíduo para a sua vivência. Em uma sociedade em que as instituições têm o poder de influenciar e construir o comportamento humano, necessita-se refletir e repensar sobre quem faz parte desses grupos, pois "o que se pode verificar até então é que a concepção institucional do racismo trata o poder como elemento central da relação racial. Com efeito, o racismo é dominação" (Almeida, 2019, p. 27). O racismo institucional se estabelece a partir dessa dominação, assim, se apenas um grupo tem o poder de moldar os indivíduos, grupos étnicos raciais que não estão inseridos nestes lugares não terão seus interesses pautados.

3.2 O continente africano e suas fontes de conhecimento

Joseph Ki-Zerbo (1922 – 2006) foi um historiador e escritor de Burquina Fasso, país localizado na África Ocidental, que editou e escreveu partes do livro *História Geral da África I: Metodologia e Pré-História da África* (2010). Este livro, publicado pela UNESCO,³⁸ reúne textos de historiadores que propõem explicar a história e a cultura do continente africano desde a pré-história até os dias atuais, com o intuito de desmistificar a história contada de maneira eurocêntrica, surgindo com propostas que têm como metodologia uma perspectiva africana.

Conforme Ki-Zerbo (2010, p. 31), a história pode ser considerada como "uma tomada de consciência". De fato, ao considerarmos que histórias são construções sociais, é também um encadeamento de experiências racionais ao longo de toda a trajetória da vida humana. Entretanto, se esse lapso de racionalidade não contempla

³⁸ United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization" (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura).

todos os indivíduos dentro de uma sociedade, então está sendo adquirida a partir de um súbito efeito de consciência de um grupo privilegiado.

Ao investigar rapidamente o passado de África, surge a seguinte questão: qual a consciência de quem construiu essa história? A narrativa criada para o continente africano foi forjada por uma parcela da humanidade que deteve o poder durante séculos. Portanto, não podemos acreditar apenas na história construída por um conhecimento ocidental. As narrativas que constroem o continente africano são múltiplas e, por isso, não podem e não devem ser resumidas a um espaço composto por "selvagens e bárbaros", como afirma Hegel, sendo necessária a reescrita dessa história que foi "mascarada, camuflada, desfigurada, mutilada" (Ki-Zerbo, 2010, p. 31).

Ainda conforme Ki-Zerbo (2010), a história a ser contada não pretende destruir o que foi dito pelo explorador, mas resgatar e reparar imagens, artefatos e documentos perdidos para construir um "cenário verdadeiro", alterando as perspectivas criadas, principalmente a imagem de um ambiente de barbárie e miséria como é normalmente disseminado. Segundo o autor, no continente africano há três fontes que podem ser consideradas para o processo de construção de conhecimento: a escrita, a arqueologia e a tradição oral.

Nesse sentido, fontes escritas mesmo raras, existem no continente africano, há produções que se perderam por causa das formas que foram apagadas durante a trajetória da humanidade. No entanto, ainda é possível encontrar "materiais inexplorados", os quais estão sendo estudados e investigados pela UNESCO. A arqueologia consiste em uma fonte material, que, a partir dos objetos encontrados, é possível estabelecer histórias e narrativas não contadas.

A tradição oral consiste em uma fonte de conhecimento cultuada pelos povos africanos e, portanto, torna-se a mais considerada como verdadeira, sendo composta a partir da memória, comunicação e ancestralidade. Decerto, consiste em um "verdadeiro museu vivo", já que quem constrói essa fonte são os "velhos de cabelos brancos, voz cansada e memória um pouco obscura, rotulados às vezes de teimosos e meticulosos" (Ki-Zerbo, 2010, p. 38). Nesse sentido, é a partir do ato de contar histórias, de geração em geração, que é mantida essa fonte de conhecimento. Por

outro lado, assim como os escritos podem se perder pelo caminho e os artefatos serem destruídos, a tradição oral pode ter seu fim a cada morte de um ancestral.

Quando retirada do seu contexto, espaço e época, a história não é a mesma, nem tão pouco quando traduzida, pois, quando "desenraizada, ela perde sua seiva e sua autenticidade, pois a língua é a morada do ser" (Ki-Zerbo, 2010, p. 40). Para o autor, a tradição oral não deve ser considerada como a melhor e única fonte de conhecimento do continente africano, mas como uma fonte que possui originalidade. Diante dessas circunstâncias, Ki-Zerbo reflete que a tradição oral consiste em elementos de autocensura adquiridos através de uma herança ancestral. Por isso, não pode ser vista como uma propriedade privada, mas como um produto adquirido e transmitido entre os grupos e coexistente nas comunidades.

Ao estudar sobre a história da África, é comum perceber informações que deturpam a imagem de documentos escritos no continente. Alguns estudiosos afirmam que há uma inexistência de informações, o que, conforme Ki-Zerbo, não é verdade. É certo que a tradição oral é uma das formas mais utilizadas de contar a história, o que, na maioria das vezes, pode se perder com o tempo. No entanto, isso não pode ser caracterizado como um problema para os estudos sobre os costumes e culturas africanas. Em outros termos, para uma pesquisa ampla sobre determinada civilização, é preciso, antes dessa investigação, desvincular-se de uma ideia pronta.

Por isso, é preciso se atentar que, ao falar dos povos africanos, deve-se lembrar que se fala de povos que tinham costumes de criar e propagar suas histórias a partir da oralidade. Portanto, é necessário acompanhar suas particularidades e não impor um modelo engessado de pesquisa utilizando apenas documentos escritos. Contudo, é importante levar em consideração que em "África a palavra não é desperdiçada" (Ki-Zerbo, 2010, p. 40). Somente a partir dessa visão ampla e livre de conhecimentos prontos é que se constrói uma outra história. De nada adianta a tentativa de reconstrução se impormos perspectivas já moldadas. Dessa forma, facilmente transitamos para uma construção de histórias únicas e verdades completas, repletas de paradoxos e dogmatismos.

Sendo assim, faz-se necessário repensar e reformular técnicas de investigação acerca de uma determinada sociedade: o que de fato é fonte de conhecimento? A

partir desse questionamento, torna-se possível assegurar que as fontes de conhecimento são tudo aquilo que pode narrar uma história. Portanto, não devem ser reduzidas apenas a escritos documentados. Ki-Zerbo (2010) revela que por mais útil que a escrita seja, ela "congela" e "disseca" o que foi dito. Torna-se inconcebível a ideia de que o que foi dito hoje tenha o mesmo sentido alguns anos à frente quando lido através de uma documentação esquecida em qualquer prateleira; por assim dizer, "a letra mata", ela elimina sentimentos, expressões e testemunhos de quem escreveu.

"A escrita é uma coisa e o saber é outra." (Tierno Bokar). É com essa epígrafe que Amadou Hampaté Bâ (2010) inicia seu capítulo sobre A tradição viva. Esta frase traz a reflexão de que o saber nasce conosco, porque é fruto dos nossos ancestrais, enquanto a escrita aprendemos depois, porque é uma norma civil da sociedade. Assim, todo mundo possui um saber, mesmo que não saiba escrever. Como Evaristo (2020) afirma, escrever é uma forma de sangrar, o que nos leva a entender que o ato da escrita pode ser atribuído a uma forma de expressar tudo o que não faz parte de nós e reivindicar nossos saberes por meio da escrita em si. É como se o sangue fosse o nosso direito de estar vivo e nos posicionar no mundo, mesmo utilizando a língua do colonizador para construir nossas narrativas. A tradição oral é o que sustentou a história da África durante anos e ainda é uma importante herança, não deixar se perder é tornar "a memória viva da África".

Entre as nações modernas, onde a escrita tem precedência sobre a oralidade, onde o livro constitui o principal veículo da herança cultural, durante muito tempo julgou-se que povos sem escrita eram povos sem cultura. (Hampaté Bâ, 2010, p. 221)

A perspectiva criada por alguns estudiosos de que "povos sem escrita eram povos sem cultura" é totalmente inconsistente, pois a cultura é construída a partir da vivência entre os povos e pode ser transmitida oralmente ao longo das gerações. Por isso, torna-se importante discutir que a escrita surge depois do saber. Nesse sentido, "o testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem" (Hampaté Bâ, 2010, p. 221). Evaristo discute isso rapidamente no prefácio do livro "Insubmissas lágrimas de mulheres", afirmando que toda história, por mais real que seja, perde informações em suas narrativas. A história contada, seja escrita ou oral, não é tão real quanto foi vivenciada; algo sempre se perde, e nenhum testemunho é tão fiel à realidade, pois informações se perdem durante a transmissão.

Quando Salústio insiste que há um texto que ela não conseguia escrever, é porque ela não estava lá e, portanto, não conseguiria sentir as dores de quem sofreu, nem escrever essas dores de forma tão fiel à realidade de quem as viveu.

Segundo Hampaté Bâ (2010), é inconsistente afirmar que a oralidade não pode ser considerada confiável para a transmissão do saber, uma vez que a escrita nasce a partir da oralidade de um determinado pensador. Ele afirma que "os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens" (Hampaté Bâ, 2010, p. 168). Assim, tudo o que hoje é escrito antes mesmo de sê-lo era pensamento, oralidade; a partir do diálogo consigo mesmo, nasce o relato escrito. "O homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra" (Hampaté Bâ, 2010, p. 168). É nesse processo de recordar que, na maioria das vezes, as informações narradas se perdem quando são escritas, pois nada é tão fiel ao texto quanto à realidade, e "nada prova a priori que a escrita resulta em um relato da realidade mais fidedigno do que o testemunho oral transmitido de geração a geração" (Hampaté Bâ, 2010, p. 168).

Documentos escritos podem ser alterados, falsificados e ilustrados da forma que quem está no poder quiser. Por outro lado, na oralidade, em sua maioria não se pode dizer o que aconteceu com "Maria" se você é "José"; assim, torna-se mais prudente que quem vivenciou determinado fato conte de forma mais fiel à realidade, ainda que esteja propenso a perder informações ao ser recontado. Como dizem na África, "cada partido ou nação 'enxerga o meio-dia da porta de sua casa'" (Hampaté Bâ, 2010, p. 222). Isso significa que cada pessoa enxerga o que quer e o que lhe interessa. Por isso, ao escrever, apenas se registra aquilo que se deseja. É por essa razão que Hegel, em seu relato, escreveu que os homens na África não possuíam existência, cultura e até mesmo humanidade.

A humanidade africana em sua totalidade é composta pela tradição oral, pois esta engloba todos os aspectos da vida africana: religião, conhecimento, cultura, entretenimento, história e arte. Em outras palavras, a tradição oral é o que molda a "alma africana".

Fundada na iniciação e na experiência, a tradição oral conduz o homem à sua totalidade e, em virtude disso, pode-se dizer que contribuiu para criar um tipo de homem particular, para esculpir a alma africana. (Hampaté Bâ, 2010, p. 223)

Em África, a palavra é considerada um "objeto" poderoso, e por isso deve-se ter cuidado com o que se diz, pois "a fala pode criar a paz, assim como pode destruí-la" (Hampaté Bâ, 2010, p. 227). Ou seja, assim como pode salvar, ela também pode matar. Dessa maneira, a arqueologia também pode ser considerada uma fonte de conhecimento necessária na ausência de escritos ou de uma testemunha viva para narrar fatos acontecidos. Os "testemunhos mudos" são essenciais para essa contribuição histórica. Como defendeu Tim Ingold (2012), o mundo é composto por todas as coisas que se encontram nele, não somente por pessoas, mas por tudo ao seu redor. Portanto, as coisas estão para o mundo e não ao contrário, tornando incontestável que elas possam narrar aquilo que não foi contado, principalmente as narrativas de povos que não puderam falar sua própria história. Por outro lado, pensar a história da África como conhecemos, exige a importância de refletir como se construiu o passado.

Em *Lectures of Philosophy History* (1857), Hegel descreve os lugares, populações e conhecimentos transmitidos pelos continentes, e, ao descrever os povos africanos, ele os aponta como selvagens, indomáveis e sem nível de entendimento, afirmando que "sua existência ainda não foi alcançada"³⁹ (Hegel, 1857, p. 97, tradução própria). O autor constrói um estereótipo de que o sujeito negro não alcançou o patamar de estar no mundo, negando assim as afirmações biológicas, uma vez que os seres humanos são racionais e ocupam um determinado espaço no mundo. Além da problemática racial nessa frase de Hegel, é possível notar também uma incoerência em relação ao que é ser existente.

Uma vez que a noção de "ser existente" está ligada a tudo aquilo que é ou está vivo, ao afirmar que os africanos ainda não alcançaram a sua existência, Hegel atribui a eles um protótipo de exclusão do tempo e espaço de que se fala. Assim, retira deles a sua humanidade e sua maneira de ser enquanto pessoa, remanejando-os a um lugar de objeto ou coisa. Ao impor esses sujeitos a categorização de coisa, eles tornam-se então suscetíveis a sofrerem imposições. As histórias atribuídas ao continente africano foram construídas com base em pensamentos racistas, assim como o de Hegel. De acordo com Curtin, "é por esta razão que, na África e em outros lugares, a primeira preocupação dos historiadores foi ultrapassar os vestígios da história colonial

³⁹ "His existence has not yet attained" (Hegel, 1857, p. 97)

e reatar os laços com a experiência histórica dos povos africanos” (Curtin, 2010, p. 37).

Em seu texto, Hegel (1857) reflete que, ao se referir aos negros, é preciso excluir os sentimentos, o respeito e os preceitos morais. O que ele propõe em sua tese é praticamente um manual de como se tornar um racista. Propor a exclusão de atitudes que os indivíduos devem disseminar na sociedade é incitar a barbárie e contribuir para a criação de um discurso de ódio e racista. Ao afirmar a necessidade dessa exclusão, ele colabora para desenvolver a necessidade de outras maneiras de comunicação interracial. Em outras palavras, a escravização é vista como forma de "civilizar", enquanto as chibatadas são vistas como forma de castigar aqueles que não seguem o que foi imposto.

O negro, como já observado, exhibe o homem natural em seu estado completamente selvagem e indomável. Devemos deixar de lado todo pensamento de reverência e moralidade - tudo o que chamamos de sentimento - se quisermos compreendê-lo corretamente; não há nada de harmonioso com a humanidade nesse tipo de personagem. Os relatos copiosos e circunstanciais dos missionários confirmam isso completamente, e o maometismo parece ser a única coisa que de alguma forma traz os negros para o âmbito da cultura. (Hegel, 1857, p. 97, tradução própria⁴⁰)

São afirmações como essas que fazem com que o continente africano seja conhecido como uma sociedade que não tem o que ser contado. Além disso, essas afirmações refletem na literatura africana e em como as obras são vistas nos dias de hoje. A escrita de Dina Salústio expressa vozes de mulheres silenciadas em um contexto cabo-verdiano e constrói uma literatura com o intuito de abordar problemas sociais. No entanto, suas obras não têm uma grande circulação. Quando Hegel (1857), em sua época, refletiu que na África as pessoas eram selvagens e indomáveis, o autor estava construindo um lugar onde posicionava as pessoas negras fora do ambiente civilizatório, mas também fora do meio acadêmico.

⁴⁰ “The Negro, as already observed, exhibits the natural man in his completely wild and untamed state. We must lay aside all thought of reverence and morality — all that we call feeling — if we would rightly comprehend him ; there is nothing harmonious with humanity to be found in this type of character. The/ copious and circumstantial accounts of Missionaries completely confirm this, and Mahommedanism appears to be the only thing which in any way brings the Negroes within the range of culture.” (Hegel, 1857, p. 97)

Ao afirmarmos que a palavra tem poder, estamos ressaltando que ela pode ser atemporal e resultar em consequências milenares. Afirmar que o negro é selvagem é construir um apagamento social, pois é considerado não civilizado, o que conseqüentemente leva a um apagamento literário, uma vez que um selvagem não pode ser educado. Além disso, são com declarações como essas que se formam estereótipos racistas e discursos de dominação sobre as pessoas negras. Essas alegações disseminam perspectivas criadas por uma estrutura ocidental dominante, que, por deter o poder, constrói apenas o que lhe convém. Ao analisar seu discurso, percebe-se que ele entende a religião como a “única coisa” que torna o negro um ser cultural, deixando ainda mais problemática a sua teoria, pois ele associa os dogmas como a única maneira de tornar o ser negro um ser provido de cultura.

Desta maneira, em paralelo a Gagnebin (2006), é preciso lutar contra uma verdade construída a partir de imposições religiosas e tentar construir uma verdade a partir de rastros que foram deixados em um passado que não importa para todos, mas que podem evocar uma história que não foi contada. Nesse sentido, o historiador precisa “lutar contra o esquecimento e a denegação” (Gagnebin, 2006, p. 44). Ou seja, é preciso tentar preservar a memória contra a contestação daqueles que fazem parte de um positivismo dogmático, que de fato é quase toda a sociedade, devendo-se “lutar contra a morte e a ausência pela palavra viva e rememorativa” (Gagnebin, 2006, p. 45).

Quando Evaristo propõe a escrita sobre o outro, ela está construindo uma narrativa de escutar também as dores e tornar-se testemunha dos fatos que ela observa. Por exemplo, na obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, ela cria uma narrativa em que a entrevistadora não vai embora, fica e escuta as diversas histórias de dor e sofrimento das mulheres, que, enquanto narram, subsistem a partir de traumas vividos. Nesse contexto, Evaristo cria uma barreira contra o apagamento social de mulheres que são silenciadas por diversos motivos, seja pelo racismo, pelo patriarcado ou pelas violências às quais são submetidas.

Conforme Gagnebin, “testemunha também seria aquele que não vai embora” (2006, p. 57). Ou seja, é aquele que escuta. Gagnebin traça uma construção teórica a partir das dores causadas em outros contextos históricos, mas é possível estender também para questões raciais. Quando ouço a dor do outro, posso me colocar à disposição para tentar criar mecanismos e novas narrativas no combate ao racismo.

No momento em que as pessoas se propõem a ouvir um relato de racismo, estão sendo passíveis de refletir e repensar novas estratégias para melhorar o presente. Assim, quando Evaristo propõe a escrita com narrativas que problematizam e oportunizam que sujeitos invisibilizados sejam lidos/ouvidos, ela constrói novas histórias e reinventa um presente com base em rastros do passado, para que atrocidades como as causadas na época da escravidão não se repitam no presente.

3.3 Estratégias coloniais: do silenciamento à exclusão das obras literárias negras

Para construir uma nação, foi preciso destruir e dizimar nações plurais. É com essa frase que inicio este capítulo, pois não consigo conceber de outra forma o que foi o processo de colonização, senão como um período em que nações foram destruídas para dar lugar a outras. Foi uma tentativa de extinguir culturas por meio da violência e da desumanização, resultando em brutalidade e no genocídio contra milhares de pessoas. Compreendo o 'colonialismo' por duas definições: a primeira é como um período histórico e um processo de civilização entre grandes nações. A segunda, contudo, é possível afirmar que foi um período marcado pelo genocídio de povos e nações.

O "Discurso sobre o colonialismo", de Aimé Césaire, publicado pela primeira vez em 1950 na França, consiste em reflexões e argumentos importantes para entender a expansão do colonialismo. Ao longo do texto, Césaire constrói uma narrativa assertiva mediante aos escritores que ele se propõe contrariamente a argumentar. Nesse sentido, com críticas fundamentais acerca do humanismo forjado por uma burguesia bárbara, ele traz a importância de repensar as catástrofes causadas contra as culturas e civilizações. Em vista disso, suas discussões foram essenciais para combater o imperialismo francês e com isso se tornaram importantes nas lutas anticoloniais.

De acordo com Césaire (1978), a colonização foi de longe um período em que se tinha como objetivo apenas a construção de nações e a busca do crescimento econômico. Mais que isso, foi um período que destruiu identidades, culturas, saberes e ceifou milhares de vidas. Ele aponta esse período como um momento que dizimou

peças e as objetificou. Segundo ele, existe uma igualdade entre os conceitos de colonização e coisificação, pois esse período diminuiu pessoas a serem coisificadas, ou seja, destruiu suas identidades ao máximo até serem tratadas como objetos/coisas. Foram "milhões de homens arrancados aos seus deuses, à sua terra, aos seus hábitos, à sua vida, à dança, à sabedoria" (Césaire, 1978, p. 25). Além disso, o autor afirma que esse sujeito sem civilização pode ser atribuído também ao branco colonizador, que colaborou com diversas atrocidades, pois, uma vez que se compactua com barbáries que foram cometidas nesse período, é de fato uma forma de tornar-se "não civilizado". Essas ações culminaram na transformação de pessoas em objetos, desfigurando suas identidades até a última "gota de humanidade".

Césaire (1978) aponta que uma civilização que cria problemas e não consegue resolvê-los é uma sociedade sem credibilidade. As sociedades dominantes deram origem ao problema do proletariado colonial, o mesmo que origina a mão de obra escravizada. Assim, a civilização europeia finge que não há problemas e se apega a princípios hipócritas, como se estivessem cobertos por máscaras e maquiagens e, com isso, fecham os olhos para os problemas e distribuem apenas uma imagem favorável de si mesma.

O racismo, por exemplo, é um fenômeno que surgiu na era colonial e perdura até os dias atuais. Diante disso, é possível perceber a decadência e a falha dessa mesma civilização. Césaire (1978) explica que a colonização não pode ser defendida como algo bom, pois os colonizadores não estavam em busca de acabar com as doenças ou de um propósito divino. Pelo contrário, estavam em busca de construir impérios por meio do trabalho escravizado e, através de um discurso dogmático, escravizaram e retiraram pessoas das suas terras de origem, impondo-lhes novos nomes, línguas e existências.

É preciso ressaltar ainda que a reparação histórica é essencial para consertar o erro antes cometido, pois políticas públicas não farão reviver os milhares de mortos e as milhares de famílias ceifadas, mas farão com que seus sucessores sejam recompensados em vista da dor causada na vida dos seus ancestrais. Conforme Domingues (2005), programas sociais e políticas públicas universais são essenciais para evitar as desvantagens que negros têm em relação aos brancos. Em razão da escravização, os negros foram impedidos de ter acesso à educação e, por isso, para

corrigir esse déficit do sistema racial, é necessário a implementação de "programas sociais que adotem um recorte racial na sua aplicação, e que são denominadas ações afirmativas" (Domingues, 2005, p. 171).

Césaire propõe não reviver uma "sociedade morta", pelo contrário, construir daqui para a frente uma sociedade com identidades, saberes e cultura herdadas por seus ancestrais, ou seja, esses sujeitos estão exaltando a sua negritude. Entretanto, a construção de uma existência de causas biológicas diferentes abriu margens para a desigualdade e levou as grandes estruturas a cometer atrocidades em prol de direitos daqueles que se consideravam superiores. Isto significa que qualquer justificativa criada para os atos bárbaros cometidos no período colonial não deve ser aceita.

Não é uma sociedade morta que queremos fazer reviver (...) tão-pouco a sociedade colonial atual que queremos prolongar (...) é uma sociedade nova que precisamos criar, com a ajuda de todos os nossos irmãos **escravizados**, rica de toda a potência produtiva moderna, cálida de toda a fraternidade antiga. (Césaire, 1978, p. 37, **grifo nosso**)

Ressalto a importância de compreender conceitos que fizeram parte desse período colonial. Conforme Kilomba (2019), quando o indivíduo é atribuído a um lugar de objeto, ele está passível de ter sua realidade e suas identidades criadas por outras pessoas, ou seja, por aquele que possui um lugar de poder sobre a sociedade. Em conformidade, quando o sujeito branco objetifica o negro, também está impondo a ele "aquilo a que o sujeito branco não quer ser relacionado" (Kilomba, 2019, p. 34), tornando possível ressaltar também que o conceito de objeto e outro estão entrelaçados e podem ser atribuídos facilmente à superioridade criada pela classe dominante desse período. Além do mais, depreende-se que durante esse processo histórico surge o racismo e que, também por influência dele, segregaram e mataram milhares de pessoas.

Segundo a autora, quando o sujeito toma posse da identidade do outro, ele constrói uma narrativa sob uma perspectiva de negação, ou seja, rejeita as atribuições consideradas ruins e transfere para o negro. Nesse contexto, no "mundo conceitual branco", as pessoas negras são vistas como "objetos ruins" e, por isso, se tornam o "depósito", onde será convertido tudo de ruim que eles possuem. Ou melhor, o sujeito negro torna-se uma "tela de projeção daquilo que o sujeito branco teme reconhecer

sobre si mesmo, neste caso: a ladra ou ladrão violenta" (Kilomba, 2019, p. 37). Assim, pensar o racismo como biológico é uma definição errônea, pois se caracteriza como uma construção social atribuída por indivíduos que possuem implicações internas, e por ocuparem posições de poder, sob o mecanismo de defesa da negação, transferem seus desejos, fantasias ou sentimentos que lhes envergonham para aqueles que estão em seu poder.

Por isso, conforme Kilomba (2019), a problemática acerca do subalternizado implica em entender se ele "pode falar". A autora atribui que ele não pode falar, pelo simples fato de não conseguir ser ouvido, ou seja, tem seus conhecimentos deslegitimados, até mesmo dentro de espaços educacionais, visto que muitos ainda seguem um modelo de educação colonial. Assim, primeiro uma supremacia branca europeia invade terras africanas em que já havia culturas, escravizam e silenciam esses povos. Um povo sem voz, conseqüentemente não haverá linguagem, então as destrói, depois invalida suas produções, percorrendo esse engessamento de saber eurocêntrico, que foi imposto às instituições com o intuito de criar uma cultura racista e colonial, gerando um conhecimento ideal validado por eles mesmos.

Nesse sentido, Kilomba (2019) defende a necessidade de uma descolonização do conhecimento, que consistirá em forma de estudar narrativas esquecidas e produzidas por povos marginalizados, propondo assim um deslocamento da margem para o centro com o propósito de compor o corpo principal. Nessa perspectiva, ela ressalta que, a partir dessa percepção de se ver enquanto sujeito que conta sua própria história dentro da sociedade, nutre-se um movimento de resistência antirracista e descolonizador das práticas deixadas durante o processo histórico.

Alfredo Bosi (2002) observa que existem duas maneiras de interpretar a relação entre o sujeito excluído e a escrita. A primeira provavelmente é comum a todos nós leitores e a qualquer um que tenha o hábito de ler uma literatura canonizada. Quando nos deparamos com um texto literário em que há pautas sobre sujeitos historicamente construídos como marginalizados, em sua grande maioria são construídos espaços em que os sujeitos excluídos são objetificados por aqueles que escrevem/narram. Ou seja, dentro de uma narrativa sobre sujeitos excluídos socialmente, tem-se eles como o objeto das problemáticas abordadas, que, segundo o autor, são geralmente utilizadas pelos historiadores da literatura.

A segunda maneira consiste na tentativa de extinguir o lugar de objeto para construir um lugar de onde o próprio sujeito conta a sua história. Desta forma, o sujeito iletrado torna-se o próprio narrador e escritor do seu processo. Sendo assim, a base motivadora para esse indivíduo, que neste momento conta a sua própria narrativa, surge a partir da sua experiência no cotidiano. Então, a sua formação enquanto sujeito letrado não é parâmetro para sua escrita, ou seja, sua criatividade pode surgir também a partir das suas vivências.

Bosi (2002), em sua segunda maneira de compreender o sujeito excluído como sujeito que compõe a sua escrita, traz exemplos como *Quarto de Despejo* (1960) de Carolina Maria de Jesus, célebre livro que conta a história de quem vivenciou e escreveu sobre aquilo que estava ao seu redor. Em seguida, ele apresenta uma experiência bastante pertinente para responder sua teoria, a qual consiste em mostrar que as vivências cotidianas podem ser fontes de motivações para a escrita daquele que vive em um determinado espaço. Consiste em "descobrir o leitor-escritor potencial" (Bosi, 2002, p. 261). Com essa descoberta, é possível vislumbrar a aptidão de escrita de um sujeito quando fala daquilo que se vive e experiencia.

De acordo com suas teorias, o movimento que ele faz "é pensar o excluído como agente virtual da escrita, quer literária, quer não literária" (Bosi, 2002, p. 261). Nesse sentido, ele concede ao sujeito excluído o cargo de agente construtor da sua própria narrativa, contribuindo para tornar relevante a vivência do cotidiano como forma de expressão, seja criando uma escrita literária ou apenas informativa. Para Bosi, todo tipo de escrita advinda do sujeito excluído torna-se importante para sua evolução e sua mudança de lugar marginalizado para o sujeito que narra a sua própria história. Dessa forma, é possível pensar na construção dos estereótipos e como eles subsistem por décadas.

Conforme explica Homi Kharshedji Bhabha (1998), para que o estereótipo colonial continue sendo válido, ele precisa não somente ser repetido de forma simultânea, mas também de forma discursiva e com embasamento que leve a um excesso tão vasto que o levará a ser embasado de forma empírica e lógica, tornando-se ainda mais difícil de ser destruído. Assim, sua ambivalência se torna uma tática que, através do discurso, afeta o psicológico de quem escuta. O poder da discriminação e dos ataques racistas tornam-se ainda mais significativos quando se constroem estereótipos e se perpetuam dentro da sociedade.

Nesse contexto, a compreensão do discurso estereotipado disseminado pelo colonialismo acerca da discriminação sexual ou racial consiste, através do poder da palavra, em construir uma "articulação" entre a negação das "identidades" sobre outras pessoas e, assim, levar ao apagamento das "singularidades" das quais cada indivíduo é composto. Sendo assim, o que ele propõe não é uma desconstrução do discurso colonial, mas uma construção de um novo sistema que, ao invés de estar composto por estereótipos que carregam falácias, agrupa verdades e representações que transgridem todos os corpos da sociedade, ou seja, que não permitem a criação de conceitos acerca de outros corpos que não sejam o nosso.

Concomitantemente, ao criar um sistema que contraria o discurso colonial, compreende-se uma luta contra os objetivos aos quais esse discurso delimita. Ou seja, de acordo com Bhabha (1998), o discurso colonial pode ser visto como um mecanismo de poder que dissemina estratégias com pretensão de criar espaços para enquadrar as pessoas em apenas uma produção de conhecimento. Melhor dizendo, apenas àquelas que seguem o padrão de conhecimento do colonizador, e, nesse meio, ao perceber que os povos negros estejam desviando desse tipo de conhecimento, constrói-se sobre eles características em decorrência do grupo étnico.

Por exemplo, cria-se um discurso segundo o qual os sujeitos negros são inferiores e por isso não são capazes de produzir e ocupar certos espaços, ou seja, se não conseguem acompanhar o padrão do colonizador, é porque não têm conhecimento. Isso exclui e deslegitima qualquer marca cultural e experiências anteriormente vivenciadas, sendo assim, "o objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial" (Bhabha, 1998, p. 111).

Sendo assim, perceber as facetas do racismo através de diversos mecanismos é essencial para entender de que forma as narrativas dos povos negros são excluídas, sobretudo no tocante às histórias que são contadas através da literatura. Compreender as estratégias coloniais é um método de defesa para que erros do passado não sejam repetidos, como também uma forma pela qual pode-se recontar uma nova história, sobretudo com verdades e incluindo sujeitos que tiveram suas narrativas apagadas.

Diante dessa discussão, considero importante uma breve explicação sobre o conceito de identidade, uma vez que, desde sua compreensão entre os indivíduos,

este conceito sofre diversas modificações, principalmente para os sujeitos escravizados. Como pontuou Stuart Hall (2006), a identidade possui fragmentações e pluralidades, sendo assim, a partir dessas características, existem possibilidades de destruí-las e construí-las no meio social. Visto que ela “costura o sujeito à estrutura” (Hall, 2006, p. 11-12), torna-se necessário ressaltar a importância de manter o sujeito identificável para a construção de uma sociedade. Destaco isso pensando no sentido em que conceber a existência de indivíduos dentro dela requer que eles sejam visíveis, possuam identidades, histórias, saberes e culturas.

Ponderando sobre os povos que tiveram suas identidades apagadas e suas histórias forjadas apenas por uma parcela da sociedade, é crucial compreender que privar um indivíduo de sua identidade torna-o suscetível à dominação. Durante o curso da história, a aniquilação de identidades, raízes e histórias serviu como parâmetro tanto para a construção quanto para a destruição de grandes nações, especialmente aquelas que foram vítimas de massacres coloniais. Essa brutal realidade resultou em massacres físicos, psicológicos e emocionais para as pessoas que sofreram durante esse período.

Segundo Hall (2008), as identidades não devem ser vistas como singulares, mas sim como múltiplas. Elas são construções sociais que abrangem um conjunto de práticas e posicionamentos dentro de uma determinada civilização. Não se limitam apenas à influência da cultura e ancestralidade de um povo, mas também estão sujeitas a transformações e historicização. São moldadas por contextos históricos e refletem discursos específicos ao longo da consolidação social. Nesse sentido, Hall (2003) propõe o conceito de "diáspora" para descrever a interação entre brancos e negros.

Dessa forma, o indivíduo diaspórico torna-se mestiço, ou seja, capaz de transcender a identidade cultural pura que antes era exclusiva de uma única etnia, baseada no nascimento e na natureza dos povos dessa linhagem. Quando ocorre a interracialidade, surge a diáspora, em que as características das duas culturas se fundem de maneira heterogênea. As narrativas presentes nas obras de Evaristo refletem as características de uma mulher negra afro-diaspórica, caracterizada por uma identidade múltipla, cultural e ancestral. Sua escrita possibilita uma reflexão sobre os personagens, estabelecendo um paralelo com os personagens africanos de

Dina Salústio, que se tornam sujeitos que vivenciam realidades e abordam questões sociais por meio da literatura.

Em contrapartida, Frantz Fanon (2008) acredita que o negro possui uma identidade 'desviada', desestruturada em decorrência do colonialismo, o que resulta em um desvio existencial para o sujeito negro. Com isso, podemos inferir que se a cultura europeia impôs esse 'desvio', como ele sugere, é provável que isso se reflita nos problemas enfrentados pela população negra atual. Os negros diaspóricos estão intrinsecamente sujeitos a viver um desvio em relação à sua história e existência até os dias atuais. Na sociedade brasileira, por exemplo, muitos negros não conhecem seus antepassados nem suas raízes. Nessa perspectiva, a literatura desempenha um papel crucial ao construir histórias com base no que se conhece e no que se experimenta, proporcionando espaço para recontar narrativas apagadas e esquecidas. Ela tem o poder de criar um novo modo de contar as trajetórias das nações.

Evaristo (2016), em seus contos, tece narrativas sobre os povos negros diaspóricos, que muitas vezes desconhecem seus antepassados. Através da literatura, ela dá voz às histórias de pessoas frequentemente esquecidas, cuja existência é silenciada na estrutura social. Por outro lado, Dina Salústio (2018) em sua obra literária explora a construção de identidades em Cabo Verde, como no conto “Condição de Ilhéu”, que descreve vividamente o povoamento da ilha. Salústio faz referência aos “gritos de escravizados nos porões abarrotados que chegaram da África” (Salústio, 2018, p. 91), sugerindo uma reflexão sobre a formação dessa “nova identidade”. A mistura entre brancos e negros tem o potencial de gerar um novo “elemento humano, o mestiço”. Sua escrita nos convida a refletir sobre as rejeições enfrentadas e a luta pela sobrevivência desse novo sujeito.

Sendo assim, à medida que surgem indivíduos que desafiam a classificação étnica predominante de duas nações, surgem questionamentos. O mestiço nasce da mistura de várias etnias, tornando-se um enigma a ser desvendado, pois, por um lado, há uma nação que foi escravizada e, por outro, aquela que escraviza. O continente africano foi um local onde o explorador disseminou ódio, mas também deixou vestígios de suas próprias origens. Dina Salústio compreende que, ao perceber o “mestiço”, surgem repúdios de ambos os lados. No entanto, ao afirmar que recusa “pensar que

tenha sido por ignorância, porque acredito que nada é inocente” (Salústio, 2018, p. 91), ela nos leva a um ponto que permite refletir sobre as estratégias coloniais. A comercialização de pessoas não pode ser considerada algo inofensivo, mas sim uma política de extermínio que visava a apagar valores, culturas e perpetrar o genocídio de nações. Os mestiços, para Salústio, são considerados uma ameaça tanto para a África quanto para a Europa, pois representam uma ruptura com os padrões estabelecidos.

A personagem Kehinde, em *Um defeito de cor* (2009), por exemplo, sofre com a tentativa de exclusão da sua identidade africana e com o sistema de catequização após ser sequestrada e, junto a outras pessoas e trazidas para o Brasil, submetida à troca do nome. A personagem lembra das palavras da sua avó e foge, pois, para ela, trocar o nome seria uma forma de estar desprotegida: “ela tinha dito que seria através do meu nome que meus voduns⁴¹ iam me proteger” (Gonçalves, 2009, p. 44). A igreja denominava as pessoas como almas pagãs, desacreditando dos seus deuses e saberes, porém, Kehinde, através dos ensinamentos da sua avó, concebe um mecanismo de resistência quando diz: “Eu não sabia o que era alma pagã, mas já tinha sido batizada em África, já tinha recebido um nome e não queria trocá-lo, como tinham feito com os homens” (Gonçalves, 2009, p. 44).

Considero que as identidades são essenciais para a existência contínua do indivíduo e sua visibilidade no contexto social. Nessa perspectiva, compreender este conceito está intrinsecamente ligado a uma construção social, e, conseqüentemente, à linguagem. Portanto, a tentativa de 'destruir' o nome africano de Kehinde e, em seguida, sua religião, torna-se um mecanismo de apagamento de sua existência. O processo de batismo e alteração de nome ao qual os africanos foram submetidos constitui uma forma de exclusão e destruição não apenas de sua presença física, mas também de sua essência. Uma vez que o nome é atribuído apenas uma vez, a modificação posteriormente implica uma tentativa de apagar tudo aquilo que o sujeito vivenciou anteriormente.

De acordo com Houaiss (2009, p. 464), “o conjunto das palavras e dos métodos de combiná-las é usado e compreendido por uma comunidade”. Em outras palavras,

⁴¹ Utilizado para designar os deuses, divindades de algumas religiões de matrizes africanas.

a linguagem é o uso da palavra escrita ou falada de forma lógica, que se utiliza na comunicação entre as pessoas. É a forma de se expressar verbalmente por meio do conjunto de signos, símbolos ou gráficos que juntos compõem uma maneira de interação entre os seres humanos. Nesse contexto, torna-se de extrema importância o uso da linguagem para manter viva a tradição de determinadas línguas entre os povos tradicionais de uma sociedade. Quando se priva alguém da capacidade de fala, também se constrói um mecanismo de exclusão desse indivíduo dentro do contexto social. Por outro lado, no contexto colonial, a forma de comunicação utilizada consistia no uso da língua do explorador, ou seja, o idioma europeu.

Desse modo, o sujeito colonizado aprende a falar na língua daquele que o escravizou, compreendendo, portanto, a necessidade de uma descolonização da língua, ou como Kilomba (2019) pontua, é preciso a criação de uma nova linguagem, a qual não desumanize sujeitos e grupos que fizeram parte de uma condição humana massacrante e subalternizada. Quando o sujeito negro fala e tem consciência da potência do que diz, destrói o que almejava o colonizador. E quando ele escreve, ele acaba com o lugar que lhe foi imposto. Ou seja, "escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe àquele lugar de 'Outridade' e o de inventar a nós mesmos de modo novo" (Kilomba, 2019, p. 28). Compreender como os discursos se perpetuam entre as relações de poder é relevante, uma vez que a partir deles ocorre não apenas a construção, mas também a destruição das identidades. Considerando que o pensamento precede a fala, e que os seres humanos são a única espécie capaz de transformar pensamentos em linguagem, torna-se evidente que os sentidos e as palavras são moldados por aqueles que detêm o poder de dominação.

Luiz Silva Cuti (2010) afirma que a linguagem nos é imposta desde o nascimento, e, portanto, devemos nos adaptar a ela; os códigos orais e escritos exercem influência sobre nós por meio de discursos pré-estabelecidos. Nesse contexto, é necessário ter cuidado com a forma e o conteúdo das palavras que utilizamos. Em referência ao ditado "o peixe morre pela boca", Cuti (2010) destaca a importância de escolhermos cuidadosamente nossas palavras, pois, com base em premissas como essa, podemos concluir que os exploradores, ao invadir territórios onde as pessoas não utilizavam a mesma linguagem, impuseram suas próprias palavras e negaram as já existentes.

4 “DE QUE COR ERAM OS OLHOS DE MINHA MÃE?”

“O olhar da mãe sempre atento. Possivelmente África, talvez Europa, seguramente Mulher”. (Dina Salústio)

Neste capítulo, reflito a partir das literaturas produzidas por pessoas negras. Assim como as obras de Conceição Evaristo e Dina Salústio são apagadas do âmbito literário e social, outras obras também sofrem com essa exclusão. Portanto, é necessário explorar essa bibliografia e compreender como elas resistem a esse apagamento.

Nomeio este capítulo com a frase que finaliza o primeiro conto de Evaristo no livro *Olhos d'água* (2020), seguido de uma epígrafe que compõe um conto de Dina Salústio em *Filhos de Deus* (2018). Considero importante ressaltar fragmentos de seus livros para torná-los visíveis no mundo acadêmico, mas também para finalizar esta pesquisa com o tema da mãe/mulher, que foi tão refletido durante todo este estudo.

Estudar sobre Evaristo na atualidade é abrir margem para uma construção de uma nova literatura que conta a história de um povo silenciado. Quando pensa suas histórias, ela concebe ao lado dessa população um conjunto de problemas que são vivenciados por uma parte da sociedade, que, a olho nu, torna-se invisível. Sua escrita insere histórias que são também reais, basta assistirmos nos noticiários. O que ela conta e documenta são narrativas e problemáticas de um povo que é esquecido à margem da cidade, que existe e vivencia diversas dessas situações que edificam a sua literatura. Isto se dá por diversos fatores, entre eles: a falta de políticas públicas, o racismo e a marginalização desses lugares e sujeitos.

Assim como estudar as escritas de Salústio evoca de forma intercultural problemas vivenciados pela população cabo-verdiana, as narrativas que ela desenvolve em suas obras se conectam com a realidade de Cabo Verde. Elas também apresentam semelhanças com os povos negros brasileiros. As temáticas incluídas em suas obras refletem a resistência de uma literatura feminina que, por séculos, foi apagada pelo protagonismo masculino. Sua escrita ecoa as vozes de mulheres e meninas silenciadas, exploradas diariamente, propondo através da escrita histórias de lutas e resistência de mulheres reais cabo-verdianas.

O subcapítulo 4.1, intitulado *Literaturas esquecidas: afro-brasileira e cabo-verdiana*, apresenta, por meio das teorias sobre as literaturas cabo-verdiana e afro-brasileira, escritas que, por não terem sido lidas ou evocadas, não fazem parte do cânone literário. Por isso, elas foram gradativamente desaparecendo e sendo esquecidas dos registros. Reflito sobre as literaturas que, por vezes, são excluídas aos olhos dos leitores; escritas que conduzem narrativas viscerais, porém necessárias para a construção de um letramento racial dentro da sociedade. Portanto, não são sequer conhecidas. Refiro-me, por exemplo, à *Úrsula* (2020) de Maria Firmina dos Reis, *Quarto de Despejo* (1995) de Carolina Maria de Jesus e *Um Defeito de Cor* (2009) de Ana Maria Gonçalves.

Uma vez que a pesquisa está centrada nas escritas de duas mulheres negras existentes em um contexto social que ainda exclui suas obras das estruturas literárias, considero importante citar as obras mencionadas acima para pensar a escrita como forma de resistência.

No subcapítulo 4.2, “*O lugar de sempre: a minha alma*”, reflito sobre as semelhanças e diferenças entre os contos, bem como as impressões de Conceição Evaristo e Dina Salústio sobre suas escritas a partir da pesquisa bibliográfica com trabalhos e entrevistas concedidas por elas a programas, canais e blogs. Com o intuito de atribuir espaço às escritoras, utilizo como fundamentação teórica as entrevistas, dando-lhes a oportunidade de narrarem sobre suas trajetórias de escrita e motivações para permanecerem no mundo literário.

Por fim, no subcapítulo 4.3, *Literatura e Memória*, finalizo com um estudo sobre a relação entre memória e literatura, refletindo sobre narrativas que demonstram como a ancestralidade pode estar vinculada a esses conceitos. Faço uma reflexão sobre acontecimentos pessoais em conexão com os contos estudados das escritoras Conceição Evaristo e Dina Salústio, como forma de encerrar esta dissertação estabelecendo uma conexão entre o literário e o real, evocando memórias e momentos vivenciados. O objetivo é destacar como a escrevivência, conceito defendido por Evaristo, pode transcender espaços.

4.1 Literaturas esquecidas: afro-brasileira e cabo-verdiana

De acordo com Cuti (2010), a literatura pode ser entendida como um reflexo e um reforço das relações sociais e de poder, uma vez que pode ser definida como uma maneira de constituir, a partir das instâncias discursivas, o imaginário das pessoas. Além disso, "podemos pensar naqueles que dela se vão nutrir" (Cuti, 2010, p. 49), ou seja, é possível que a literatura construa características em prol dos que dela se sustentam, mas também pode reforçar estereótipos cotidianamente, o que prejudica a autoestima dos povos que descendem de culturas rompidas e fragmentadas por um processo histórico colonial. Ao ponderar sobre a conceituação de literatura, é possível refletir também sobre a linguagem e como ela pode ser um mecanismo de submissão de um grupo representado como hegemônico frente aos outros. De acordo com Cuti, a linguagem é imposta, e por isso sugere-se seguir as regras já criadas, necessitando apenas adaptar-se a ela:

A linguagem é algo que nos é imposto. Quando chegamos ao mundo, o código da nossa língua-mãe exige que nos adaptemos a ele, por mais que detestemos suas mais variadas regras. Assim, ele, o código escrito, depois do oral exerce sobre nós a sua pressão. Os tipos de discurso já estão divididos, a gramática elaborada, e, o que é importante, o sistema de valorização diz que seus modos respectivos. (Cuti, 2010, p. 49-50)

Refletir sobre as diversas literaturas, incluindo a cabo-verdiana e afro-brasileira, é abrir margem para afirmar que elas têm como premissa básica escrever para existir. Uma vez que escritores e escritoras que fazem parte dessas literaturas estão inseridos em um mundo que construiu a identidade das pessoas predominantemente com base em interesses europeus, torna-se imprescindível a necessidade de construir métodos que revertam essa única perspectiva. Por isso, a escrita tem se tornado a maior ferramenta contra esse sistema que apaga as existências de um povo que não teve voz ou vez para se contrapor. As literaturas produzidas pelos exploradores resultaram em uma desvalorização das escritas e do conhecimento das pessoas negras dentro da sociedade. Essa ilegibilidade foi instaurada no período colonial, quando as primeiras histórias contadas pelos colonizadores descreviam a "descoberta" de uma sociedade "exótica", sendo disseminada por décadas até os dias atuais como a única verdadeira.

Segundo Fátima Fernandes (2021), o caminho trilhado pelas Literaturas Africanas de língua portuguesa tem-se percorrido em meados do século XIX, sob influências das instalações da imprensa em países que sofreram com a invasão colonial portuguesa. A partir da literatura, escritores de língua portuguesa, como é o caso de Cabo Verde, produzem escritas de testemunho e em defesa da sua identidade. Conforme Fernandes, a Literatura Cabo-verdiana surge como um marco literário que determina e defende a identidade crioula, caracterizando-se então como “porta-voz dos anseios de um povo e de um arquipélago que, desde então, se procurava afirmar como nação” (Fernandes, 2021, p. 15).

De acordo com Fernandes, a literatura de Cabo Verde ainda possui marcas coloniais herdadas da escolarização do ex-colonizador. A escrita ainda traz expressões literárias da língua portuguesa, mas também da língua cabo-verdiana. Considera-se então que possui uma dupla expressão linguística. A escrita literária em Cabo Verde se origina a partir da realidade vivenciada, da “realidade das ilhas, impactada por vários ciclos de seca e de fome” (Fernandes, 2021, p. 20).

Assim como as outras literaturas de língua portuguesa, a cabo-verdiana pode ser definida como uma literatura pós-colonial produzida no continente africano e que possui um caráter nacionalista. De acordo com Inocência da Mata, as literaturas africanas ainda são escritas com discussões que envolvem nações e identidades, por isso, pode-se dizer que a produção literária de Cabo Verde também se articula como defesa do seu reconhecimento identitário.

As literaturas africanas ainda são literaturas em que as questões essenciais, fundacionais, ainda estão presentes: a discussão sobre a nação, as identidades, as relações internas, o lugar de cada grupamento cultural dentro da nação. (Mata, 2009, p. 11).

Conforme Cristina Maria da Silva (2021, p. 187), “uma escrita literária traça ‘mundos narrados’ quando não deixa de alinhar o que foi experimentado com o que foi lembrado e ainda sobrevive na memória”. Nesse caso, a escrita é a forma de verbalizar e escrever aquilo que foi experimentado por ela mesma. Assim, é através da literatura que se consegue atingir aqueles que não estavam presentes nas narrativas que foram construídas em um momento vivenciado. A literatura então se

constrói a partir daquilo que se "vive na memória". Sendo assim, de acordo com a pesquisadora, ao evocar vozes femininas em suas obras, Dina Salústio constrói espaços íntimos entre o real e fictício, ecoando vozes das mulheres que são silenciadas, fazendo da escrita um movimento de resistência que "desvelam travessias da constituição de si, mas também dos lugares de existência e dos espaços da recordação" (Silva, 2021, p. 187).

Além da história, a literatura produzida em países do continente africano ainda é pouco conhecida, mesmo a África sendo um continente com 54 países, nos quais existem diversas artes, culturas e saberes. A Literatura de Cabo Verde se constrói a partir dos seus escritores. No entanto, tal qual o Brasil, essas obras não chegam tão longe quanto as obras europeias. Isso porque diversos fatores impedem-nas de chegar. O racismo, por exemplo, que surgiu desde as invasões em África, trata-se de uma construção discursiva e, conseqüentemente, social que reflete também sobre as obras literárias. Além disso, interesses econômicos e políticos locais também propiciam essa exclusão das obras. Um sistema que se constrói apenas por interesses em comum de um grupo social tende a legitimar obras que fazem parte da sua única bolha. A literatura ocidental surge sob o interesse econômico e político de apenas um grupo dominante, por isso mesmo é legitimada e exportada para mais lugares do mundo.

No Brasil, tem-se a Lei Nº 10.639/03, que prevê o estudo da Literatura Afro-Brasileira em sala de aula. No entanto, essa literatura ainda é pouco vista, e não somente ela, mas também a Literatura Africana em geral. Isso se expressa desde as circulações dos livros até o interesse dos pesquisadores em incluírem esses livros e escritores em suas aulas, grupos de estudos e pesquisas, e até mesmo na comercialização, incluindo a exportação, que é mínima para o Brasil. Propor essa pesquisa com o estudo comparado da Literatura Cabo-verdiana é um grande desafio, porque essa literatura torna-se vítima de um racismo não só estrutural, mas também institucional, que exclui e tenta extinguir suas obras.

De acordo com Kilomba (2019), o racismo institucional afeta os padrões sistemáticos de instituições sociais, colocando os sujeitos brancos em vantagem acima dos sujeitos negros. Nesse sentido, percebo que ocorre algo semelhante quando se trata da literatura produzida em países africanos e a literatura ocidental. As

vantagens das quais a literatura africana é privada, incluindo a divulgação, estudos e imersão de seu conteúdo nas escolas não acontecem com a literatura escrita por pessoas brancas, que, pelo contrário, sempre foi estudada e considerada como a única verdadeira e correta.

Por isso, estudar essa literatura é torná-la tão importante quanto a ocidental, porque seus textos propõem narrativas culturais e históricas dos costumes cultuados no continente africano. Sendo assim, torna-se possível dizer que os textos da literatura cabo-verdiana consistem em um conjunto de obras que representam um reflexo social do seu povo, sendo múltipla, visto que o continente africano é muito vasto e, portanto, a escrita que surge em diversas partes desse lugar surge com propósitos diferentes e problemáticas que refletem na sociedade, nos seus costumes e formas de vida. Há discussões acerca do conceito que se deve utilizar para a literatura afro-brasileira, talvez um pouco complexas, já que o objetivo dela é sempre o mesmo, independente da forma como é nomeada.

Eduardo de Assis Duarte afirma que “essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa” (Duarte, 2010, p. 1). Por isso, ele defende que a literatura afro-brasileira se constrói pelo povo e por aqueles que possuem características fenotípicas do sujeito negro. Segundo ele, ser negro não se configura como condição necessária para escrita de obras que compõem a literatura afro-brasileira, mas todo o conjunto a compõe. Ou melhor, essa escrita é construída por narrativas descritas e direcionadas para a população negra, possuindo temáticas, ponto de vista e público-alvo, tudo dentro do contexto afro-brasileiro. Duarte (2010) afirma que a Literatura Afro-brasileira consiste em:

Uma produção que está dentro porque se utiliza da mesma língua e, praticamente, das mesmas formas e processos de expressão. Mas que está fora porque, entre outros fatores, não se enquadra no ideal romântico de instituir o advento do espírito nacional. (Duarte, 2010, p. 15)

Suas reflexões se interligam ao que refletiu Octávio Ianni (1988), que afirma que o surgimento da Literatura Negra se faz através de um "imaginário" que, articulado entre os autores, obras e temas, dá origem a obras literárias. Sendo assim, em um

movimento "por dentro e por fora da literatura brasileira", surge a literatura negra (Ianni, 1988, p. 91). Pessoas negras tornam-se parte dos temas principais dessa literatura; a partir dela, descrevem-se aspectos sociais, econômicos, políticos e sentimentais do ser negro, o que naturalmente engloba também temas como escravidão e colonialismo. Portanto, "a literatura negra é aquela desenvolvida pelo ser negro", e é composta por suas subjetividades e significações que compõem o que é ser negro na sociedade. Além disso, contemplam-se os problemas, como desigualdade de classe social e, obviamente, problemas como o racismo e outros preconceitos aos quais os povos negros são submetidos.

Evaristo (2009) elucida a importância de descrever os problemas que existem na literatura afro-brasileira. Evidenciar a existência dessa literatura contribui para desmascarar diversos problemas relacionados à composição do cânone literário, uma vez que os textos e narrativas escritos por autores afro-brasileiros, em sua grande maioria, não são considerados aptos para serem classificados como obras literárias, e até mesmo teóricas.

Com isso, ela deixa explícito que a ficção ancorada em um passado escravagista criou personagens negros estereotipados, deixando uma grande influência para deslegitimar as produções de pessoas negras no mundo acadêmico. Assim, ela propõe a importância de uma releitura de grande parte das obras que compõem a literatura brasileira, principalmente aquelas que constroem uma visão deturpada dos povos africanos que, por consequência, reflete-se nos afro-brasileiros, construindo influências negativas que contribuem para a desvalorização das obras de pessoas negras em diáspora.

Na leitura da história em *Um defeito de cor* (2009), de Ana Maria Gonçalves, compreende-se que, durante a invasão em África, algo semelhante ocorreu. Ou seja, é certo que já havia culturas, religiões e linguagens no continente. Por isso, com a chegada dos navios repletos de estrangeiros falando outras línguas, além das armas, disseminou-se entre os habitantes e os que chegaram uma incompreensão da linguagem. Inclusive, fazendo alguns acreditarem que estariam sendo levados para um lugar melhor. Como exemplo, temos os muçulmanos (muçurumins, como são chamados pela narradora), que acreditavam estar sendo levados para Meca, onde iriam ao encontro de Alá.

Todos os dias chegava mais gente capturada em muitos lugares da África, falando línguas diferentes e dando várias versões sobre o nosso destino. Perguntei onde ficava o estrangeiro e ela não sabia, mas outra mulher que estava por perto disse que era em Meca. Ela e alguns outros que nos mostrou, dizendo serem muçurumins, estavam todos indo para Meca, e deveríamos nos alegrar por Meca ser uma terra sagrada e feliz, para onde todos tinham que ir pelo menos uma vez na vida, cumprindo as obrigações com Alá. Como eu não sabia quem era Alá, ela disse que é o todo-poderoso, o que tudo vê, o que tudo pode, o que tudo sabe, o que nunca se engana. (Gonçalves, 2009, p. 27)

Todavia, é possível compreender que, assim como a linguagem tem um imenso poder de persuasão a ponto de causar diversos problemas sociais, ela também pode ser atrelada ao poder de cura. Em outras palavras, a palavra pode sangrar, no entanto, ela pode manter firme aquilo que aprendeu com seus ancestrais. É o que acontece com a narradora do romance, durante a travessia árdua e desumana vivenciada por Kehinde. Antes de partir para o Orun,⁴² sua avó conta histórias sobre os voduns e ressalta a importância deles para sua proteção, deixando firmado para que ela nunca esqueça da África, seus costumes e respeito à natureza, aos deuses e tudo que cultuavam.

Durante dois dias ela me falou sobre os voduns, os nomes que podia dizer, as histórias, a importância de cultuar e respeitar os nossos antepassados. Mas disse que eles, se não quisessem, se não tivessem quem os convidasse e colocasse casa para eles no estrangeiro, não iriam até lá. Então, mesmo que não fosse através dos voduns, disse para eu nunca me esquecer da nossa África, da nossa mãe, de Nana, de Xangô, dos Ibêjis, de Oxum, do poder dos pássaros e das plantas, da obediência e respeito aos mais velhos, dos cultos e agradecimento. (Gonçalves, 2009, p.43)

Convém ressaltar a discussão proposta por Kilomba (2019), que atribui à língua uma sensação poética, no entanto, é preciso atentar-se que, através dela, é possível perpetuar linguagens com o intuito de manter determinadas relações de poder sobre uns aos outros, podendo gerar violências, objetificação e apagamento de pessoas “pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade” (Kilomba, 2019, p. 14).

Através das palavras da sua avó, foi possível que Kehinde não deixasse a sua identidade ser definida pelos outros. Inclusive, isto se concretiza quando ela foge do

⁴² Palavra em iorubá que define o céu ou mundo espiritual; lugar para onde os mortos vão após deixar a Aiê (terra)

batismo católico e sempre reafirmou seu nome africano, cultuou seus deuses mesmo escondido, “fugir do padre era exatamente o que eu queria, desembarcar usando o meu nome, o nome que a minha avó e a minha mãe tinham me dado e com o qual me apresentaram aos orixás e aos voduns” (Gonçalves, 2009, p. 44).

Nesse sentido, pensar as escritas literárias como uma possibilidade que o indivíduo tem para escapar de um apagamento literário ou até mesmo uma nação é reafirmar a sua existência enquanto sujeito no meio em que se vive. Retomando aos estudos negros que fazem parte do cânone. Tem-se Machado de Assis, que por muitos anos foi visto pelos estudiosos como branco. Em suas obras, escritas pela pena do colonizador, eu diria que Machado de Assis viveu por muito tempo dentro da “barriga da besta”⁴³ e por trás da linguagem do colonizador conseguiu se destacar em meio aos escritores brancos. Em suas obras é possível perceber a padronização a qual ele direciona o sujeito negro. Conceitos como “mulato”, “criado”, “mucama” são utilizados por ele em suas obras, nas quais ele critica a sociedade burguesa da época através dos seus personagens de forma quase imperceptível, além de trazer questões como escravidão e o racismo velado.

Quiçá, Machado de Assis fosse tão gênio quanto qualquer um outro escritor e por isso ele conseguiu driblar o padrão colonial para se inserir na lista de melhores escritores clássicos sendo negro, ou talvez, sua linguagem se assemelhou tanto à do colonizador que se tornou imperceptível aos críticos literários, em outras palavras, ele escrevia aquilo que os brancos queriam ler. Conforme Eduardo de Assis Duarte (2009), o autor consegue, a partir da ironia, denunciar e recusar um legado racista repleto de estereótipos.

De forma conceitual, a literatura afro-brasileira vem se solidificando desde o século XIX, que é onde se origina; seu início se dá nos poemas de Luiz Gama e na obra de Maria Firmina dos Reis. Quando citamos mulheres negras escritoras, torna-se importante ressaltar que ela foi a primeira romancista negra que transmitiu ao papel a primeira narração abolicionista. Segundo Duarte (s.d), Maria Firmina dos Reis, ao publicar os seus escritos em uma época em que as mulheres viviam sob limitações, omitia o seu nome e usava o pseudônimo “uma maranhense”. *Úrsula* foi o seu primeiro

⁴³ Termo metafórico utilizado por Stuart Hall em sua obra *A identidade cultural da pós-modernidade* (1992) para descrever a identidade e diferença cultural entre os indivíduos de uma sociedade.

livro publicado em 1859, o qual é composto por uma escritora negra e sobre personagens negros. Assim, a literatura negro-brasileira é construída a partir de um conjunto de obras escritas por pessoas afrodescendentes e sobre eles mesmos.

Túlio, meu amigo, eu avalio a grandeza de dores sem lenitivo que te borbulha na alma, compreendo tua amargura, e amaldiçoo em teu nome ao primeiro homem que escravizou a seu semelhante. Sim - prosseguiu -, tens razão; o branco desdenhou a generosidade do negro, e cuspiu sobre a pureza dos seus sentimentos! Mas, Túlio, espera; porque Deus não desdenha aquele que ama o seu próximo...E eu te auguro um melhor futuro. (Reis, 2020, p. 18 - 19)

As produções que compõem a literatura negra são obras que pretendem tornar existente o ser negro dentro da sociedade brasileira. Diferente da literatura brasileira que em seus livros clássicos posiciona o negro apenas como objeto ou com uma trajetória resumida a escravidão. A literatura negra, na qual Evaristo também se insere, surge como uma estratégia de evidenciar narrativas reais através do uso metafórico da linguagem, em concordância com o imaginário. Assim, torna-se como uma forma de resistência e deslocamento do sujeito negro que antes era visto apenas como objeto, para um lugar em que ele se insere como sujeito da sua própria história.

A ficção ainda se ancora nas imagens de um passado escravo, em que a mulher negra era considerada só como um corpo que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou de um corpo-objeto de prazer do macho senhor. (Evaristo, 2009, p. 23)

Luiz Silva (Cutí) (2010) defende que o conceito mais correto poderia ser literatura negro-brasileira, pois “afro” concerne às culturas e costumes africanos, diferentemente das obras escritas por pessoas negras e brasileiras, que trazem narrativas e subjetividades vivenciadas no Brasil. O autor afirma que: “a literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África e de sua experiência no Brasil” (Cutí, 2010, p. 44). Diante disso, é possível considerar que a literatura afro-brasileira consiste em um conjunto de obras que falam sobre e para o ser negro, ao exaltar obras de matrizes africanas e textos literários com narrativas reais, construindo um papel importante dentro da sociedade brasileira.

Portanto, mesmo que existam suas distinções defendidas por Cuti, a literatura afro-brasileira ou negro-brasileira consiste nos mesmos objetivos e, em concordância com a literatura cabo-verdiana, juntas, constroem através da escrita uma forma de oportunizar as histórias silenciadas e apagadas. Em meio a esse emaranhado de palavras que se constroem testemunhos de pessoas que, por muito tempo, não tiveram suas vozes ouvidas. A escrita torna-se então um mecanismo de defesa contra a invisibilidade e apagamento de pessoas, a resistência de uma nação que preza por não ter o mesmo destino que tiveram os seus ancestrais.

4.2 “O lugar de sempre: a minha alma.”

Conceição Evaristo e Dina Salústio, duas mulheres negras, escritoras, com propósitos semelhantes: escrever para fazer ecoar o grito de socorro das pessoas que não são ouvidas. No Brasil, Evaristo escreve sobre meninas periféricas que “experimentam balas nada adocicadas e que lhe solvem a vida”. Salústio em Cabo Verde escreve sobre meninas que são forçadas a se tornarem mulheres. Por outro lado, Evaristo constrói histórias que narram de forma dolorida a violência sofrida por meninas dentro de casa: ambas escrevem sobre as mães, meninas e mulheres, denunciando de forma visceral a violência física, sexual e psicológica causadas por figuras masculinas.

Durante alguns anos vivi com minha mãe e meus irmãos em Poço Verde, cidade do interior de Sergipe, lugar que construiu minha subjetividade e deixou marcas profundas para que eu pudesse analisar os contos propostos nesta dissertação de forma cautelosa, rememorando momentos vivenciados por mim ou por quem eu percebia ao meu redor.

Até aqui, analisei contos que se entrelaçam entre si e que são análogos a relatos de mulheres reais. Ressaltei que a escolha dos contos foi feita através da leitura atenta e devido à semelhança entre eles. Porém, ao me propor estudar e pesquisar sobre esses contos, percebo o que me motivou a escolhê-los: foram as dores da minha trajetória de vida. Como disse anteriormente, sou filha de uma mãe solo. Assim como Maria, protagonista de Evaristo, meus irmãos e eu éramos as

crianças que esperavam sozinhas em casa pela mãe, que trabalhava até tarde e às vezes voltava com as comidas que sobravam da ceia dos patrões.

Quando criança, aos oito anos de idade sofri assédio sexual duas vezes, para a minha tristeza lembro exatamente dos rostos daqueles homens. A primeira vez estava colhendo tomatinhos na frente da casa com minha prima, quando um velho mostrou o seu órgão genital. Na segunda estava com uma amiga indo comprar doces, quando um jovem vinha em nossa direção com gestos obscenos. Felizmente conseguimos correr e não tivemos o mesmo fim que as protagonistas dos contos de Evaristo em Shirley Paixão e Natalina ou mesmo Paula do conto escrito por Salústio, mas aquelas cenas ficaram para sempre em minha memória, talvez porque não conseguimos nos curar dos traumas, mas aprendermos a verbalizá-los, para que essa escuta, mesmo que pela escrita, possa nos ensinar a lidar com eles.

Por anos não consegui falar sobre isso, ler textos ou notícias relacionadas a casos que envolvessem violência sexual, por isso entendi quando Salústio escreveu que há um texto que ela não consegue escrever, pois eu também não conseguia. Hoje compreendo a partir de Evaristo que escrever é uma forma de sangrar, e sangrar de certa maneira é também limpar as impurezas da nossa mente. Registro durante essa pesquisa as minhas dores e memórias com a tentativa de denunciar aquilo que eu jamais consegui, não somente justificar de forma mais concisa a escolha dos contos, mas também me libertar de algo que me assombrou durante anos.

A protagonista de Salústio, que sentia o pus e o sangue pisado, eu ouvi e vi muitas vezes, não era a minha mãe, mas a vizinha, diversas vezes ouvi os gritos e as pancadas daquela mulher. Incontáveis foram os momentos em que ligamos para a polícia e ela cabisbaixa aparecia na porta negando tudo, eu vi a mulher que sempre esperava que o marido voltasse para casa e mudasse. No conto ela tornou-se assassina, felizmente a mulher real que vi por anos ser violentada se libertou. No entanto, violências domésticas e feminicídios em Poço Verde, Sergipe, sempre foi um problema alarmante e que em sua maioria os agressores ficavam impunes e as vítimas esquecidas, casos como estes acontecem no interior e na maior parte das vezes as autoridades não são acionadas, assim, fica apenas a imagem de uma cidade pacata e tranquila de viver, mas só quem vive lá é quem consegue ver a realidade.

Dina Salústio, através da sua literatura, ressalta vozes de meninas e mulheres cabo-verdianas. Ao escrever sobre problemas como esses, ela resiste contra o apagamento literário em que seu corpo negro é colocado. A publicação do livro e sua circulação dentro das bibliotecas e as pesquisas sobre sua obra fazem o leitor rememorar histórias, mas também contribui para que ela resista à exclusão imposta pelo colonialismo. Em outro continente, Conceição Evaristo deixa audível o grito das crianças que vivem nas periferias, que são violentadas, e das milhares de mães solo que trabalham e sustentam seus lares. Ela retrata o Brasil como ele é desde a invasão portuguesa até os dias atuais. O explorador deixou vestígios que reverberam por toda a sociedade, a objetificação de corpos negros e seu direcionamento às margens da cidade é uma construção colonial e que precisa ser desestruturado através das instituições e das políticas públicas.

Quando as escritoras publicam e alcançam pesquisas acadêmicas, elas estão desestruturando um sistema literário criado apenas com a visão eurocêntrica, suas obras nos fazem refletir sobre problemas que muitas vezes não são noticiados, problemáticas que são invisibilizadas na sociedade, mas que existem na vida de muitas meninas e mulheres.

De acordo com Franciane Conceição Silva (2018), Dina Salústio é uma das escritoras mais importantes da Literatura Cabo-verdiana, com um grande número de publicações literárias que transitam em vários gêneros. Salústio publica textos com temáticas que incluem as inúmeras formas de violências contra as mulheres.

Segundo a entrevista concedida para a pesquisadora Silva (2018), em que ela questiona sobre o processo de escrita de Dina Salústio, a escritora afirma escrever sem intenção de alcançar lugares acadêmicos, mas com um profundo sentimento sendo transpassado para o papel. Ainda afirma que denuncia problemas aos quais ela se insere e se percebe como responsável por ajudar/denunciar os problemas em que o seu grupo de pessoas são vítimas.

Quando escrevo tenho a preocupação de denunciar qualquer coisa, denunciar felicidade, denunciar alegria, denunciar o sol, é uma denúncia com prazer, é como convocar as pessoas para esses prazeres. Por outro lado, eu faço uma denuncia, já no sentido próprio da denúncia dos aspectos que me incomodam. Que me incomodam porque pertenço a um grupo, eu não sou sozinha. Pertenço a um grupo, pertenço a uma sociedade, pertenço ao mundo. Ao mundo muito menos, mas a um grupo e a uma sociedade eu

pertenço de certeza. Eu tenho responsabilidades, eu acho que não é ser vaidosa, é dizer: eu tenho responsabilidades. A gente quando nasce, nasce com responsabilidades. Porque tu nasceste em um grupo, tem responsabilidades para com este grupo. (Salústio em entrevista a Silva, 2018, p. 215)

O grupo ao qual Salústio diz estar inserida é o grupo de mulheres negras. Mais adiante, ela ressalta que utiliza a literatura como ferramenta para denunciar as dores desse grupo, uma vez que, em uma visão panorâmica ao seu redor, ela percebe que as mulheres são diariamente atingidas pela dor. Assim, ela afirma: “No meu grupo, são as mulheres que estão a trabalhar. São elas que de sol a sol trabalham, alimentam os filhos, são abandonadas, são esquecidas” (Salústio, 2018, p. 216). Neste sentido, é possível atribuir a sua fala ao conceito de dororidade, que já foi aqui citado anteriormente.

Segundo Piedade (2017), quando mulheres negras se conectam, elas são atravessadas pelas dores que são causadas em decorrência do processo colonial e do racismo que perdura até os dias atuais. Conforme a autora, o conceito descreve não só essa dor, mas as sombras e o silêncio que cobre a voz das mulheres negras. Quando Dina Salústio propõe se responsabilizar pelo grupo ao qual ela diz estar inserida, está praticando a dororidade. Além de perceber-se dentro desse espaço, ela é levada a considerar mulheres que são silenciadas, e com a literatura ela denuncia e visibiliza problemas vivenciados por elas.

Ainda conforme a entrevista concedida a Silva (2018), a escritora relata que sua literatura é carregada e composta pelo cotidiano e tudo que ela observa ao seu redor. As tristezas e dores, principalmente, ao caminhar pelas ruas, observa as crianças de rua e os bêbados, e reflete sobre as condições de vida desses povos. Além disso, ela ressalta também que não somente dores compõem a sua escrita, mas o todo que a constrói e que reverbera em histórias. Dina Salústio então ressalta: “tem que estar com olhos atentos. Porque a vida entra-nos é pelos olhos. Não é pela pele, não é pelos ouvidos, é pelos olhos” (2018, p. 217).

De outro modo, Evaristo se assemelha a essa perspectiva com uma experiência visual, quando ela responde à questão da entrevistadora sobre a criação do termo *escrevivência*:

Para responder à indagação da entrevistadora, Evaristo (2017) explica: Quando falei da escrevivência, em momento algum estava pensando em criar um conceito. Eu venho trabalhando com esse termo desde 1995 – na minha dissertação de mestrado, várias vezes fiz um jogo com o vocabulário e as ideias de escrever, viver, se ver. (Fonseca, 2020, p. 59)

Salústio diz que escreve também com o intuito de fazer com que as mulheres cabo-verdianas pensem e sintam-se livres, principalmente as mulheres que são violentadas, sua visão sobre a violência doméstica reflete ao pensamento de que as mulheres têm consciência de que são violentadas, mas que algumas vezes são atraídas pelo comodismo. Por isso, ela se propõe a escrever com a intenção de levar as mulheres para outros lugares, ou seja, para o caminho da consciência, assim ela afirma que: “tenho que levar as mulheres a pensar, a pensar que são livres, a pensar que podem passar mal, que podem passar mal com um bandido qualquer” (Salústio, 2018, p. 221-222)

Por outro lado, tem-se Conceição Evaristo, escritora da Literatura Afro-brasileira que aos poucos é reconhecida e se destaca nacionalmente e internacionalmente no campo das letras. De forma um pouco tardia, Evaristo costuma dizer que “está lacrando depois dos 70”, por isso aconselha que não existe idade para começar algum projeto, no entanto, depois de tudo que falei até aqui, sabemos que o racismo é um dos grandes fatores para que Evaristo não comece a “lacrar” como ela mesmo disse, muito antes.

O conceito de escrevivência criado pela escritora é o que motiva também essa dissertação, uma vez que as obras aqui analisadas foram histórias que contam a vivência de pessoas fictícias, mas que se conectam com a realidade. Tanto nos contos de Conceição Evaristo, como nos de Dina Salústio, portanto, faz-se necessário explicar a partir da própria escritora, de onde surge esse conceito.

Conforme Evaristo (2020), o termo Escrevivência se origina a partir da história da Mãe Preta que vivia dentro da casa-grande. O termo Mãe Preta se estabelece através do momento em que a mulher negra escravizada é direcionada a cuidar das crianças da família colonizadora. Além disso, o corpo negro objetificado e obrigado a cuidar, ensinar e alimentar as crianças, eram obrigadas também a "contar histórias para adormecer os da casa-grande" (Evaristo, 2020, p. 30)

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. (Evaristo, 2020, p. 30)

Neste sentido, Evaristo nos faz refletir que as escritas dos povos negros são a potencialidade herdada de uma ancestralidade que, através da oralidade, cultuava histórias e saberes. A nossa escrita negra hoje é fruto dessa herança ancestral à qual foi censurada e demarcada apenas para a casa-grande. Por isso, ela aponta que nossa literatura deve incomodar, porque já não é mais "para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos" (Evaristo, 2020, p. 30).

Embora sejam escritoras de continentes diferentes, Dina Salústio e Conceição Evaristo contam histórias que se entrelaçam. De um lado, tem-se uma mulher negra cabo-verdiana que propõe se responsabilizar pelo seu grupo, ou seja, por mulheres negras, e a partir da sua literatura denunciar problemas que percebe ao seu redor. Do outro, tem-se uma mulher negra brasileira que propõe uma literatura de escrevivência, que narra e conta a vida de mulheres, homens, crianças periféricas ou não, mas com o objetivo de denunciar uma narrativa brasileira injusta e repleta de problemas. Essas escritoras são conectadas por motivos que se interseccionam: as dores do mundo que passam pelos seus olhos e se transformam em literatura e pela condição de mulher negra dentro de um mundo que tem o racismo enraizado de forma estrutural.

Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana. (Evaristo, 2020, p. 30)

Em 2020, na entrevista para os professores Carlos Alexandre e Jorge Henrique no canal do YouTube, "Academia Gloriense de Letras", na live "De conto em conto", o professor Henrique (2020) questiona sobre a perspectiva de Dina Salústio em relação à sua busca em aproximar o leitor com as suas narrativas. Diante disso, ele questiona se ela acredita que a literatura pode ser uma ferramenta de mudança social. Para

Salústio (2020), todas as escritas têm, de certa forma, um impacto na sociedade, mas isso não quer dizer que necessariamente apenas um escritor influencia diretamente um leitor.

Ela reflete que o poder da escrita é percebido a partir dos pensamentos e sentimentos, uma vez que, quando o leitor entra em contato com o texto, ele tem seus próprios sentimentos, assim é possível que a partir do que se ler o leitor forme suas opiniões sobre determinados assuntos. Ela afirma então que o texto pode provocar o desejo de analisar os nossos próprios sentimentos. Não necessariamente quer dizer que o leitor vai ser influenciado pelas suas palavras, mas repensar as suas ideias, pensamentos e desejos de forma mais crítica.

Dina Salústio (2020) afirma que se preocupa em “envolver o leitor” e por isso suas escritas carregam várias interrogações. Segundo ela, suas histórias não são imaginadas ou retiradas do nada, mas entrelaçadas com a realidade, pessoas comentem atos violentos, e ela descreve em histórias. Conforme Salústio (2020), quando começa a escrever na década de 80, ela estava pensando no “processo de denunciar as anomalias” de uma sociedade que estava fervendo de indignação em relação às injustiças causadas contra as mulheres.

Conceição Evaristo em sua posse para tornar-se imortal na Academia Brasileira de Cultura (ABC) discursa com parte de um dos contos do seu livro *olhos d'água*: “a gente combinamos de não morrer” quando o personagem fala assim ele fere a gramática mandatária e então resiste e “combina de não morrer”. Neste momento, Evaristo evoca a importância da fala e de resistir à língua do colonizador, falar para despedaçar a máscara do silêncio é uma forma de resistência.

4.3 Literatura e memória

Entendo que, ao estudar sobre literatura e história, abre-se um espaço para refletir também sobre a memória. Como inseri ao longo desta dissertação minha trajetória, torna-se pertinente finalizar com uma breve reflexão acerca do conceito dessa faculdade de pensar-rememorar dentro da minha existência, uma vez que se torna necessário para costurar todas as problemáticas que analisei e desenvolvi até aqui. Ao ser iniciada no mundo literário através das histórias lidas por minha mãe, que

tinha como protagonismo sujeitos negros escravizados no período colonial e na contemporaneidade, elas de alguma forma me fizeram ser quem eu sou, ou seja, uma pesquisadora que observa o mundo à sua volta e sente por todos àqueles que passaram pelo plano terrestre algum dia.

Considero a memória como um acervo pessoal humano onde guardamos tudo que já vivemos, sejam eles momentos bons ou ruins. Entretanto, torna-se também um lugar em que guardamos histórias de pessoas que já passaram por nós e que já não fazem mais parte do mesmo plano terrestre em que vivemos. Pensar a escrita a partir das memórias as quais vivenciei é também uma forma de me conectar com meus ancestrais, que em algum momento cultivaram a oralidade como forma de manter viva as histórias, culturas e saberes, e que de alguma maneira sopram aos meus ouvidos sempre que estou escrevendo.

De acordo com Hampatê Bâ (2010, p. 169), a tradição oral africana “é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos”. Com ela, o plano espiritual e material não se dissociam, pelo contrário, alcançam lugares, tempo e espaço em que condizem com a existência, a tradição oral é “um revelar-se de acordo com as aptidões humanas” (Hampatê Bâ, 2010, p. 169).

Cida Bento, em *O pacto da branquitude* (2022), elabora esse conceito que intitula a obra para descrever como grupos de pessoas brancas mantêm imune seus lugares dentro dos maiores patamares sociais. Ela destaca que se trata de uma união que não se verbaliza, mas que se constrói em um lugar de autopreservação dos seus privilégios. Conforme a autora, esse pacto se constrói e se mantém com a ideia de meritocracia em diversas estruturas e áreas sociais, mantendo apenas pessoas brancas em lugares de poder nas institucionais.

Nesta obra, ela ressalta que as narrativas do povo quilombola, revoltas e levantes contra a abolição foram omitidos da historiografia brasileira, excluindo “o protagonismo da população negra na história nacional” (Bento, 2022, p. 39). A autora destaca que compreender esse apagamento da história reluz a intenção de refletirmos sobre os conceitos de memória e amnésia coletiva, uma vez que as sociedades buscam lembrar apenas aquilo que querem, por isso é necessário acentuar a “memória coletiva” como um bem natural que implica no meio social, porque é dessa faculdade de pensar/rememorar que é possível reconstruir novas versões da historiografia nacional.

É com a noção de “território da memória” que Bento (2022) descreve essa

capacidade humana de recordar e guardar momentos do passado. A autora nos leva a refletir sobre os lugares e como eles se perpetuam quando são narrados apenas por um povo que conta uma única história. Pensar a capacidade de memorizar como um lugar/território nos faz ponderar que a “memória” pode ser construída socialmente, e como um espaço, ela pode ser moldada por quem quiser.

Bento (2022) permite-nos pensar a memória coletiva como algo que é inerente à mudança e composição da sociedade, ou seja, quando ela afirma que memória é também o que constrói simbolicamente a sociedade, conseqüentemente a história e o passado. Sendo assim, ela nos permite chegar à questão: a memória coletiva de qual comunidade proporciona essa história? Com certeza podemos afirmar que são as narrativas contadas pelas classes dominantes que foram historicamente criadas.

De fato, trabalhar o território da memória é reafirmar que não se trata apenas de recordação ou interpretação. Memória é também construção simbólica, por um coletivo que revela e atribui valores à experiência passada e reforça os vínculos da comunidade. E memória pode ser também a revisão da narrativa sobre o passado “vitorioso” de um povo, revelando atos anti-humanitários que cometeram - os quais muitas vezes as elites querem apagar ou esquecer. (Bento, 2022, p. 39)

Maria Nazareth Soares Fonseca (2021) afirma que algumas obras de Conceição Evaristo têm como objetivo vasculhar os vestígios das memórias e histórias que percorrem entre as heranças deixadas pelos povos escravizados trazidos de África no período colonial, sendo assim, é possível afirmar que sua escrita se conecta fielmente e retoma os saberes dos ancestrais.

Assim como Dina Salústio, segundo a pesquisadora Cristina Maria da Silva, “recupera seus lugares de memória e traz de suas experiências pessoais matéria-prima para suas experiências ficcionais” (2021, p. 201). Ou seja, recuperando em sua memória episódios de sofrimentos vivenciados por mulheres cabo-verdianas e transformando em escrita literária, através da literatura, é possível trazer a mulher que está às margens para ser vista e ouvida no centro, tornando-a protagonista da sua própria história.

Walter Benjamin, em suas teses “Sobre o conceito da história”, escrita em 1940, elabora um texto alusivo e histórico com o intuito de refletir sobre o passado e como a história é contada a partir da visão dos “vencedores”, ou seja, a partir daqueles que exploraram e dominaram durante séculos. Conforme Benjamin (1987), é necessário desvendar os interesses próprios criados por esses vencedores para intensificar cada

vez mais a importância de recuperar narrativas esquecidas para contar novas histórias, uma vez que, ao pensarmos na construção do passado, tem-se as memórias, elas surgem a partir dos pensamentos individuais ou coletivos de um certo grupo, provavelmente aqueles que fazem parte das grandes estruturas de poder. Logo, é possível afirmar que a história é uma construção social. Além disso, ela é também constituída a partir de interesses restritos a apenas uma parte da sociedade. Sendo assim, conseqüentemente, narrativas são excluídas, esquecidas e não contadas, principalmente episódios que marcam historicamente grandes destruições ou massacres de povos e nações, exatamente para que momentos como esses não sejam repetidos.

De acordo com Benjamin (1987), é preciso repensar o historicismo e, portanto, desconstruir o discurso de uma “história universal”, que é tida como muitas vezes a única verdadeira e possível, manifesta que a construção histórica de um passado não deve ser considerada como puramente verdadeira, uma vez que ela não se tece sozinha, mas a partir de fragmentos lapidados por diversas mãos, o que implica em uma narrativa a partir de um passado 'tal como ele propriamente foi'. Assim, Benjamin diz que: “o passado traz consigo um índice misterioso, que o impede à redenção” (Benjamin, 1987, p. 223).

Jeanne Marie Gagnebin, em "Lembrar Escrever Esquecer" (2006), reflete sobre temas como: pensar o passado como algo que não deve ser esquecido, principalmente quando se trata de um passado violento. Neste caso, ela faz referência às atrocidades cometidas em Auschwitz. Perpassando por conceitos como rememoração, rastros, traumas e cicatrizes, estes podem ser pensados também a partir de uma ótica que leva a refletir sobre a construção histórica acerca do continente africano.

A autora destaca que é a partir de um emaranhado de lembranças e rastros deixados por sociedades que não existem mais, se tecem as narrativas do passado. Nesse ponto de vista, ao pensar a história do continente africano é possível destacar semelhanças, pois, assim como a aranha tece, ela é também frágil quando está diante de um humano, ele destrói a teia tal qual as sociedades dominantes destruíram por longos anos as fontes de conhecimento e os patrimônios das sociedades africanas.

Segundo Gagnebin (2006), a história pode ser vista como algo que constrói tudo que é possível compreender dentro de uma sociedade, é o elemento que compõe

o momento em que vivemos o agora. Portanto, é preciso a construção de uma nova história para substituir aquela que foi contada como referência. Reconstruir a partir dos "rastros deixados" é uma forma de elaborar o passado e construir novas narrativas.

Vivenciar traumas é construir formas de dizer o indizível e testemunha é aquele que fica e escuta. Durante esse trabalho, descrevi traumas de histórias que tornam o leitor testemunha das narrativas incômodas que constroem as obras literárias, mas também o mundo real. Nesse sentido, como refletiu Gagnebin: "testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro" (Gagnebin, 2006, p. 57). Por isso, o leitor que esteve até aqui se torna também testemunha da história de Maria, Seni e Shirley, Paula, Zaíta, Natalina, também de parte da minha história e de todas as outras que foram citadas ao longo dessa dissertação.

Considero que testemunhar é estar presente no determinado momento em que visualiza ou escuta um fato; é carregar consigo rastros e vestígios deixados a partir da interação com esses acontecimentos. Enquanto pesquisadora, sou testemunha dessas histórias porque me debrucei a estudá-las, mas enquanto mulher negra brasileira que vem das margens, sou testemunha de diversos episódios de racismo que vivenciei, das violências que presenciei e de tudo que observei acontecer ao meu redor.

ENCAMINHAMENTOS FINAIS

As escritoras, ao estruturarem seus contos com uma perspectiva entre ficção e realidade, estão construindo a possibilidade de fazerem seus textos ecoarem as vozes e narrativas historicamente marginalizadas. Seus contos tornam visíveis as histórias que são mascaradas e esquecidas pela sociedade que domina as estruturas sociais. Sobretudo, estão trazendo, através da literatura, as vivências e os problemas da periferia para o centro da cidade. Não somente estão fazendo audíveis as vozes desses povos que são marginalizados, mas também construindo um mecanismo de resistência ao apagamento literário e social em que estão imersas.

A manifestação através da literatura requer coragem, uma vez que consiste em destruir a “máscara do silêncio” imposta pelo explorador. A escrita é uma forma de livrar-se das amarras criadas no processo histórico colonial. Por isso, através dos seus textos, essas mulheres constroem uma força motriz de resistência ao plano de exclusão e apagamento deixados pelo período colonial.

A partir das suas escritas, elas possibilitam visibilizar e denunciar problemas sociais e construir uma forma de falar o que antes foi experimentado por elas ou não. É através da literatura que se consegue atingir aqueles que não estiveram presentes nas narrativas que foram construídas em um momento vivenciado. Seus textos são construídos a partir daquilo que vive nas suas memórias, tanto individuais como coletivas, uma vez que elas problematizam a maternidade, a condição da mulher na sociedade e cenários de violências urbanas e domésticas.

Na medida em que essas escritas de mulheres, histórias e enredos são contados publicamente, quiçá lidos por uma parte da população, rompe-se com o apagamento literário em que o racismo institucional nos coloca enquanto mulheres negras, que existem e resistem em uma sociedade estruturada em ideias historicamente construídas. Portanto, a partir da escrita de Conceição Evaristo, que faz parte da literatura afro-brasileira, problematizo o lugar ao qual é direcionado às pessoas negras. Concomitantemente, através da literatura comparada, estabelecem-se as diferenças e suas inúmeras semelhanças com a escrita de Dina Salústio, enquanto mulher negra que faz parte da literatura cabo-verdiana.

Ao inserir obras literárias negligenciadas, percebo a importância do estudo a partir desses textos que são apagados do âmbito literário e social como forma de conectar os estudos sobre as literaturas africanas e afro-brasileiras no tocante às contribuições de Evaristo e Salústio. A partir de intérpretes das suas obras, problematizo as repercussões e a relevância das suas escritas dentro da sociedade.

De acordo com Philip Dearmond Curtin (2010), o racismo pseudocientífico ocidental criado no século XIX se estabelece com construções sociais que consideram o físico, mas primordialmente a cor da pele. Nesse sentido, os africanos durante o período colonial são situados na base da pirâmide em que os racistas se caracterizam como os donos da civilização. Curtin (2010, p. 41) afirma então que, para os racistas, “os africanos não poderiam ser os autores de uma ‘civilização’ digna desse nome e por isso não havia entre eles nada de admirável que não houvesse sido copiado de outros povos”. Dessa forma, são com essas construções ditas como intelectuais que tornam os africanos e, conseqüentemente, as pessoas negras da diáspora como objetos da história, facilmente sendo direcionadas a lugares que os autores de um dito plano civilizatório achavam melhor, ou seja, os lugares insalubres e marginalizados.

A pesquisa torna-se um importante mecanismo para desconstruir estereótipos sobre as obras de pessoas negras e permite desmontar as estratégias coloniais de silenciamento que desqualificam o conhecimento produzido pelos povos negros, sendo relevante para o combate ao apagamento literário e social que as escritoras estudadas e a grande maioria dos escritores e escritoras negros e negras sofrem.

Quando Dina Salústio (2018) ressalta que a vida nos entra pelos olhos, e por isso, precisamos estar sempre atentos ao nosso redor, percebo a semelhança entre ela e Conceição Evaristo. Quando cria o conceito de *escrevivência*, ela afirma que estava pensando em escrever as ideias que se veem, vivem-se. Ou seja, assim como Salústio, a escrita de Evaristo também surge a partir do que ela recebe pelos olhos. Neste mesmo contexto, me insiro enquanto pesquisadora e reafirmo que também escrevo a partir do que recebo pelos olhos. Sempre que observo o mundo ao meu redor, evoco minhas memórias e tomo as histórias que percebo à minha volta.

Além disso, evoco as minhas subjetividades e, parafraseio Kilomba (2019), afirmando que minha escrita vem do interior, das margens, dos conjuntos

habitacionais em que cresci e não do centro. Portanto, a minha escrita não evoca uma centralidade ou um estilo erudito, porque não é de lá que vem meu conhecimento. Nesse sentido, suas obras contribuem para protagonizar narrativas plurais de escritoras negras, tornando visível os sujeitos que são constantemente realocados do centro às margens da cidade. Refletir sobre os tipos sólidos dos estereótipos, como eles foram originados e porque se perpetuam até os dias atuais, nos leva a compreender por que fazem parte da história e consistem em criar fontes às quais direciona o negro a um lugar sem racionalidade.

Diante das infâncias perdidas evocadas nos textos dessas duas mulheres e das suas subjetividades sendo postas por meio da literatura, Dina Salústio e Conceição Evaristo deixam audível suas revoltas, inquietações e denúncias de um sistema patriarcal opressor que insiste em objetivar o corpo feminino como uma propriedade masculina. As vozes que ecoam em suas escritas trazem dores, reflexões que nos levam a pensar sobre nossas vidas, mas também a dos outros, ou melhor, fazem com que exercitemos mais a dororidade, evocando o sentimento de solidariedade “com os desfavorecidos, porque são nossos. Porque somos nós” (Salústio, 2018, p. 112).

As duas escritoras propõem escrevivências que são evocadas por meio de suas memórias, andanças e contato com outras pessoas. Por isso, ligam-se totalmente à ancestralidade, uma vez que ambas são mulheres que possuem sabedorias ancestrais e africanas. Seus textos se conectam mesmo que sejam escritos em contextos e continentes diferentes, todos carregam os mesmos propósitos: evocar vivências de mulheres, denunciar problemas sociais às quais são vítimas e elaborar, por meio de um passado doloroso, a cura no presente.

A escrita como forma de livrar-se é também um processo de cura para que as mulheres-meninas leiam e sintam-se de alguma forma instigadas a resistir, enfrentar seus medos, libertar-se das violências sofridas e se inserir na sociedade enquanto sujeito que fala, critica, não sendo apenas corpos invadidos e propriedades de um sistema racista de figuras masculinas.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de Uma História Única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade** - São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALEXANDRE, Carlos; HENRIQUE, Jorge; **Entrevista com Dina Salústio – De conto em conto #24**. (2020) Canal: Academia Gloriense de Letras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xPSQ9d8xVMo> acessado em 05 de novembro de 2023
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BANDEIRA, Pedro. **O nome da gente** in *Cavalgando o Arco-íris*. Moderna, 1995.
- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, s/d, p.7-47. (1977).
- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Vol. 1. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BERND, Zilá. Em busca dos rastros perdidos da memória ancestral: um estudo de Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 40, p. 29–42, jul. 2012.
- BERND, Zilá. **Introdução à Literatura Negra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- BHABHA, Homi Kharshedji. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BOSI, Alfredo. **A escrita e os excluídos**. In: *Literatura e Resistência*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p. 257 - 269.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016 /Ministério da Saúde**.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos**. Editora Itataia: Belo Horizonte, 2000.
- CARNEIRO, Sueli. **Epistemicídio** in: *Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023, p. 87 - 113

CARNEIRO, Sueli. **Estrelas com luz própria**. In: Revista História Viva. Edição Especial Temática nº3. Temas Brasileiros. ISSN 1808-6446. São Paulo: Duetto Editorial, 2006, p. 48-49

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução: Noêmia de Sousa. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978, p. 6 – 69.

CHIZIANE, Paulina. [Testemunho] Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo. **Abril – NEPA / UFF**, v. 5, n. 10, p. 199-205, 30 abr. 2013.

CHIZIANE, Paulina. **Entrevista em Maputo**, 10 de abril, 2002. Acessado em 20 de maio de 2023, disponível em: <https://www.geledes.org.br/paulina-chiziane-por-uma-nova-visao-mundo/>

CURTIN, Philip D. **Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e contribuição à história em geral**. In: KI ZERBO, J. História Geral da África - Metodologia e Pré-História da África. São Paulo: Ática, Paris. UNESCO, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. “Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. n. 31. Brasília: UNB, janeiro/junho 2008. p. 87-110.

DE CARVALHO DUARTE, Leonardo; GODOY, Ana Cristina Silva. **LUTANDO COM DANDARA: TEMATIZANDO LUTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. In: XXII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IX Congresso Internacional de Ciências do Esporte. 2021

DOMINGUES, Petrônio. **Ações afirmativas para negros no Brasil**: o início de uma reparação histórica. Revista Brasileira de Educação, n. 29, p. 164–176, maio de 2005.

DOMINGUES, Petrônio. **O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930)**. Revista Diálogos Latino-americanos. v. 10. 2005.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Maria Firmina dos Reis e os Primórdios da Ficção Afro-brasileira**. LITERAFRO - www.letras.ufmg.br/literafro, [s.d] disponível em: *MariaFirminaArtigoEduardo.pdf (ufmg.br) acessado dia 22 de outubro de 2023.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. **Scripta**, v. 13, n. 25, p. 63-78, 17 dez. 2009.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Rio de Janeiro: Terceira Margem, 2010, p. 113-138

DUDA, Rayane Lima. **Violência sexual e debate de gênero: avaliação em profundidade da rede de enfrentamento à violência contra a mulher no município de Fortaleza/CE**. 2023. 120 f. Dissertação (Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivências e seus subtextos**. In: *Escrevivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

ÉVORA, Telma Melissa. **Violência sexual contra menores - a visão da polícia nacional de Cabo Verde**. 2023. Dissertação de mestrado.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Lisboa: Editora Ulisseia Ltda, 1965.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Fátima. **Literatura Cabo-verdiana: trajetórias em defesa da cultura e da identidade**. In: *Literatura e cultura de Cabo Verde navegando pelas ilhas e pelo mundo/ org.: Agnaldo Rodrigues da Silva, Geni Mendes de Brito e Simone Caputo Gomes – 1ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2021*

FERREIRA, Bia. **Deixa que eu conto**. Acessado em 31 de março de 2023. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=fvwzxCj3fM0&t=154s&ab_channel=BiaFerreira

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Escrevivência: sentidos em construção**. In: *Escrevivência: a escrita de nós Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. 3. Verdade e memória do passado; 4. Memória, história, testemunho; 7. O que significa elaborar o passado? 8. O Rastro e a Cicatriz: metáforas da memória. In: **Lembrar Escrever Esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GOMES, Simone Caputo. "Mulher com paisagem ao fundo". In: **África e Brasil: Letras em Laços**. SEPÚLVEDA, Maria do Carmo e SALGADO, Maria Teresa (org.). São Paulo: Atlântica, 2000

GOMES, Simone Caputo. **Cabo Verde: literatura em chão de cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial / Instituto da Biblioteca Nacional e do livro de Cabo Verde, 2008.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. **A democracia racial revisitada**. Afro-Ásia, Salvador, n. 60, 2020. DOI: 10.9771/aa.v0i60.36247 Acessado em: 11 out. 2023, disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/36247>

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro -11. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz. T. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2008. cap.3, p.103-133.

HALL, Stuart; SOVIK, Liv; UNESCO. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Brasília, DF: Unesco, 2003. 434p. ISBN 85 704 1356 4.

HAMPATÊ BÂ, Amadou. **A tradição Viva**. In: KI ZERBO, J. História Geral da África - Metodologia e Pré-História da África. São Paulo: Ática, Paris. UNESCO, 2010.

HEGEL, GEORG WILHELM FRIEDRICH. **Lectures on the philosophy of history**. London: Henry G. Bohn, 1857.

HENRIQUES, Isabel Castro. **Colônia, colonização, colonial, colonialismo**. In: Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa / org., Livio Sansone e Cláudio Alves Furtado ; prefácio, Lilia Moritz Schwarcz ; apresentação [feita pelos organizadores], com a colaboração de Teresa Cruz e Silva.- Salvador: EDUFBA, 2014.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução Bhuvli Libânio – 6ª edição – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS, Bell. **TEORIA FEMINISTA: da margem ao centro**. [s.l.]. [s.n.]. [s.d.]. Arquivo digital: TEORIA FEMINISTA: da margem ao centro. bell hooks. Acessado em 15 de agosto de 2023. Disponível em: <https://zlib.pub/book/teoria-feminista-da-margem-ao-centro-635f4tbp21b0>

HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. elaborado no Instituto Antônio H. de Lexicografia de Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 3ª ed. rev. E aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IANNI, Octavio. **Sociedade e Literatura no Brasil** / organizadores José Antonio Segatto, Ude Baldan. - São Paulo: Editora UNESP, 1999. - (Prismas)

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, June 2012. Available from. access on 16 May 2021.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo** - Diário de uma favelada. Editora Ática S.A: São Paulo, 1995.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**. Episódios de racismo cotidiano. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.

KI-ZERBO. **História geral da África, I: Metodologias e pré-história da África** – 2 ed. Brasília: UNESCO, 2010.

LIMA, Taiane Alves de. **“Mãe solo é mãe sozinha”**: tecendo vivências de mães

negras em Fortaleza-CE e região metropolitana. Orientadora: Vera Regina Rodrigues da Silva. 2021. 94 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia das Universidade Federal do Ceará e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Fortaleza, 2021.

LOPES, João Simões, neto. **Contos gauchescos e lendas do sul.** – Apresentação: Roberto Pontes. Fortaleza: Diário do Nordeste, 2001.

MATA, Inocência. entrevista da Profa. Inocência Mata. **Inocência Mata: a essência dos caminhos que se entrecruzam** publicado na Revista Crioula 2009

Meneghel, Stela Nazareth e Portella, Ana Paula **Feminicídios: conceitos, tipos e cenários.** Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2017, v. 22, n. 9 [Acessado 21 Novembro 2023] , pp. 3077-3086. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.11412017>>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.11412017>.

MEYER, Augusto. **Guia do folclore gaúcho.** 2. ed. Rio de Janeiro: Presença: Instituto Nacional do Livro; Porto Alegre: IEL, 1975

MUNANGA, Kabengele. **Negritude usos e sentidos.** 3. ed. – 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. – (Coleção Cultura Negra e Identidades)

NJERI, Aza; RIBEIRO, Katiúscia. **Mulherismo Africana: práticas na diáspora brasileira.** Currículo sem fronteiras, v. 19, n. 2, p. 595-608, 2019.
PIEIDADE, Vilma. **Dororidade.** São Paulo: Editora Noz, 2017.

PISA, Licia Frezza; SOUZA, Ronivaldo Moreira de. **QUEM matou Fabiane? O ideológico que surge na internet refratado nos atos cotidianos.** DESAFIOS - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 76–85, 2017. DOI: 10.20873/uft.2359-3652.2017v4n1p76. Acessado em 12 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/3079>

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula.** Jandira, SP: Principis, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Russel Diana, Caputti Jane. **Femicide: the politics of women killing** New York: Twayne Publisher; 1992

SABINO, Fernando. **A companheira de viagem.** Rio de Janeiro: Record, 1986.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo.** Tradução: Denise Bottman. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SALÚSTIO, Dina. Entrevista. In: SILVA, Franciane Conceição da. **Corpos dilacerados: a violência em contos de escritoras africanas e afro-brasileiras.**

Tese (Doutorado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018c.

SALÚSTIO, Dina. **Filhos de Deus** – contos e monólogos. Biblioteca Nacional de Cabo Verde, 2018.

SALÚSTIO, Dina. **Mornas eram as noites**. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional, 2002.

SANTOS, Neusa. **Tornar-se Negro: Ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SILVA, Ariana Sofia Barradas da et al. Percepções dos profissionais da atenção primária à saúde sobre a violência contra mulher. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 56, p. e20210097, 2022.

SILVA, Cristina Maria da. **Vozes Femininas na Literatura Cabo-Verdiana: recordação e escrita em Dina Salústio**. In: *Literatura e cultura de Cabo Verde navegando pelas ilhas e pelo mundo/ org.: Agnaldo Rodrigues da Silva, Geni Mendes de Brito e Simone Caputo Gomes – 1ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2021*

SILVA, Luiz (Cuti). **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

SOBRAL, Cristiane. **Pixaim, conto de Cristiane Sobral**. Blogspot: postado em 24 de janeiro de 2011. Acessado em 06 de janeiro de 2024, disponível em: <https://cristianesobral.blogspot.com/2011/01/pixaim-conto-de-cristiane-sobral.html>

ZOLIN, Lucia Osana. **Crítica feminista** In: *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Thomas Bonicci e Lucia Osana Zolin (orgs). Maringá: Eduem, 2009. p. 257 – 285.